

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

VANESSA DE ALMEIDA MOURA

MARIALZIRA PERESTRELLO:
A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UMA MÉDICA E PSICANALISTA CARIOCA
(1934-1962)

Rio de Janeiro
2019

VANESSA DE ALMEIDA MOURA

**MARIALZIRA PERESTRELLO:
A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UMA MÉDICA E PSICANALISTA CARIOCA
(1934-1962)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiana Facchinetti

Rio de Janeiro
2019

VANESSA DE ALMEIDA MOURA

**MARIALZIRA PERESTRELLO:
A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UMA MÉDICA E PSICANALISTA CARIOCA
(1934-1962)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cristiana Facchinetti (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

Prof. Dr. Luiz Otavio Ferreira (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof^a. Dr^a. Janaína Martins Cordeiro (Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense)

Suplentes:

Dr^a. Eliza Teixeira de Toledo (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Alexandre de Carvalho Castro (Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas/Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca- CEFET/RJ)

Rio de Janeiro

2019

Ficha Catalográfica

M929m Moura, Vanessa de Almeida.

Marialzira Perestrello: a trajetória profissional de uma médica e psicanalista carioca (1934-1962)/Vanessa de Almeida Moura.– Rio de Janeiro: s.n., 2019.
124f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde)
– Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.

Bibliografia: 110-124f.

1. Psicanálise. 2. Pesquisadores. 3. Identidade de Gênero
4. História do Século XX. 5. Brasil.

CDD150.9

Catálogo na fonte –Adriane Oliveira de Andrade da Silva – CRB7-
6949

A Geraldo Batista de Moura (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS:

Agradeço à Fundação Oswaldo Cruz por ter me dado a possibilidade de fazer pesquisa.

À minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Cristiana Facchinetti, que me ajudou a amadurecer intelectualmente.

À minha mãe, Denise Cavalcanti de Almeida Moura e minha irmã, Aline de Almeida Moura, que deram força para terminar o mestrado.

Ao meu amigo e companheiro Cristiano Moreira Pinto que nos momentos mais difíceis, deu-me o apoio que necessitava para não desistir de tudo.

Aos professores doutores das disciplinas, Simone Kropf, Kaori Kodama, André Felipe Silva, Dominichi Miranda Sá, Rômulo de Paula Andrade, Gabriel Lopes Anaya e Allister Andrew Teixeira Dias, que me ajudaram a desenvolver alguns temas desta dissertação e que, também, me introduziram ao campo da História das Ciências e Saúde.

Aos colegas do mestrado, com os quais dividi algumas angústias.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e Saúde, Sandro Hilário, Maria Claudia Cruz e Paulo Chagas pelo auxílio nos trâmites burocráticos.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar a formação e profissionalização da médica e psicanalista Marialzira Perestrello (1916-2015), uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, com a intenção de fornecer novos subsídios ao processo de institucionalização do movimento psicanalítico no Brasil e à história das ciências, sob um viés de gênero. O recorte cronológico é de 1934 a 1962, abrangendo desde sua entrada na Faculdade de Medicina até sua formação como psicanalista didata. A partir dessa delimitação temporal, analisaremos a geração em que ela está inserida, constituída por médicos que buscam na fundação de sociedades reconhecidas pela IPA uma maneira de legitimarem e se diferenciarem perante a prática psicanalítica. Apesar do foco na dimensão profissional de Marialzira, através do conceito de biografia coral, retratamos o sujeito como multifacetado ao ressaltar questões de gênero em sua formação, uma vez que ela fez parte de uma geração de mulheres que investiram em carreiras acadêmicas no início do século XX, comprovando como isso pode interferir na construção de trajetórias profissionais. Evidencia-se também que a análise da trajetória de Marialzira Perestrello espelha seu destino particular e traz questões mais gerais da história da psicanálise e de questões de gênero. Portanto, a compreensão de sua trajetória, ao levar em consideração certa quantidade de relações objetivas pertinentes, ocorreu pela análise das posições ocupadas pela médica e psicanalista, e de sua rede de sociabilidade.

Palavras chave: história da psicanálise; gênero; Marialzira Perestrello; biografia; trajetória profissional.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to analyze the formation and professionalization of the physician and psychoanalyst Marialzira Perestrello (1916-2015), one of the founders of the Brazilian Society of Psychoanalysis of Rio de Janeiro, intending to provide new subsidies to the process of institutionalization of the psychoanalytic movement in Brazil and the history of science, under a gender bias. The chronological scope is from 1934 to 1962, ranging from her entrance in the Faculty of Medicine to her formation as a trained psychoanalyst. From this temporal delimitation, we will analyze the generation in which she was inserted, constituted by doctors who seek in the founding of societies recognized by the IPA a way of legitimating and differentiating themselves at the psychoanalytic practice. Despite the focus on the professional dimension of Marialzira, through the concept of choral biography, we portrayed the subject as multifaceted by highlighting gender issues in her formation, since she was part of a generation of women who invested in academic careers at the beginning of the century XX, proving how this can interfere in the construction of professional trajectories. It is also evidenced that the analysis of the trajectory of Marialzira Perestrello reflects her particular destiny and brings more general questions of the history of psychoanalysis and of the questions of gender. Therefore, the understanding of her trajectory, taking into account a certain amount of pertinent objective relations, occurred by analyzing the positions occupied by the physician and psychoanalyst, and by her network of sociability.

Keywords: History of Psychoanalysis; Gender studies; Marialzira Perestrello; Biography; Professional trajectory.

LISTA DE ABREVIACÕES

APA- *Asociación Psicoanalítica Argentina.*

CEJM - Centro de Estudos Juliano Moreira

COI-DNSAM- Clínica de Orientação da Infância do Serviço Nacional de Doenças Mentais

COI-IPUB- Clínica de Orientação à Infância do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil

COJ - Clínica de Orientação Juvenil do Ministério da Educação e Saúde (MES)

DINSAM- Departamento Nacional de Saúde Mental

IBP- Instituto Brasileiro de Psicanálise

IPA - *Internacional Psychoanalytical Association.*

SNDM – Serviço Nacional de Doenças Mentais.

SBPRJ - Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

SBPSP- A Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

SPRJ- Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<u>CAPÍTULO 1. A FORMAÇÃO MÉDICA NO INÍCIO DO SÉCULO XX E AS MULHERES: O CASO DE MARIALZIRA PERESTRELLO</u>	22
1.1 AS INFLUÊNCIAS FAMILIARES E A ESCOLHA PELA MEDICINA.....	22
1.2 A FACULDADE DE MEDICINA NOS ANOS 30.....	27
1.3 O ENSINO DAS CLÍNICAS NEUROLÓGICA E PSIQUIÁTRICA	31
1.4 A PSICANÁLISE ENTRE OS CATEDRÁTICOS DE PSIQUIATRIA E NEUROLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA.....	34
1.5 O ACESSO DAS MULHERES À EDUCAÇÃO NO BRASIL	40
1.6 CENTROS FEMININO DE CIENCIAS, ARTES E A UNIÃO UNIVERSITÁRIA FEMININA.....	45
<u>CAPÍTULO 2: ENTRE A MÃE DE FAMÍLIA E A PROFISSIONAL: DILEMAS DE UMA GERAÇÃO</u>	48
2.1 TRANSIÇÕES ENTRE A ESTUDANTE DE MEDICINA E AS PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO EM SUA IDA PARA BOGOTÁ.....	48
2.2 A UNIÃO ENTRE DANILO E MARIALZIRA.....	51
2.3 O TRABALHO COMO “TAREFEIRA”	57
2.4 O PAPEL DE MÃE.....	60
2.5 O SEGUNDO EMPREGO DE MARIALZIRA PERESTRELLO NA FACULDADE DE MEDICINA	65
<u>CAPÍTULO 3: A FORMAÇÃO DE PSICANALISTAS PELA <i>INTERNATIONAL PSYCHOANALYSIS ASSOCIATION- IPA</i> E O CASO DE MARIALZIRA PERESTRELLO.....</u>	74
3.1 A CONSOLIDAÇÃO DA <i>ASOCIACIÓN PSICOANALÍTICA ARGENTINA</i> (APA) E ARELAÇÃO ENTRE MÈDICOS BRASILEIROS E ARGENTINOS.....	74
3.2 CRITÉRIOS PARA UMA NOVA PROFISSÃO: DEBATES SOBRE A FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE.....	87
3.3 SER MULHER E PSICANALISTA.	93
3.4. MARIALZIRA PERESTRELLO TORNA-SE ANALISTA.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
BIBLIOGRAFIA.....	110

INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta dissertação é analisar a formação e a trajetória profissional de Marialzira Perestrello, uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro,¹ de modo a dar novos subsídios ao processo de institucionalização do movimento psicanalítico no Brasil e à história das ciências, sob um viés de gênero. Examinamos, igualmente, as escolhas tomadas durante o percurso profissional, ressaltando marcas geracionais e/ou individuais no processo de formação da personagem em questão. O desenvolvimento da pesquisa é ainda marcado por três objetivos específicos, a saber, a análise da inserção de Marialzira Perestrello na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, a investigação das tentativas de entrada da Marialzira Perestrello no mercado de trabalho e o exame da formação de Marialzira Perestrello em psicanálise. A trajetória de Perestrello abrange muitas discussões a que esta pesquisa buscou abranger, como aquelas relacionadas à história da psicanálise e da psiquiatria no Rio de Janeiro, à história das profissões e aos estudos de gênero.

Apesar de mais centrada na dimensão profissional de Marialzira, a narrativa inspirou-se no conceito de *biografia coral*, proposto pela historiadora Sabina Loriga (1998:245), e que chama atenção para a multiplicidade do eu do sujeito. Segundo Loriga, a análise de trajetórias requer o cuidado de não se fazer simplificações e de não procurar apenas um sentido linear ou coerente para os fatos ocorridos. Nesse sentido, o estudo da formação e trajetória profissional de Perestrello considerou sua atuação em diferentes espaços, como a faculdade de medicina e a sociedade de psicanálise, bem como seus papéis não somente como médica e psicanalista, mas também como mulher e sujeito do seu próprio tempo. Por outro lado, como indica Figuerôa (2007: 4), um desafio desse tipo de análise é reunir peças muito variadas e, aparentemente, desconexas, em uma narrativa que confere um sentido, esquivando-se, ao mesmo tempo, de encaminhar o biografado em uma linha reta e ascensional em direção ao sucesso (FIGUERÔA, 2017:4).

¹Primeira sociedade de psicanálise no Rio de Janeiro reconhecida pela *International Psychoanalysis Association* (IPA). Na década de 1920 houve uma sociedade (com seções no Rio e em São Paulo) reconhecida como *Study Group* pela IPA (MELLONI, 2009).

Ademais, esta dissertação dialogou com discussões acerca do tema da biografia, o que nos auxiliou na construção de conexões entre o geral e o particular e entre a regra e as margens de manobras. Se por vezes as biografias indicam que indivíduos e seus comportamentos não podem ser reduzidos a normas sociais, em outros casos, elas podem servir de evidências para regras gerais (LEVI, 2001: 167). No entanto, a maioria das questões metodológicas da historiografia em relação à biografia relaciona-se com problemas de escalas, com associações entre regras e práticas, bem como limites entre liberdade e racionalidade (LEVI, 2001: 168). Nesse sentido, embora este campo seja ideal para verificar a liberdade de que dispõem os agentes (LEVI, 2001: 180), cabe ressaltar a necessidade de evitar simplificações em relação ao sujeito (LORIGA, 1998:255) ou ao seu encaixe, de maneira forçada, em um determinado contexto sócio-histórico (LORIGA, 1998: 247-249).

Além disso, de acordo com uma das perspectivas da micro-história, a escolha de uma escala menor pode produzir conhecimentos específicos e tornar possível uma releitura de fenômenos maiores (REVEL, 2010: 438-439). Mesmo que não se possa transferir para o âmbito macroscópico os resultados obtidos em âmbito microscópico (e vice-versa), torna-se relevante o exame das singularidades de uma trajetória, como fizemos com o caso de Marialzira Perestrello. De acordo com Carlo Ginzburg (2007:277), esta heterogeneidade é, ao mesmo tempo, a maior dificuldade e a maior riqueza e potencial da micro-história, como verificável em alguns aspectos da trajetória profissional de Perestrello. A nossa proposta metodológica procurou, pois, integrar a trajetória profissional dentro de um campo mais amplo de debates e embates sobre as novas posições que as mulheres alcançaram na sociedade brasileira na primeira metade do século XX, mostrando como o caso de Perestrello não era isolado. Além disso, propomos conexões mais gerais com a história da psicanálise no Rio de Janeiro.

De acordo com Figueirôa (2007:1), os estudos biográficos são também importantes instrumentos para a compreensão das ciências e das tecnologias, uma vez que, como todo empreendimento humano, essas últimas também são fruto do trabalho de indivíduos (em particular ou em grupos) em um determinado tempo e espaço. Para a autora, os estudos biográficos ajudam, através do particular, na compreensão de padrões mais amplos, como o desenvolvimento de ideias, práticas, papéis culturais e/ou políticos nas ciências e tecnologias. Assim, padrões se tornam visíveis tanto através das generalidades quanto através das especificidades (FIGUERÔA, 2007:4). Além disso, segundo Steven Shapin (1993: 337), não é necessariamente equivocado avaliar os

estágios iniciais de uma vida para compreender seus desdobramentos. Com ambos os autores, buscamos salientar a importância de se evitar compreender o desenvolvimento pessoal como processo de competência individual apenas. Buscamos, desse modo, incluir as trajetórias individuais em um fluxo complexo e contínuo de transações entre indivíduos, sem descartar ou restringir o papel das circunstâncias socioculturais.

No desenvolvimento da pesquisa foi igualmente relevante a questão da memória. Pierre Nora (1993: 9) distingue *memória* e *história* ao tratar a memória como viva e, por isso, sempre em movimento. A memória é vulnerável a revitalizações por determinados grupos e possui uma ligação com o presente. Por outro lado, a história, enquanto disciplina, é a reconstrução incompleta do que não existe mais, sendo uma representação do passado. A história é uma operação intelectual que demanda análise e discurso crítico. A memória possui relação com as identidades individual e coletiva, já que ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação e de transformação em função do contexto e das pessoas que o cercam. Neste caso, o grupo específico representado é composto pelos estudantes de medicina da Universidade do Brasil e pelo conjunto de médicos que conformou o primeiro grupo de didatas da IPA do Rio de Janeiro. Foi por isso que nos preocupamos em colocar em perspectiva entrevistas que utilizamos e em procurar outros tipos de fontes para apoiá-las ou confrontá-las.

A análise das entrevistas foi importante para colocarmos questões sobre a construção de memória dos atores envolvidos. Esta construção depende da aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade, o que se faz através de negociações. Se a confrontação entre memória individual e a dos outros é possível, a memória e a identidade estão sempre em disputas intergrupais e, principalmente, fazem parte de divergências políticas (POLLAK, 1992). Além disso, consideramos que qualquer um que decida contar sobre sua existência não a reduzirá a um conjunto de fatos à disposição da filosofia do outro (nem se quisesse). O que nos motiva a narrar algo é a tentativa de expressar o significado de uma experiência através dos fatos. A subjetividade constitui o argumento do discurso. Recordar é interpretar (PORTELLI, 1996:60), ou podemos dizer, re-interpretar.

Em relação ao material bibliográfico disponível sobre a figura de Marialzira Perestrello (1916-2015) propriamente dita, encontramos um artigo, um capítulo de livro e uma dissertação. São esses, respectivamente, “Marialzira Perestrello: uma mulher de vanguarda e pioneira da Psicanálise”, de Jorge Abrão (2016), “Marialzira Perestrello:

encontros psicanalíticos”, de Regina Murat (2012) e a dissertação “*Marialzira Perestrello: um pouco da vida e obra de uma pioneira da Psicanálise do Rio de Janeiro*”, de Ana Karina Fachini Araújo (2004).

Através de entrevistas colhidas junto a Marialzira Perestrello (1916-2015) nas duas primeiras décadas do século XXI e de análise documental, o artigo de Jorge Abrão (2016:38) destaca a participação dela na fundação da SBPRJ e seu papel na Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. Além disso, destaca o fato de Marialzira Perestrello ter sido a primeira mulher a habilitar-se psicanalista no Rio de Janeiro (ABRÃO, 2016: 50-51). O material colhido por Abrão marcou mais a memória do que a história da psicanálise local e, embora trouxesse diversos temas importantes para esta pesquisa, mereceu ser problematizado, por exemplo, ao colocar Perestrello como pedra angular de mulher psicanalista carioca, uma vez que a também psicanalista carioca Iracy Doyle (1911-1956) já havia realizado sua análise didática em Nova York, com Meyer Maskin, durante os anos de 1940 (no mesmo período em que a Marialzira Perestrello faziaa sua na Argentina). Doyle, entretanto, recusava a ortodoxia da IPA e, por isso, nunca se tornou membro da instituição (ROUDINESCO; PLON, 1998: 161-162). Em 1953, Doyle fundou o Instituto de Medicina Psicológica, que privilegiava o pluralismo teórico e dava mais ênfase à determinação sociocultural sobre o psiquismo. Doyle morreu em 18 de agosto de 1956, antes que a primeira turma se formasse (RUDGE, 2011: 428 e 429).

Regina Murat (2012) apontou algumas facetas mais intimistas de Marialzira Perestrello, ressaltando o interesse da psicanalista pelo tema do envelhecimento, que surgiu quando foi convidada pela *Casa Gerontologia da Aeronáutica* a falar sobre a “Criatividade na Terceira Idade”, em 2000. Também indicou que Perestrello escreveu poemas, atividade iniciada quando foi fazer uma reanálise com Marie Langer em Buenos Aires. Quando retornou ao Brasil, Marialzira mostrou-os ao marido e ao filho, que receberam mal a notícia por considerar a escrita de poesia “frescura” (PERESTRELLO, 2000:5). Murat (2012:324) relaciona as poesias com o processo de reanálise de Perestrello com Marie Langer (1910-1987)² (em 1958, 1962, 1969 e 1970) por conta de um luto não elaborado por Perestrello em consequência do falecimento de sua mãe. Sobre o percurso de Perestrello na carreira de psicanalista, Murat indica os principais cargos administrativos exercidos por ela na Sociedade. Estes foram de chefe

² Nascida em Viena, a psicanalista Langer adotou o Freudismo, Marxismo e Feminismo. Foi uma das fundadoras da *Asociación Psicoanalítica Argentina* (APA). (ROUDINESCO; PLON, 1998: 461-462).

de clínica (1966), secretária científica (1963-1970), diretora do instituto (1972), chefe do Departamento de Pesquisas do Instituto (1973), Presidente (1975/1977) e Diretora do Instituto (1995/1996) (MURAT, 2012: 328). É um texto que exalta os atributos e a carreira de Marialzira Perestrello, mas sem problematizar os caminhos percorridos e as contradições durante o percurso de sua vida particular ou profissional. Com isso, a autora acaba por não questionar o discurso produzido pela própria Marialzira Perestrello sobre o pioneirismo dela e de outros membros de sociedades associados à IPA.

A dissertação de Ana Karina Araújo (2004) dividiu a obra de Marialzira Perestrello em três grandes áreas: vida de Freud e psicanálise; artes e literatura; e história da psicanálise. A escolha por esta divisão adveio da própria Marialzira que, em entrevista concedida à autora, teria afirmado que esses eram os temas que ela tinha o maior interesse (ARAÚJO, 2004: 6). A autora, porém, afirmou que, de acordo com uma análise da obra de Marialzira, outros temas também podem ser destacados, como conceitos psicanalíticos, adolescência e aconselhamento matrimonial (ARAÚJO, 2004: 9). De qualquer forma, as principais fontes de Araújo são os textos publicados pela psicanalista, material advindo de seu arquivo pessoal, e duas entrevistas realizadas com ela, uma no mês de março e outra em outubro de 2003 (ARAÚJO, 2004: 7). A bibliometria organizada por Araújo foi uma grande contribuição para esta pesquisa. No levantamento da autora, entre 1984 a 2001, Marialzira Perestrello escreveu 20 textos sobre a história da psicanálise, sendo seis apresentações orais e quatorze publicações. A primeira publicação, de 1984, denominada “Contribuição para a História da SBPRJ”, foi publicada no *Boletim Científico da SBPRJ*. No texto da apresentação do I Simpósio do Departamento de Pesquisa da SBPRJ, de 1986, Marialzira Perestrello reconheceu o esforço de psiquiatras da geração anterior, chamando-os de “autodidatas”, “precursores³” e de “primeiros leitores de Freud”, já que teriam aprofundado e divulgado a teoria psicanalítica. Em sua perspectiva, eles teriam tentado utilizar a técnica, em um período que não existiam psicanalistas formados e formadores (ARAÚJO, 2004: 24 e 25). Na comunicação oral “La influencia de los analistas argentinos sobre sus colegas de Brasil”, de 2001, Marialzira escreveu sobre a influência dos analistas argentinos na psicanálise brasileira. Por exemplo, Danilo Perestrello, marido de Marialzira, teria levado para o Hospital de Engenho de Dentro o trabalho

³Danilo Perestrello já havia utilizado o termo em “Contribuição ao estudo da história da psicanálise no Brasil”, publicado em 1976 na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Ver em Castro, 2014.

com psicóticos que aprendera com Enrique Pichòn-Rivière (1907-1977)⁴ e Marialzira aplicou na Clínica de Orientação Infantil o que aprendeu com Arminda Aberastury (1910-1972)⁵. Também afirmou, neste trabalho, que foi ela a primeira mulher a ser reconhecida como analista didata no Rio de Janeiro (ARAÚJO 2004: 29-30). Na dissertação, Araújo retomou a entrevista de Marialzira para tratar do tema da psicanálise de crianças. Perestrello revelou, então, que ela abraçou inicialmente essa especialidade a contragosto, apenas por constituir essa a única oportunidade profissional que se apresentou a ela.

Os três trabalhos constituem uma bibliografia rica de informações biográficas sobre Marialzira, mas essa trajetória foi contada a partir de relatos elaborados pela própria personagem da trama, trazendo como resultado o privilégio das sociedades ipeanas sobre todos os outros agrupamentos psicanalíticos e delineando certo pioneirismo do grupo do qual Marialzira fez parte. É no diálogo e debate com esta bibliografia, bem como com referência à história contada pela própria personagem, que nosso trabalho foi construído.

Em relação à historiografia da psicanálise, Cristiana Facchinetti e Rafael Castro (2015: 24) também contribuíram com a oferta analítica de diferentes origens e temporalidades do grau zero da psicanálise no país ao problematizar indicações, como a de Marialzira Perestrello, que valorizam como “verdadeiro” apenas o movimento psicanalítico alinhado ao modelo da IPA. Estas discussões são relevantes para a dissertação apresentada por permitirem reconhecer especificidades da história da psicanálise produzida no Rio de Janeiro e permitir, assim, incluir no âmbito dessa história uma geração de leitores de Freud e outra de fundadores de sociedades ligadas à IPA.

Além disso, como afirma Carlos Ponte (1991:91), os psiquiatras renomados das décadas de 1920 e 1930 ajudaram a atribuir à teoria psicanalítica uma imagem de bem público, facilitando sua legitimação. Em outras palavras, é com a valorização social dada à Psicanálise por estes psiquiatras que a prática passou ser vista como promissora. Isto contribuiu para que a geração subsequente tivesse interesse em uma formação mais

⁴Enrique Pichòn-Rivière (1907-1977) nasceu em 25 de Junho de 1907, em Genebra. Aos 19 anos, muda-se para Buenos Aires para estudar Medicina. Iniciou sua prática psiquiatra, no asilo de Torres, onde estuda os problemas sexuais de pacientes com debilidade mental (*ASOCIACIÓN*, 1982: 15). Forma-se em Medicina em 1936, e começa a trabalhar no Hospital de las Mercedes. Em 1940, começa a analisar-se com Angel Garma, com supervisão de Cárcamo (*ASOCIACIÓN*, 1982: 16).

⁵Nascida em Buenos Aires, casou-se com Pichon-Rivière em 1937. Inspirada em Melanie Klein (de quem foi a primeira tradutora em língua espanhola) e em Sophie Morgenstern, dedicou-se a psicanálise de crianças. Aos 62 anos, ela suicidou-se (ROUDINESCO; PLON, 1998:1).

sistemática, sendo que, com a ausência de instituições e de pessoal qualificado para iniciar a formação, a IPA tornou-se a única referência para aqueles que pretendiam ser psicanalistas (PONTE, 1999).

Maria Teresa Melloni (2009), ao tratar do processo de institucionalização da psicanálise do Rio de Janeiro entre os anos de 1937 e 1959, contribuiu igualmente com esta pesquisa ao demonstrar que existiu, especialmente a partir de 1941, por parte do Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), forte crença no valor terapêutico da psicanálise para o tratamento de diversas doenças mentais. Por causa disso, o SNDM passou a oferecer bolsas de especialização em psicanálise no exterior. Durante os treze anos em que esteve à frente do SNDM (1941-1954), Aduino Botelho (1895-1963) destinou verbas volumosas em comparação ao que era aplicado em outras especialidades ou direcionado a psiquiatras que não se interessavam pela psicanálise. O valor do investimento em treinamento psicanalítico era quase o dobro do que se aplicava à neurologia e mesmo à psiquiatria, atividade fim do SNDM (MELLONI, 2009). O trabalho de Melloni (2009) traz, ainda, novos dados que indicam o investimento de recursos dados pelo governo à especialização da Psicanálise e elucidam o papel do Estado no processo de institucionalização das sociedades ipeanas.

Outra importante contribuição adveio da dissertação de mestrado do historiador Carlos Ponte (1999), que analisa a história da psicanálise a partir da sociologia das profissões. Essa busca pelo reconhecimento por meio da adesão à IPA teria relação com o modelo de profissão liberal que a psicanálise então oferecia, ou seja, a oportunidade de uma inserção profissional que permitiria aos psiquiatras escapar dos constrangimentos do serviço público e do trabalho assalariado, característicos das instituições asilares que representavam, na época, a quase totalidade do mercado de trabalho para os psiquiatras. Na verdade, segundo o autor, o ideal daqueles que buscavam a medicina como profissão era possuir uma clínica particular, o que representava uma maior autonomia e melhores condições de trabalho (PONTE, 1999: 94-95).

Em relação à história das profissões, ressaltamos a proposta de Eliot Freidson (1995) sobre a noção de profissionalismo, que são tipos-ideais definidos pelas circunstâncias, e que fornecem aos trabalhadores especializados recursos para que controlem o próprio trabalho. Na tese de Freidson (1995), o profissionalismo representa um método que organiza a divisão do trabalho, expressa as circunstâncias em que as ocupações negociam os limites jurisdicionais, controlam e estabelecem a própria

difusão do trabalho. Freidson (2009:24) afirma que não existe consenso acerca o que significa “profissão”, podendo ser definido tanto a partir de valores culturais ou cónitos quanto através da dedicação individual.

Ainda neste tópico, Maria Lígia Barbosa (1998: 133) afirmou que o processo de profissionalização no Brasil só ocorreu no início do século XX, com os médicos sanitaristas e engenheiros. Antes disso, existiam os advogados, mas a base de afirmação e legitimação de nossos bacharéis vinha de suas respectivas situações de classe, patrimônio familiar e relações sociais e políticas. Os sanitaristas, ao contrário, destacaram-se a partir do saber científico. Por outro lado, de acordo com Dominichi Sá (2006:13), em fins do século XIX, a intelectualidade brasileira começou a se especializar. Na linguagem culta da Corte Imperial, literatos eram aqueles que conheciam vários ramos do saber. “Literatura” era sinônimo de instrução e conhecimento, englobando oratória política, medicina, direito, filosofia, as letras, ciência, eloquência, gramática, filologia, história e as humanidades (SÁ, 2006: 13). No final do século XIX, a vasta instrução perdeu grande parte de seu prestígio público. A palavra “literatura” começou a adquirir um novo significado – a “arte de ficção”, perdendo sua aproximação semântica com as “humanidades” e com a ideia de “conhecimento” (SÁ, 2006:14). No século XX, a agenda defendida pelos cientistas era a especialização intelectual como o caminho mais seguro “para a prosperidade do trabalho científico brasileiro e sua equiparação internacional” (SÁ, 2006:15).

É interessante que em relação à Medicina, segundo Freidson (2009:32), esta teria reunido condições para se tornar uma ocupação de consulta no final do século XIX, depois de ter desenvolvido uma base científica suficiente que a fez parecer superior ao trabalho dos curandeiros. Consolidou sua posição no século XX à medida que aperfeiçoou o ensino médico e que a educação da população em geral elevou-se a ponto de receber e aceitar seus serviços. A medicina tornou-se a profissão mais autorregulada e com maior controle sobre o processo do próprio trabalho (FREIDSON, 1978). O conhecimento médico sobre doenças e tratamentos passou a ser considerado definitivo e autorizado, apesar de algumas exceções como a quiropraxia e a homeopatia. Segundo o autor, ela seria altamente reconhecida pelo público, o que explica o seu grande prestígio (FRIEDSON, 2009:25).

No Brasil, após os anos de 1930, o crescente processo de urbanização e as mudanças nos padrões sanitários contribuíram para fundamentar a necessidade social de formação médica (BULCÃO, EL-KAREH E SAYD, 2007: 472). Além disso, a

implantação de hospitais e postos de saúde, aliados ao crescimento demográfico das cidades, convergiu para um próspero mercado para a medicina de qualidade (BULCÃO, EL-KAREH E SAYD, 2007: 486). A medicina tornou-se uma profissão que atendia às necessidades do Estado populista, às expectativas de *status* e aos valores dos setores médios e urbanos (BULCÃO; EL-KAREH E SAYD, 2007: 472). Os psiquiatras queriam ter uma própria consultoria e a psicanálise tornou-se uma boa alternativa (PONTE, 1999). A medicina é caracterizada como uma ocupação de consulta, ou seja, depende mais dos conhecimentos e visa resolver um problema prático (FRIEDSON, 2009:41; 42).

No que diz respeito à história mais ampla da medicina no Brasil, também há aqui contribuições para a pesquisa, especialmente no que diz respeito a uma bibliografia sobre a formação médica. No período em que Marialzira Perestrello esteve na Universidade do Brasil, entre as décadas de 1930 e 1940, ocorreram redirecionamentos na medicina e saúde do país. Autores como Lúcia Grandó Bulcão; Almir Chaiban El-Kareh; Jane Dutra Sayd e André Mota (2007) e Lilia Blima Schraiber (2009) foram referências importantes para a dissertação, pois focalizaram o ensino e profissionalização de medicina no Brasil. Uma das questões levantadas pelos autores é o da paulatina centralização das políticas públicas de saúde e de educação. Em 1930, foi instituído um governo provisório que ficou responsável pela criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. A pasta foi chefiada por Gustavo Capanema até o fim do Estado Novo. Foi nesta gestão que se iniciaram os estudos para a criação da Universidade do Brasil (BULCÃO, EL-KAREH E SAYD, 2007: 471). O governo instituído com a Revolução de 1930, tendo em vista seu caráter centralizador, determinava que o ensino universitário tivesse como finalidade a investigação científica e habilitava o estudante para o exercício de atividades que exigissem preparo técnico e científico (BULCÃO, EL-KAREH E SAYD, 2007: 476). A gestão Capanema dividiu o território brasileiro em oito regiões e em cada uma existia uma Delegacia Federal de Saúde. O objetivo era coordenar, executar e fiscalizar as ações de saúde do Estado através de uma centralização política e administrativa (MOTA; SCHRAIBER, 2009: 348), o que também influenciou os currículos das Universidades. Com o decreto 5.351 de 1932 houve um processo de reorganização, obrigando os currículos a adaptarem-se à Reforma Francisco Campos, que controlava e centralizava o ensino superior junto ao governo federal e homogeneizava o ensino (SILVA, 2003:25 *apud* MOTA; SCHRAIBER, 2009: 353).

O livro *A Faculdade de meus dias*, de Bruno Alípio Lobo (1994), descreveu alguns costumes dos estudantes de Medicina da Universidade do Brasil na década de 1930. O autor fez parte da turma de Marialzira Perestrello e, baseando-se em sua própria memória, narra experiências acerca do vestibular, das aulas e da formatura. São relatos que oferecem uma noção de como era o dia-a-dia dos alunos na Faculdade de Medicina desde a difícil entrada para o curso.

Acompanhar as memórias de Bruno Lobo permitiu compreender melhor as motivações intelectuais dessa geração e do seu entorno, sua sociabilidade e expectativas. Permite ampliar o acesso a esse grupo que participou como recém-formado da primeira turma de concursados do Serviço Nacional de Doenças Mentais (CASTRO, 2014) e que buscou institucionalizar a psicanálise por meios independentes aos da Universidade do Brasil (PONTE, 1999).

As mudanças na estrutura política e o avanço industrial valorizaram a técnica, o que atingiu também o movimento psicanalítico (FACCHINETTI E PONTE 2003:66-67). O governo, devido às preocupações nacionalistas, fez campanha cívica que engajou o intelectual a Serviço do Nacional, fazendo recomendações eugênicas/ higiênicas e exaltando a ciência e a técnica (AZEVEDO E FERREIRA, 2006:243). A escolarização da sociedade tornou-se também motivo de mobilização social e objeto de políticas públicas (AZEVEDO E FERREIRA, 2006:239). O tipo de educação recebido nas escolas de formação profissional era, muitas vezes, voltado para tornarem as mulheres “educadoras sociais”, ou seja, para que fossem capazes de conduzir a administração doméstica, educação sanitária ou assistência social (AZEVEDO E FERREIRA, 2006:241). Consequentemente, muitas mulheres entraram em campos tradicionalmente tidos como femininos, tais como o magistério, a enfermagem, a nutrição e o serviço social. Isso significa que, à medida que se difundiam novas representações sobre o que era ser “dona-de-casa” e “mãe de família”, promovia-se a escolarização e profissionalização de uma parcela da população feminina (AZEVEDO E FERREIRA, 2006:241). Os autores nos permitem considerar que o fato de mulheres trabalharem com crianças ou exercerem uma profissão tipicamente feminina não representou, simplesmente, uma forma de opressão. Muitas mulheres podem ter se utilizado disto enquanto estratégia para entrar no mercado de trabalho ou em instituições de ensino.

Rachel Soihet (2006) também ajuda a discutir a formação médica para mulheres e considerar o tamanho dessa ousadia. Segundo a autora, ainda em fins do século XIX, devido à rígida moral católica e às concepções científicas da época, considerava-se

haver diferentes aptidões para homens e mulheres e, por isso, a educação deveria ser diferenciada para os dois sexos. Soihet (2006) nos informa que, enquanto os homens cursavam o ensino secundário para ter acesso aos cursos superiores, as moças, em sua maioria, encaminhavam-se para as escolas destinadas à profissionalização e/ou ao preparo do lar. Além disso, o Código Civil de 1916 negava a cidadania às mulheres, pois as equiparava aos incapazes, mantendo-as na dependência do marido. Assim, o Código dava ao esposo o direito de negar permissão para a sua companheira trabalhar, viajar para o exterior, ter conta bancária etc. Somente em 1962 ocorreu uma reforma do Código Civil, com a Lei 4.121.

O impacto disso não poderia ser outro, como nos mostram as autoras Hildete Pereira de Melo e Maria Carolina Pereira Casemiro (2003). Elas confirmam as percepções de Soihet (2006), assim como as indicações feitas por Azevedo e Ferreira (2006), ao contabilizarem a quantidade de homens e mulheres que se tornaram membros e titulares da Academia desde 1929, ano de sua fundação. Através das autoras, ficamos sabendo que o ingresso feminino na Academia Nacional de Medicina foi tardio, ou seja, o início da presença feminina se deu apenas em 1871, 42 anos depois da fundação da Academia. A pioneira foi Maria Josephina Mathilde Durocher (1802-93), francesa naturalizada brasileira, parteira diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no final da década de 1830. O fato é que, entre os anos de 1829 e 2002, apenas cinco mulheres foram eleitas como membro titular da Academia Nacional de Medicina, enquanto 612 homens se tornaram titulares, demonstrando os impasses e as dificuldades das mulheres médicas em alcançarem elevados patamares de reconhecimento na sua profissão (MELO; CASEMIRO, 2003).

Estas discussões sobre a História das profissões, a História da Medicina e a História da Psicanálise nos ajudaram a pensar sobre o significado de se cursar uma faculdade de medicina e se tornar psicanalista, ainda mais se tratando de uma mulher. Cabe ressaltar que, na primeira metade do século XX, houve grandes transformações em relação a alguns padrões de gênero. As mulheres, particularmente as que residiam nas cidades, vivenciavam as transformações de maneira conflitante (OSTOS, 2009: 92) Ao mesmo tempo em que o meio urbano oferecia às mulheres a possibilidade de conhecer outras formas de convivência, além do espaço doméstico, como diferentes locais de diversão, estabelecimentos de ensino e postos de trabalho (OSTOS 2009: 70), à época, ainda cabia à mulher, principalmente à mãe branca e de classe média, cuidar da formação moral das crianças (OSTOS, 2012: 326).

Portanto, tal bibliografia nos permitiu compreender, então, o significado de uma mulher cursar medicina e se tornar psicanalista na primeira metade do século XX. É preciso considerar o momento histórico que propiciava, de certo modo, a entrada da mulher no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, alguns entraves ainda persistiam no sentido de que as mulheres ainda não possuíam acesso a todos os espaços de trabalho. Dentre esses, podemos destacar o campo da Medicina. Buscamos analisar o fato de Marialzira Perestrello ter se tornado médica e psicanalista.

CAPÍTULO 1

A FORMAÇÃO MÉDICA NO INÍCIO DO SÉCULO XX E AS MULHERES: O CASO DE MARIALZIRA PERESTRELLO

Este capítulo se dedica a examinar a passagem de Marialzira Perestrello pela Faculdade de Medicina (1934-1939) do Rio de Janeiro e contextualizar a inserção e o cotidiano de mulheres no curso de Medicina na década de 1930. Além disso, o capítulo destaca o papel das estudantes mulheres junto ao Centro Feminino de Ciências, Artes e Letras⁶ e à União Universitária Feminina,⁷ a fim de discutir o impacto dessas experiências na trajetória profissional de Marialzira Perestrello.

1.1 AS INFLUÊNCIAS FAMILIARES E A ESCOLHA PELA MEDICINA

Marialzira Perestrello (1916-2015) nasceu em 05 de março de 1916, em Ipanema, no Rio de Janeiro. O seu pai era o consagrado jurista Francisco Cavalcante Pontes de Miranda (1892-1979). Na entrevista⁸ concedida em 1992 a Begonha Bediaga e Carlos Fidélis Ponte, na qual historiadores convidados pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) colheram entrevistas dos psicanalistas fundadores da sociedade, Marialzira falou sobre sua mãe, Beatriz Cavalcanti Albuquerque (?-1959).⁹ De acordo com a psicanalista, Maria Beatriz estudou enfermagem “na maturidade”, na década de 1930, em um curso para formação de voluntárias da Cruz Vermelha, tornando-se, posteriormente, presidente da Cruz Vermelha Brasileira.¹⁰ Além disso, ainda de acordo com as memórias da entrevistada,

⁶ O Centro tinha o objetivo “zelar pelos interesses da mulher brasileira e dos estudantes dos estabelecimentos superiores”. O intuito era formar um ambiente de estudos femininos sem uma proposta feminista. Ver *CORREIO DA MANHÃ*, 02/06/1935: 6.

⁷ Com interlocução com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), a União Universitária Feminina foi fundada em 1929. Dentre as fundadoras estavam Bertha Lutz e Carmen Velasco Portinho (1903-2001) (BONATO, 2006).

⁸ São entrevistas realizadas para o *Projeto Memória da SBPRJ*, de 1992, uma iniciativa da própria Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro de entrevistar todos os fundadores da SBPRJ. É importante ressaltar que as entrevistas foram feitas após os fatos e, portanto, são memórias que sofrem influências do período que são contadas. Ver em Pollack, 1992; Portelli, 1996.

⁹ Maria Beatriz Cavalcanti Albuquerque passou a se chamar Maria Beatriz Cavalcanti Pontes de Miranda quando casou com Francisco Pontes de Miranda. Após a separação, voltou a usar o nome de solteira. Para maior unificação das fontes, utilizaremos aqui os sobrenomes com que a autora faleceu, Cavalcanti Albuquerque.

¹⁰ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:16

Beatriz Cavalcanti apoiava os movimentos sufragistas e pertencia às fileiras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fundada pela sufragista Bertha Lutz (1894-1976). Segundo a filha, apoiada na rede de sociabilidade do seu marido, Maria Beatriz ia, junto com duas ou três outras senhoras, até os deputados pedir pelo voto feminino.¹¹ No que diz respeito às expectativas de Beatriz com relação às filhas, ela sempre as incentivou a conquistar sua independência financeira por mérito próprio (PERESTRELLO, Depoimento de 13/06/2012. *In*: ABRÃO, 2016: 50). Certamente, o posicionamento materno teve importância para o percurso de Marialzira Perestrello na universidade quando ela também passou a integrar a União Universitária Feminina da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.¹² Não é por outra razão que, em todas as vezes que Marialzira falava da mãe em suas entrevistas, ela a descrevia como uma mulher atenta às discussões sobre os direitos femininos.¹³

Quando se buscou maiores informações sobre Maria Beatriz Cavalcanti, constatou-se que não apenas sua mãe fez o curso de enfermagem, mas que chegou a lecionar na Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo¹⁴ (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS (DN)*, 31/08/1950: 4). Verificamos, através da *Revista da Cruz Vermelha (RCV)* (*RCV*, 1957: 70), que Maria Beatriz foi também chefe da seção de enfermagem da Cruz Vermelha.¹⁵ Finalmente, vale destacar que a Cruz Vermelha Brasileira (CVB) fez uma homenagem póstuma a Maria Beatriz, destacando sua importância para a instituição, ainda que não haja ali qualquer informação sobre suas funções ou cargos. A reportagem firmou então que “o falecimento de d. Beatriz [era] motivo de saudade e tristeza” e que a vida dela “foi consagrada, grande parte, à Escola de Enfermagem” (*RCV*, 04, 05 e 06/1960: 16).

Acompanhando seu percurso por meio de notícias nos jornais diários, fomos informados ainda que Maria Beatriz chegou a ser uma das representantes do Brasil no

¹¹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:21

¹² A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) foi um movimento de âmbito nacional que foi organizado no Rio de Janeiro, em 1922. Possuía o objetivo de reivindicar os direitos das mulheres e uma de suas lutas era na defesa do sufrágio feminino. A FBPF foi extinta em 1937 (ARANGO, 2016).

¹³ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 21.

¹⁴ A Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo foi criada em 1944, mas começou a funcionar apenas em 1948. A criação desta escola tem relação com a nova “ideologia desenvolvimentista”, em que se intensificou o serviço federal para o saneamento básico da Baixada Fluminense e a criação de vários centros de saúde e unidades sanitárias. Com novos empreendimentos, surgiu a preocupação de se ter mão-de-obra qualificada para atuar na saúde (LIMA; BAPTISTA, 2000).

¹⁵ Não foi possível localizar qualquer comprovação de que Beatriz tenha sido presidente da CVB, como afirmou Marialzira Perestrello (1992). Entretanto, houve um incêndio no arquivo da instituição na década de 1960 e todos os documentos produzidos no período anterior foram perdidos.

XI Congresso Internacional de Enfermagem, realizado em Roma, de 27 de maio a 1º de junho de 1957 (*JORNAL DO COMÉRCIO*, 10/03/1957: 8). Outro ponto de destaque era sua posição progressista na sociedade, perceptível ao ter se separado do marido, Francisco Pontes de Miranda, em um período em que não havia a Lei do Divórcio, aprovada apenas em 1977. Pelos jornais de época (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 08/05/1954), embora não seja esclarecida quando a separação ocorreu, ficamos a par de que Maria Beatriz tornou-se apta a casar novamente na década de 1950. E, como as notícias do seu falecimento indicam, ela celebrou segundas bodas com o dentista Cid Menegale (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 16/06/1959: 14). Menegale começou a dar aulas na Faculdade Nacional de Odontologia em 1965 (*JORNAL DO BRASIL*, 02/06/1965: 14). Em jornais de época, podemos obter conhecimento de que ele dava algumas palestras em espaços militares, como o Centro de Estudos Odontológicos do Exército (*CORREIO DA MANHÃ*, 29/08/1961: 3) e o Centro de Estudos Odontológicos da Polícia de Vigilância (*CM*, 30/08/1962: 7), e participava de semanas de estudos na Associação Brasileira de Odontologia (*O JORNAL*, 27/11/1963: 2).

As atividades profissionais, pessoais e políticas de Maria Beatriz Cavalcanti Albuquerque, segundo o Fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), abrangiam também sua participação como diretora e secretária da FBPF. No fundo da Federação, situado no acervo do Arquivo Nacional, encontramos até um bilhete de Beatriz para Bertha Lutz,¹⁶ em que podemos perceber certa proximidade entre as duas. Ela escreve: “Com todo o meu carinho envio esta lembrança, Bertha, para você botar hoje. Beatriz”.¹⁷ Em outra carta endereçada para Bertha Lutz e assinada por Maria Beatriz Cavalcanti Pontes de Miranda, Eugênia Hamann, Maria Luiza Doria Bittencourt e Maria Ritta Andrade, expressam apoio à decisão da presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino de se ausentar da Liga Eleitoral Independente (órgão ligado ao Partido Autonomista do Distrito Federal).¹⁸ As cartas de Beatriz Cavalcanti demonstram não apenas aproximação com Bertha Lutz, mas um grande interesse na luta pelos

¹⁶ Filha da enfermeira inglesa Amy Fowler e do cientista Adolfo Lutz, Bertha Lutz (1894-1976) foi líder feminista e bióloga. Teve contato com movimentos sufragistas quando estudou na Inglaterra e, quando regressou ao Brasil, aos 24 anos, tornou-se uma “defensora incansável dos direitos das mulheres”. Em 1919, criou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que foi “o embrião” da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Esteve à frente das mobilizações que culminaram com a aprovação do sufrágio feminino na década de 1930 (SCHUMACHER, 2000).

¹⁷ ALBUQUERQUE, Beatriz Cavalcanti. Bilhete para Bertha Lutz. S.d. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, Q0. BLZ, COR. TXT, A935.16

¹⁸ HAMANN *et al.* Carta para Bertha Lutz. S.d. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, Q0. ADM. COR. A935.36.

direitos femininos. Em outra missiva, de 1948, Cavalcanti lembra sobre uma comissão eleita “por delegadas credenciadas por associações convidadas pela Federação”. Como a votação fora feita “por falta absoluta dos sete membros” e aprovada por “quatro elementos”, Beatriz Cavalcanti sugeriu que os trabalhos continuassem “junto a todas as associações femininas no sentido de pleitear a reforma do Código Civil e outras reivindicações”. A carta era concluída com o apelo de que não poderiam ficar de “braços cruzados sem atender ao apelo de dezenas de associações organizadas [...]” que se interessavam “na luta pelas reivindicações femininas”.¹⁹

Em relação à família Pontes de Miranda, esta estava inserida na vida cultural e intelectual da cidade do Rio de Janeiro. A casa da família, situada em Ipanema, era frequentada por membros da elite da intelectualidade carioca, como Oswaldo Cruz, Juliano Moreira, Carlos Chagas, Manoel de Abreu, Arthur Neiva, entre outros (PERESTRELLO, 1987: 98).

“Meu pai era jurista, mas os grandes amigos de meu pai eram médicos. Eram grandes médicos... ou eram intelectuais! Ou eram escritores ou eram médicos... Meu pai foi grande amigo de Oswaldo Cruz! Tão amigo, que na morte de Oswaldo Cruz... um dos discursos no túmulo foi de meu pai. Que não era médico! Quer dizer... Ele era muito amigo de todo pessoal... dos cientistas de Manguinhos... Manguinhos, naquela época, Instituto de Manguinhos. Em pesquisa, era dos melhores do mundo!” (PERESTRELLO, 1992: 18).

Como Perestrello relatou, ela recebeu grande influência desses amigos do pai, que eram pesquisadores em Manguinhos. Ela creditava a esse contato— ao menos em parte - sua escolha pelo curso de medicina. Desde sempre, seu projeto era o de adentrar, posteriormente, em uma profissão ligada à pesquisa.²⁰

“Eu entrei para a medicina querendo... Querendo... O meu ideal não era anatomia nem fisiologia, por isso é que eu não gostava. Eu queria ou fazer pesquisa em Manguinhos ou ser psiquiatra. Acabei em psicanálise, que tem algo de fazer pesquisa também. Tem muito de pesquisa e... tem algo de psiquiatria. Então, entrei para medicina por isso, eu gostaria de... trabalhar em Manguinhos”(PERESTRELLO, 1992: 20).

Como veremos mais adiante, este desejo de trabalhar em um instituto de pesquisa não foi concretizado e, tampouco, depois de formada, ela exerceu a profissão de médica. Esta é uma questão que será mais bem desenvolvida no segundo capítulo,

¹⁹ ALBUQUERQUE, Beatriz Cavalcanti. Carta para Bertha Lutz. 14 de junho de 1948. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, Q0. ADM. COR. A9448.3

²⁰ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 18; 19

quando discutirmos a entrada de Marialzira Perestrello no mercado de trabalho. Por enquanto, desejamos ressaltar o fato de que Marialzira esteve cercada, desde a infância, por intelectuais e médicos locais que frequentavam assiduamente a casa dos pais de Marialzira. Vale ressaltar que neste período, nas décadas 1920 e 1930, muitos dos intelectuais locais defendiam o direito de interferir na organização social (VELLOSO, 1987: 1), seja apresentando alternativas para o desenvolvimento do país (VELLOSO, 1983: 2), seja atuando no âmbito do Estado propriamente. Apesar das diferentes propostas de organização, ao perceberem a sociedade civil como um corpo conflituoso, indefeso e fragmentado, julgavam-se capazes de coordenar e fazer funcionar, de modo harmônico, todo o organismo social (VELLOSO, 1987: 3). Neste contexto, os intelectuais da campanha de saneamento rural levantavam a ideia da doença como característica central do povo brasileiro (REIS, 2000: 27). Para estes intelectuais, as autoridades deveriam resolver os problemas de ordem social e política, como a instrução do “povo”, a melhoria das condições alimentares e o combate às doenças (WEGNER; SOUZA, 2013: 285). Os encontros na casa dos pais de Marialzira eram, certamente, cheios de debates sobre o papel dos cientistas e intelectuais nessa sociedade.

Por outro lado, Marialzira Perestrello também narra uma longa convivência íntima com a leitura. No segundo andar de sua casa, havia uma enorme biblioteca com diversos livros de literatura, matemática, física, história etc., que seus pais sempre a incentivavam a ler, uma vez que, como ela afirma, o pai era um intelectual e a mãe gostava muito de ler. Durante a sua juventude, costumava ler na biblioteca da família²¹ e, por isso, Marialzira considerava que a cultura que adquiriu na juventude era “uma preocupação intelectual espontânea e natural” (PERESTRELLO, 2000a: 4). Ainda sobre a família Pontes de Miranda, a psicanalista narrou outros detalhes sobre sua infância que evidenciam um ambiente familiar propício para a leitura e o estudo. Em uma entrevista publicada no *Boletim do Instituto da SBPRJ*, ela afirmou que vivera em um ambiente familiar em que a preocupação intelectual era algo comum e cotidiano, compartilhado “de pijama, no café da manhã” (PERESTRELLO, 2000a: 4).

Então ali, por exemplo, quando moça eu li todo o *Jean-Christophe*, de Romain Rolland. Eu lia em francês, desde criança, porque estive num colégio francês. Papai e mamãe nos indicavam os livros... Jean-Christophe, mamãe indicou. Vocês têm que ler *Jean-Christophe*. Então eu li, depois de uns anos minha segunda irmã leu.

²¹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 11-12

As outras eu não sei. A última nunca leu. Papai e mamãe nos indicavam os livros. E eram livros belíssimos, ali... Eu, por exemplo ali, li Platão. Um dos livros que mais me impressionou, na minha juventude, foi a *Apologia de Sócrates*, de Platão. Li numa coleção de papai, uma coleção bilíngue. Eu me lembro ainda, da brochura, a cor era laranja com as letras pretas e na frente havia uma coruja... Na capa. Então era bilíngue: francês e grego, latim, alemão, etc. Eram os clássicos: numa página em francês noutra, a língua estrangeira para mim. E, então, eu li *Apologia de Sócrates* em francês, do outro lado estava em grego (PERESTRELLO, 1992: 11).

O incentivo dos pais quanto à leitura dos clássicos pode parecer algo insignificante, mas, como Marialzira ressaltou diversas vezes em suas entrevistas, isso teve um papel central para que ela, desde muito jovem, tivesse uma formação refinada,²² o que teve importância para as suas escolhas de estudo e trabalho.

1.2 A FACULDADE DE MEDICINA NOS ANOS 30

Em 1934, aos 18 anos, Marialzira Perestrello entrou para a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (1920-1937). A Universidade do Rio de Janeiro foi criada em 1920 pelo decreto 14.343, com a união da Escola Politécnica, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (GOMES; VARGAS; FRANCO, 2008: 26). Em 1937, surgiu a Universidade do Brasil, através da Lei nº 452, de 5 de julho de 1937, pela qual o Presidente da República organizou a Universidade do Brasil, uma “comunidade de professores e alunos, consagrados ao estudo”²³. As finalidades da instituição criada seriam: 1. “desenvolvimento da cultura filosófica, científica, literária e artística”; 2. Formação para o magistério e “altas funções para a vida pública do país”; 3. Preparo para os exercícios profissionais que exigem estudos superiores.²⁴ Agregada à Universidade do Brasil, entre outras, estava a Faculdade Nacional de Medicina. Portanto, é preciso esclarecer que, no período em que Marialzira Perestrello estudava, ocorreram essas mudanças institucionais onde ela estava fazendo a sua formação.

²² PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 11-13.

²³ UMA Universidade no Rio de Janeiro. A reforma de 1937. Arquivo Francisco Bruno Lobo, Biblioteca do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

²⁴ UMA Universidade no Rio de Janeiro. A reforma de 1937. Arquivo Francisco Bruno Lobo, Biblioteca do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Através de um relatório do ano letivo de 1935 da Faculdade de Medicina, publicado em 1936 pela Imprensa Nacional, tivemos acesso à grade curricular do curso. Este relatório, do qual podemos extrair diversas informações sobre o curso no período em que Marialzira Perestrello cursava Medicina, é atribuído a Raul Leitão da Cunha (1881-1947). Cunha foi professor substituto de Histologia (1908) e Catedrático de Anatomia Patológica (1914) da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro e, em 1932, foi diretor da mesma. Entre os anos de 1934 e 1945, tornou-se o reitor da Universidade do Brasil.²⁵

Por meio de seu relatório ficamos sabendo que o curso de Medicina possuía uma duração de 6 anos e que, em cada ano, havia disciplinas específicas. As disciplinas disponíveis eram no Primeiro ano do curso médico: Anatomia (as aulas eram realizadas no Instituto Anatômico); Histologia e Embriologia (Praia Vermelha); no Segundo ano: Física Biológica (aulas na Praia Vermelha), Química Fisiológica (realizadas na Praia Vermelha), Fisiologia (Praia Vermelha); no Terceiro ano: Microbiologia (Praia Vermelha), Patologia Geral (Praia Vermelha), Parasitologia (Praia Vermelha), Farmacologia (Praia Vermelha); no Quarto ano: Anatomia e Fisiologia Patológica (Instituto Anatômico), Técnica Operat. e Cirurg. Experimental (Instituto Anatômico), Clínica Propedêutica Médica (Hospital São Francisco de Assis), Clínica Propedêutica Cirúrgica (Hospital São Francisco de Assis), Clínica Dermatológica e Sifilográfica (Santa Casa de Misericórdia); no Quinto ano: Clínica Médica (Santa Casa de Misericórdia), Clínica Cirúrgica (Santa Casa de Misericórdia), Clínica Cirúrgica (Hospital Estácio de Sá), Clínica Urológica (Santa Casa de Misericórdia), Terapêutica Clínica (Hospital São Francisco de Assis), Clínicas de Doenças Tropicais e Infectuosas (Hospital São Francisco de Assis), Higiene (Praia Vermelha), Medicina Legal (Instituto Anatômico). No Sexto ano eram: Clínica Médica (Santa Casa de Misericórdia), Clínica Médica (Hospital Estácio de Sá), Clínica Obstétrica (Maternidade), Clínica Oftalmologia (Santa Casa de Misericórdia), Clínica Psiquiátrica (Instituto de Psicopatologia), Clínica Neurológica (Instituto de Neuropatologia), Clínica Ginecológica (Maternidade) (CUNHA, 1936: 4-5).

Bruno Alípio Lobo (1994) foi da mesma turma de faculdade de Marialzira Perestrello, ou seja, prestou vestibular e entrou para a Universidade no mesmo ano, em 1934. Ele era filho do professor catedrático de Microbiologia, Bruno Lobo (LOBO,

²⁵ REITOR (1934-1945). Arquivo Francisco Bruno Lobo, Fórum da Ciência e Cultura (FCC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

1994: 2). Entre 1975 e 1981, ele, assim como seu pai, tornou-se professor titular da Faculdade de Medicina, porém na área de Histologia.²⁶ Ele escreveu um livro em que relata memórias sobre a Faculdade de Medicina e descreve os critérios de seleção e admissão na faculdade naquele período. O exame de vestibular foi realizado em fevereiro de 1934 e era dividido em provas escritas e práticas-orais. Bruno descreve que toda a sua turma passou por provas teóricas e escritas de Física, Química e Biologia, aplicadas em três manhãs consecutivas. No quarto dia, eram as provas práticas das mesmas matérias. Na ocasião da prova prática de física, um dos avaliadores foi Francisco Lafayette Rodrigues Pereira (1877-?) (LOBO, 1994: 14-15), que era também professor de Física Biológica no curso de Medicina. Sobre o mestre, Lobo conta que Rodrigues Pereira gostava de desenvolver, com entusiasmo, fórmulas complexas no quadro. O problema era que fazia isso de costas para a turma, que ficava como afirma Lobo, “boiando” (LOBO, 1994: 57). O segundo exame oral foi de Biologia e a banca foi formada por Fernando da Silveira, Maurício Medeiros e Clementino Fraga (1880-1971). Por fim, o terceiro exame prático-oral foi o de Química e os avaliadores eram Pedro Pinto, Canedo e Adelino Pinto. (LOBO, 1994: 14-15; 18-19). De acordo com o relatório do ano escolar de 1935, portanto, apenas um ano após Marialzira Perestrello ter prestado o vestibular, dos 622 candidatos para o curso de medicina, apenas 163 alunos foram considerados habilitados (CUNHA, 1936: 118). Para que não fosse atribuído o número alto de reprovados a um rigor excessivo da banca examinadora, Raul Leitão da Cunha (1936), o então reitor da Universidade, em reunião junto ao Conselho Nacional de Educação, alegou que muitos alunos não estavam preparados para cursar Medicina. Esta atitude era uma maneira de ir contra o projeto em andamento na Câmara dos Deputados de rebaixar as médias “para promoção dos alunos, independente da realização de exames finais” (CUNHA, 1936: 4).

O livro de Lobo apresenta-nos ricos detalhes sobre a Faculdade de Medicina no período em que Marialzira a frequentou. Como assinalamos na introdução, as memórias permitem compreender certas representações de uma dada geração. Analisam-se aqui também outras fontes históricas de modo a contrastá-las com a narrativa de Lobo. Neste sentido, conhecer as memórias de Marialzira e de Lobo nos indica que, dada as imensas dificuldades de se entrar no curso de medicina, quase sempre eram apenas pessoas de

²⁶CCS-BRUNO ALÍPIO LOBO 1975-1981. *Museu Virtual. Faculdade de Medicina UFRJ*. Disponível em : http://www.museuvirtual.medicina.ufrj.br/detalha_obra.php?id_obra=35. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

famílias com algum recurso financeiro que conseguiam conquistar uma vaga. Entretanto, o periódico *Medicina*, órgão oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Medicina do ano de 1938, desmente tal impressão. A revista, que publicava artigos de estudantes, traz algumas informações de interesse discente, as quais o livro de memória de Bruno Lobo e as entrevistas de Perestrello não retratam. No periódico, o Diretório Acadêmico afirma sua particular preocupação com aqueles estudantes que tinham problemas com moradia e informava também que havia recebido pedido de ajuda de setenta e seis alunos que se encontravam em dificuldades financeiras e corriam o risco de ter que abandonar o curso por este motivo. Por meio desse periódico, ficamos sabendo também que o Diretório organizou uma república para oito estudantes. Isso demonstra o quanto era caro se manter na Faculdade de Medicina (e no Rio de Janeiro), mas, ao mesmo tempo, que o curso de medicina não era exclusividade de filhos de famílias com alto poder aquisitivo (*MEDICINA*, 1938).

No período em que Marialzira Perestrello entrava para a Faculdade, em 1934, a Medicina estava se transformando no país. Nos anos de 1930, em meio aos projetos de saúde do governo varguista, o crescente processo de urbanização e as mudanças nos padrões sanitários contribuíram para fundamentar a necessidade social de formação médica (BULCÃO; EL-KAREH; SAYD, 2007: 472). É preciso ressaltar, entretanto, que na década de 1920 já havia uma “gênese de um sistema previdenciário” com as caixas de aposentadorias e pensões (CAPs). Foi no final de 1930, entretanto, que foram definidas as diretrizes para a reforma administrativa de Vargas: fortalecer e racionalizar a administração federal. A gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública (1934-1945) foi um marco, enquanto política estatal, na saúde pública, pois foi com a reforma do Mesp, proposta em 1935 e implementada por Capanema a partir de 1937, que se definiu a política pública de saúde e se reformulou e consolidou sua estrutura administrativa (HOCHMAN; FONSECA, 1999: 81-82). Inicialmente, com a aprovação da Reforma em 1937, o território brasileiro foi dividido em oito regiões,²⁷ cada uma delas com uma delegacia federal de saúde. Cada delegacia fiscalizava os serviços públicos locais de saúde e de assistência médico-social (HOCHMAN, 2005: 132). Além disso, a implantação de hospitais e postos de saúde, aliada ao crescimento demográfico das cidades, convergiu para um próspero mercado para a medicina de

²⁷ As oito regiões eram: 1- Distrito Federal e Rio de Janeiro, 2- Acre, Amazonas e Pará, 3- Maranhão, Piauí, e Ceará, 4- Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, 5- Sergipe, Bahia e Espírito Santo, 6- São Paulo e Mato Grosso, 7- Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 8- Minas Gerais e Goiás (HOCHMAN, 2005: 132).

qualidade. A medicina tornou-se uma profissão que atendia às necessidades do Estado populista e às expectativas de *status* e valores dos setores médios e urbanos (BULCÃO; EL-KAREH; SAYD, 2007: 472; 486). É provável que em meio a tal crescimento, o curso de medicina se mostrasse como um grande investimento para as famílias das classes médias.

O caso de Perestrello, assim como a memória produzida por Lobo, com a contribuição de algumas outras fontes permite apontar que, no período em que Marialzira entrou para a Faculdade de Medicina, crescia, por parte da classe média carioca, o interesse pelos cursos de Medicina. Além disso, especificamente sobre Marialzira, a influência familiar ofereceu a ela incentivo suficiente para investir em seus estudos e buscar torna-se médica, como desejava no momento em que decidiu cursar medicina. Isso não significa, entretanto, que Perestrello não tenha encontrado dificuldades. De fato, ela chegou a afirmar que não era uma boa aluna. Mesmo nunca tendo ficado para “segunda época”, fez “exames orais” (necessário para aqueles que não tiravam notas suficientes nos “exames escritos”). Perestrello também narra que “estranhou” muito os primeiros anos da faculdade.²⁸

1.3 O ENSINO DAS CLÍNICAS NEUROLÓGICA E PSIQUIÁTRICA

Em entrevista²⁹, Marialzira Perestrello contou que disciplinas como Anatomia e Fisiologia eram muito difíceis para ela, que possuía mais facilidade com Literatura, Matemática e Física. Segundo Perestrello, em Anatomia, por exemplo, era necessário decorar nomes de músculos e ossos, algo considerado por ela como demasiadamente descritivo. No *Correio da Manhã* (05/01/1935: 10), foram divulgadas as notas dos alunos do curso de Medicina. Em seu primeiro ano médico, ela tirou 5 (de 10) em Anatomia e 6 (de 10) em Histologia. Mas não era apenas ela que sofria nessas disciplinas: Bruno Alípio Lobo lembra que estudar ossos, reconhecer e descrever, em detalhes, cada peça anatômica era um “martírio” para ele. Quando as aulas, que eram de segunda a sábado, terminavam, era “um alívio” (LOBO, 1994: 34).

²⁸ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 17

²⁹PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 17-18.

Em relação à fisiologia, o professor catedrático era Oscar Frederico de Souza, descrito por Bruno Alípio Lobo (1994:66) como um homem muito educado e culto, sendo suas aulas dadas por meio de discursos inflamados e ao “estilo barroco”. “Ao descrever o funcionamento do coração, quase chegava às lágrimas, nas malformações congênitas, que traziam aflições às mães dos bebês, vítimas desses defeitos congênitos” (LOBO, 1994: 66). Com o relatório da Faculdade de Medicina do ano escolar de 1935, quando Marialzira Perestrello estava no segundo ano médico, obtivemos mais informações desse período. As três disciplinas do currículo que Perestrello deveria cursar no ano de 1935 eram física biológica, química fisiológica e fisiologia, cujas aulas eram realizadas na Praia Vermelha (CUNHA, 1936: 4). Em fisiologia, seis alunos teriam ficado em “exames de época especial” e destes, apenas três foram aprovados (CUNHA, 1936: 125). Nesse relatório havia espaço para que cada professor explanasse sobre os rendimentos da turma em relação à disciplina que lecionava naquele ano. Souza aproveitou o espaço para fazer solicitações, alegando que os assistentes da cadeira não recebiam pelos serviços prestados. O professor chegou mesmo a afirmar que os assistentes faziam os serviços quase que por “favor pessoal” (CUNHA, 1936: 10). Oscar de Souza ressaltou que a frequência dos alunos foi grande, revelando ainda que esses possuíam grande interesse nas aulas práticas (foram 156 lições em 92 aulas teóricas e 64 práticas). As aulas práticas eram realizadas em diversos hospitais da cidade, como na Policlínica de Botafogo, Hospital São João Batista, Maternidade-Escola, Hospital da Santa Casa de Misericórdia, Hospital da Gamboa, Hospital dos Psicopatas etc. (CUNHA, 1936: 125). Oscar Frederico de Souza, além de ser catedrático da disciplina de Fisiologia na Faculdade Nacional de Medicina, também exercia o cargo de diretor na Policlínica Geral do Rio de Janeiro e era responsável, junto com o Dr. Roberto Santos, pela clínica de moléstias nervosas mentais (*JORNAL DO COMMERCIO*, 29/11/1931: 8). Inclusive, a Policlínica oferecia cursos de aperfeiçoamento e Oscar Souza ministrou algumas conferências sobre neuroses e “psycho-neuroses” (*JORNAL DO BRASIL*, 11/02/1930: 22).

Na Faculdade de Medicina, os catedráticos das Clínicas Neurológica e Psiquiátrica eram, respectivamente, os professores Antônio Austregésilo Rodrigues Lima (1876-1960) e Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969). Austregésilo, enquanto professor, sempre fazia questão de demonstrar a profundidade de seus conhecimentos, irritando-se ao menor erro de seus assistentes. Mas, em suas memórias, Alípio considerou que, de maneira geral, Austregésilo era uma pessoa gentil. Tanto é

assim que ficamos sabendo que, para a votação que escolheria o paraninfo da turma para a formatura, Danilo Perestrello (1916-1989), que, mais tarde, tornou-se marido de Marialzira, votou em Antônio Austregésilo, mas quem ganhou foi Oscar de Souza (1870-1941), o catedrático em Fisiologia (LOBO, 1994: 157-158). Antônio Austregésilo, além de catedrático da Faculdade de Medicina, foi também da Academia Brasileira de Letras (*JORNAL DO COMMERCIO*, 11/11/1934: 6). Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969), “em 1919, já era professor substituto das Clínicas Neurológica e Psiquiátrica” e, em 1921, tornou-se professor catedrático de psiquiatria. Foi membro da *Société de Medicine Mentale* e da *Société Médico-Psychologique* (ambas de Paris), além do Comitê Internacional de Higiene Mental (Nova Iorque). Foi o primeiro diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB) (1938-1948) (FACCHINETTI; VENANCIO, 2006: 152). Antônio Austregésilo e Henrique Roxo buscaram participar de empreendimentos privados fora da Universidade, tornando-se diretores de clínicas não vinculadas à Faculdade de Medicina, onde realizava as aulas práticas, o que serviria, segundo seus argumentos, para melhorar o ensino. A função central do catedrático, entretanto, era reger a cadeira. Isso implica dizer que, entre suas atribuições, estava elaborar o programa do curso, que precisava ser aprovado, e orientar o ensino das matérias (MATHIAS, 2017: 59; 88).

Em 1938, Austregésilo requereu, junto à reitoria, que a Clínica Neurológica fosse anexada ao Instituto de Neuropatologia da Assistência a Psicopatas. O pedido era para que, a exemplo do que ocorrera com o Instituto de Puericultura e Clínica da Primeira Infância, o Instituto fosse atribuído a ele como professor catedrático de clínica neurológica.³⁰ De fato, foi concedido o pedido a Austregésilo, mas pela lei da desacumulação, o Decreto-Lei nº 24, de 29 de novembro de 1937, que proibiu a acumulação de cargos públicos, ele não poderia acumular os cargos de diretor e ser professor catedrático, sendo obrigado a exonerar-se.³¹ Antônio Austregésilo Rodrigues Lima (1876-1960) continuou, entretanto, a dirigir o instituto. O mesmo ocorreu com Henrique Roxo (1877-1969), que precisou se afastar do cargo de diretor do Pavilhão de Observação, mas a questão foi resolvida pelo decreto lei nº 591, de 03 de agosto de

³⁰ REITORIA, 23 de Maio de 1938. Arquivo Capanema, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) - Fundação Getúlio Vargas. Código de referência: GCg 1935.07.02.

³¹ ALMEIDA. Exmo. Sr. Diretor da Faculdade Nacional de Medicina. Arquivo Capanema, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) - Fundação Getúlio Vargas. Código de referência; GCg 1935.07.02.

1938, quando reuniu o Instituto e a Cátedra, criando o Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB) (MATHIAS, 2017: 53).

Em relação à disciplina psiquiátrica em si, Roxo retratava ideias/terapias “modernas” acerca de doenças mentais e ensinava técnicas para exames de alienados (CUNHA, 1936: 165). As aulas teórico-práticas de Psiquiatria ocorriam durante duas horas, três vezes por semana, nas terças, quintas e sábados, no Pavilhão de Observação. Na primeira hora, das 14h às 15h, apresentava-se o conteúdo teórico referente ao caso clínico que seria apresentado a seguir. Na segunda hora, das 15h às 16h, a turma era dividida em pequenos grupos, que analisavam e comentavam os casos clínicos. Vale ressaltar quem eram os assistentes efetivos de Henrique Roxo deste período: Aduino Botelho, Bueno de Andrade, Pernambuco Filho e Eurico Sampaio. Na segunda parte das aulas, um dos assistentes fazia a exposição clínica do caso (CUNHA, 1936: 165).

Em *Manual de Psiquiatria*, o livro mais importante de H. Roxo, editado quatro vezes entre 1921 e 1945, o autor ressalta os avanços da psiquiatria nos prefácios da primeira e segunda edição. As motivações de escrever o livro são explicitadas quando Roxo afirma, no prefácio da primeira edição, que, ao lidar com os alunos, percebeu uma dificuldade dos mesmos em encontrar um livro “claro e conciso” (ROXO, 1921: 7-10). De acordo com o prefácio da segunda edição, lançada em 1925, o Programa da Cátedra de Psiquiatria tornou-se maior, em que se somavam novos conteúdos, como a semiologia, modalidades de esquizofrenia, ideias modernas acerca da psicose de involução, a malarioterapia, delírio espírita episódico, aplicações clínicas da doutrina de Freud, o desequilíbrio vago-simpático nas doenças mentais etc. (ROXO, 1925). Os preceitos do organicismo alemão passaram a fazer parte, nas décadas de 1920 e 1930, do cotidiano acadêmico (MATHIAS, 2017: 59).

1.4 A PSICANÁLISE ENTRE OS CATEDRÁTICOS DE PSIQUIATRIA E NEUROLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA.

No Rio de Janeiro, desde os anos de 1910, psiquiatras renomados interessavam-se pela teoria de Freud (RUSSO, 2002b: 19). É atribuído a esta década o período de início em que a “técnica psicanalítica foi introduzida no Hospital Nacional” e servia de base teórico-metodológica para os alunos de Medicina. Juliano Moreira (1873-1933)³² é

³² Juliano Moreira, psiquiatra brasileiro, foi diretor do Hospício Nacional de Alienados e diretor geral de Assistência a Alienados, entre 1911 e 1930 (VENANCIO, 2001).

considerado, pela historiografia, um dos primeiros divulgadores da doutrina freudiana no Brasil. No Hospício Nacional, sob a presidência de Juliano Moreira, havia reuniões da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, onde se estudava “paulatinamente”, a obra de Freud (CASTRO; FACCHINETTI, 2015: 31-33). Para esses médicos, a vinculação profissional com a psiquiatria era a principal fonte de legitimidade e prestígio, enquanto a Psicanálise era apenas acessória (RUSSO, 2002a: 19).

A Psicanálise já estava inserida na faculdade de Medicina enquanto conteúdo, sendo que os estudantes poderiam realizar uma especialidade em Psicanálise, cuja inserção na grade curricular ocorreu em 1931 (RUSSO, 2002a: 19; CASTRO, 2014: 75). Os cursos de especialização, que se destinavam a formar especialistas nos diversos ramos da medicina, tornaram-se possíveis graças uma reforma no ensino médico, conhecida como Reforma Francisco Campos. Os cursos de especialização podiam ser organizados e executados pelo professor catedrático ou pelos docentes livres, cabendo ao Conselho Técnico-Administrativo autorizar a sua realização, aprovar os programas e expedir instruções acerca do seu funcionamento. A implementação dos cursos de especialização tornou possível o funcionamento de uma especialização em psicanálise subordinada à cátedra de psiquiatria da FMRJ (CASTRO, 2014: 119-120).

No início do século XX, Antônio Austregésilo (1876-1960) e Henrique Roxo (1877-1969) uniram esforços junto a Juliano Moreira para que a teoria psicanalítica fosse objeto de estudos e debates no Rio de Janeiro (CASTRO, 2017: 173). Esses foram professores de Marialzira Perestrello na Faculdade de Medicina. Como apontou Rafael Castro, Austregésilo, em um ensaio sobre histeria, afirmou que Freud “desenvolve mais a teoria sexual da hysteria” (AUSTREGÉSILO, 1908: 64 *apud* CASTRO, 2017: 173). Para o autor, isto parecia um tanto absurdo, já que na histeria se via mais frieza sexual do que erotismo. Já em outro texto de 1914, Austregésilo (1914: 8) reconhecia que, mesmo que a doutrina de Freud não fosse “exata em absoluto”, “frequentemente o elemento genital, material ou moral, ciúme, erotismo místico, perversão etc., entram na personalidade do débil nervoso” (AUSTREGÉSILO, 1914: 8). Antônio Austregésilo (1916: 52) classificou Freud como grande psicólogo e grande neurologista. Em *Pequenos Males* lembrou que, segundo a teoria freudiana, a “psico-neurose do medo” teria sua origem na “esfera genital”, ou seja, o recalçamento de ideias amorosas e eróticas teria influência no surgimento do medo, escrúpulo, dúvida e angústia. O autor ainda completa que, apesar de reconhecer muitos fatos na doutrina de Freud, ainda a

achava um pouco exagerada. No capítulo “Erros do amor”, entretanto, no qual Austregésilo apresentou uma síntese da doutrina de Freud, o autor fez elogios contundentes à Psicanálise. Afirma que, para alguns modernos psicólogos e “neuriatros”, o instinto sexual influenciava a “produção de neuroses psicogênicas”. Além disso, ressalta que o instinto sexual não se localiza apenas nos órgãos sexuais. O “instituto da reprodução”, como apontavam Freud e seus discípulos, era moldado desde a primeira infância e se desenvolvia no decorrer da vida do indivíduo. Assim, para Austregésilo, não é exagero pensar que “a sucção dos seios, mamadeiras, chupetas, carícias na cabeça etc.” podem despertar a sexualidade e que, se os desejos sexuais não fossem integralmente satisfeitos, o paciente poderia ficar angustiado, com medo, ter depressões nervosas, entre outros distúrbios. Ainda segundo o autor, seja a doutrina verdadeira ou não, ela trouxe à tona a relação entre a sexualidade e produção de neuroses mais comuns que “assolam a humanidade” (AUSTREGÉSILO, 1916: 93-94).

Marialzira Perestrello, em entrevista, descreveu o catedrático Henrique Roxo (1877-1969) como “atrasado”, baseando-se, por exemplo, no fato de que ele receitava extrato de mulungu para psicose maníaca depressiva. Para Perestrello, mesmo que Roxo tenha falado em Psicanálise, não acreditava nela.³³

Ele [Henrique Roxo] falou sobre psicanálise, só que ele não acreditava naquilo. Falou em psicanálise, mas ele não foi daqueles que propugnaram pela psicanálise e que lutaram pela psicanálise. Não quis até tentar uma técnica psicanalítica como Porto-Carrero, como Carneiro Ayrosa, como outros. Ele nunca tentou. Ele não acreditava naquilo, ao menos quando fui sua aluna, em 1939 (PERESTRELLO, 1992: 37).

Entretanto, podemos constatar, ao analisar a 4ª edição do livro *Manual de Psiquiatria*, que Roxo, na década de 1940, concordava com algumas propostas da psicanálise, ainda que fizesse algumas ponderações e que, em determinados momentos, discordasse de alguns argumentos de Freud. Para Henrique Roxo, a doutrina de Freud procurava explicar tudo através de traumas de natureza sexual, que, por ter agido poderosamente sobre o indivíduo, produziram o recalque. Segundo ele, portanto, a doutrina tendia a explicar tudo pela sexualidade e, para o autor, havia um fundo de verdade nisso. Entretanto, a psicanálise deveria ser tomada com cuidado. Seu grande mérito era despertar o interesse por uma investigação do “raciocínio íntimo” do doente.

³³ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 37-38.

O médico, então, ao se tornar um confessor, necessitava ter a confiança do alienado (ROXO, 1947: 20-21). Roxo definia a psicanálise como “um método de exploração que visa descobrir o objeto de pensamento alheio, a bem curar uma psicose. Nele se analisam tendências afetivas e seus efeitos, sendo que naquelas quase sempre se encontra [sic] a derivação do instinto sexual”. Mas, quando Freud dizia que uma menina poderia reter a urina ou que a criança poderia querer brincar de cavaleiro na perna de um adulto para ter uma excitação genital, Roxo considerava um exagero, pois em nenhum destes casos poderia existir qualquer ideia de natureza sexual. Roxo considerava absurda a ideia freudiana de que o objetivo sexual “normal”, que é a tendência à aproximação do sexo oposto, só se realizaria após uma fase em que o indivíduo era auto-erótico ou homossexual. Também não concordava com a afirmação de que o sonho é uma realização de desejos, já que, como argumentava o autor, muitas vezes se sonha com algo que não se deseja que ocorra. Ainda sobre sonhos, para Henrique Roxo, absurdo também seriam as associações feitas por Freud entre objetos e órgãos ou atos sexuais (ROXO, 1947: 497; 500-501; 504-505).

Rafael Castro (2017:175) afirma que Henrique Roxo acreditava na Psicanálise como um bom método para auxiliar a psiquiatria para o tratamento de algumas doenças, mas que também era reticente em relação a alguns aspectos da teoria de Freud. Uma destas ressalvas seria a de que Roxo acreditava ser um exagero pensar que todas as neuroses eram reflexos de uma vida sexual insatisfeita (CASTRO, 2017: 175).

Em meados do século XIX, intelectuais brasileiros ocuparam-se com as questões de raças e suas misturas no Brasil devido às doutrinas racialistas, em que a mestiçagem local passou a ser vista de maneira pessimista (FACCHINETTI, 2012: 45). Do ponto de vista de teorias degeneracionistas, a miscigenação implicava na degeneração do povo e condenava o país ao atraso, por existir, no Brasil, uma mistura entre a raça branca (considerada como superior) e as raças primitivas e inferiores (negros e indígenas) (RUSSO, 2002a: 55). Entre as décadas de 1920 e 1930, uma parcela dos psiquiatras passou a questionar o conceito de degeneração e a buscar novas soluções para o tratamento de doentes (CASTRO; FACCHINETTI, 2015: 26-27).

Enquanto os sanitaristas demonstravam que o sertão estava abandonado e era possível modernizá-lo, a psiquiatria, através de pressupostos psicanalíticos, apontava a necessidade de se pensar maneiras de transformar, na expressão utilizada por Castro, o “id brasileiro” em um “ego civilizado” (CASTRO, 2014: 40-41). Nesse sentido, o controle da população através da higiene mental possuía o objetivo de recalcar e

reprimir o que estava fora dos parâmetros (FACCHINETTI, 2001: 87). O compromisso com um ideal civilizador levou alguns psiquiatras e divulgadores da psicanálise a se voltarem para a educação, como Ulysses Pernambucano (1892-1943), diretor, em 1923, da Escola Normal de Pernambuco; Durval Marcondes (1899-1981), que dirigiu a Seção de Higiene Mental Escolar de São Paulo na década de 1930 e Arthur Ramos (1903-1949), que chefiou a Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental da Secretaria Geral da Educação e Cultura do Distrito Federal (RUSSO, 2002a: 56). Também podemos citar a Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1923 por Gustavo Riedel (1887-1934) (REIS, 2000: 139). A Liga, além de assumir como suas responsabilidades a cura e o desaparecimento de vagabundos, prostitutas, alcoólatras, ou seja, todos aqueles que não se encaixassem no projeto de modernização do país (CASTRO, 2014: 86-87), também tinha, em seu programa, cuidados com a infância, em uma seção chamada Puericultura e Higiene Infantil (REIS, 2000: 140). De 1926 a 1927, a Liga Brasileira de Higiene Mental contou com uma clínica gratuita de psicanálise, mas que, pela perda da sede, deixou de funcionar (REIS, 2000: 1945).

A psicanálise tornou-se uma alternativa às teorias do determinismo biológico, pois aparecia como uma forma de reinterpretar, positivamente, o “excesso sexual” dos brasileiros. Essa sexualidade desregrada passou a não significar um problema em si, mas a ser responsável tanto pelos distúrbios da alma humana quanto pelas suas realizações mais sublimes, considerando inútil tentar reprimi-la ou negá-la. Deveria ser aproveitada, controlada e canalizada para fins “superiores”, através da sublimação. A ideia de sublimação seria uma saída civilizada para um país mestiço, a partir da educação dos instintos (RUSSO, 2002a: 55). Assim, a psicanálise serviria de auxílio para a psiquiatria, a fim de construir um projeto de pedagogia moral e de higiene mental (NUNES, 1998: 71, *apud* FACCHINETTI; VENANCIO, 2006). Ao cruzarem a psicanálise “com regras e preceitos morais”, muitos psiquiatras envolviam-se com assuntos referentes a exames pré-nupciais e procriações (FACCHINETTI, 2001: 88). Como vimos anteriormente, Henrique Roxo e Austregésilo reconheciam a influência da sexualidade nos problemas mentais e, para fundamentarem seus argumentos, utilizavam-se das teorias de Freud. Podemos afirmar que, para Henrique Roxo e Antônio Austregésilo, a psicanálise teve maior relevância no trabalho de descoberta da gênese dos problemas mentais (FACCHINETTI; VENANCIO, 2006).

Perestrello reconhecia o que chamou de primeiros esforços destes psiquiatras da geração de 1920 e 1930, mas a autora ressaltava que estes eram autodidatas, não tinham

nenhuma formação psicanalítica sistemática e que tentaram – como puderam – utilizar técnicas psicanalíticas em um período em que não existiam, no Brasil, psicanalistas formados e formadores. Os escritos de Perestrello indicam que, para ela, a história da psicanálise brasileira começaria de fato com as articulações para se formar sociedades vinculadas à *International Psychoanalytical Association (IPA)* (PERESTRELLO, 1987: 12). Danilo Perestrello (1916-1989), que se apoiava igualmente nos debates do campo psicanalítico internacional, também fez a clássica divisão entre precursores (aqueles primeiros divulgadores da obra de Freud) e os pioneiros (os que iniciaram a formação analítica no país ao molde da IPA). Dessa maneira, valorizavam-se mais os pioneiros, que seriam mais importantes na definição do campo de atuação e pesquisa psicanalítica. Nesta mesma perspectiva, Marialzira Perestrello definiu dois momentos na história da psicanálise brasileira: antes e depois do surgimento do Grupo de Estudos Juliano Moreira (grupo do qual a mesma participou) (CASTRO, 2014: 21-22). Não cabe aqui entrarmos na discussão se os psiquiatras foram apenas leitores e se a história da psicanálise no Brasil começou de fato com a fundação das sociedades vinculadas à IPA. O fato é que os psiquiatras dos anos de 1920 e 1930, ao ressaltarem a relevância social do conhecimento psicanalítico, contribuíram para legitimar a sua imagem enquanto bem público. Isto foi importante para que a geração da qual Marialzira Perestrello fez parte reconhecesse, neste saber, um futuro promissor, tanto em termos científicos quanto terapêuticos (PONTE, 1999: 91).

É preciso reconhecer, portanto, que estes professores catedráticos com que Marialzira Perestrello teve contato na Faculdade de Medicina tiveram papel importante para que a teoria psicanalítica ganhasse relevância. Mesmo que para contrapor, ao citar o modo como Henrique Roxo utilizava a obra de Freud, percebe-se a sua influência, de alguma maneira, nos estudos sobre psicanálise na Faculdade de Medicina.

1.5 O ACESSO DAS MULHERES À EDUCAÇÃO NO BRASIL

De maneira geral, as mulheres demoraram a ter acesso ao ensino regular e, mesmo assim, tradicionalmente eram ensinadas apenas para as prendas domésticas. Em relação ao caso de Marialzira Perestrello, não podemos deixar de ressaltar que a origem familiar e o fato de sua casa ser frequentada por intelectuais favoreceram a escolha para a Medicina, mesmo em uma época em que ainda não era tão comum ver mulheres

seguirem a carreira médica. Isso é de grande significado para a trajetória profissional dela, ainda mais se considerarmos que a Medicina era um curso valorizado e bastante concorrido (LOBO, 1994). Por outro lado, mesmo para aquelas que, como Perestrello, eram de origem favorecida, persistiam algumas especificidades nos campos da ciência e da medicina referentes aos padrões de gênero, o que desenvolvemos mais adiante.

Desde o século XIX, começa um discurso entre a elite letrada de que a educação era elemento fundamental para a modernização do país. Como lembra Louro (2007: 444-445), porém, além das diferenças de gênero para a educação, havia também as especificidades de classe, etnia etc. As poucas escolas que existiam, fossem essas fundadas por congregações e ordens religiosas, fossem mantidas por instituições leigas, eram, em sua grande maioria, voltadas unicamente para meninos. Além disso, quanto às escolas voltadas para meninas, elas se diferiam pelos temas que eram ensinados: enquanto os alunos homens aprendiam noções de geometria, as alunas aprendiam bordado e costura. Para as filhas de famílias privilegiadas, o ensino de leitura, escrita, noções básicas de matemática era acompanhado de aprendizado de piano e francês. No século XIX, a população de origem africana não tinha acesso a nenhum tipo de educação. As crianças negras eram educadas através da violência do trabalho e nas formas de resistências pela sobrevivência. Meninas negras e pobres não possuíam acesso à mesma qualidade de ensino, apesar de algumas instituições de ensino oferecerem a oportunidade, por caridade, para que algumas meninas pobres estudassem sem custos. A educação dos indígenas, apesar de alvo de alguma ação religiosa, estava ligada às práticas de seus povos de origem. Um discurso, entretanto, comum a diferentes grupos era de que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, ou seja, a ênfase deveria ser na formação moral (LOURO, 2007: 444-446).

Nara Azevedo e Luiz Otávio Ferreira (2006) afirmam que, na passagem para o século XX, a expansão da economia de mercado no Brasil estimulou ainda mais as mulheres a entrarem no mercado de trabalho. Devido às preocupações nacionalistas, recomendações eugênicas-higiênicas e exaltações da ciência e da técnica, a escolarização da sociedade tornou-se também motivo de mobilização social e objeto de políticas públicas. O tipo de educação recebido nas escolas de formação profissional era, muitas vezes, voltado para fazer das mulheres “educadoras sociais”, ou seja, para que fossem capazes de conduzir a administração doméstica, educação sanitária ou assistência social (AZEVEDO; FERREIRA, 2006: 239; 241; 243). Consequentemente, muitas mulheres entraram em campos tradicionalmente tidos como femininos, tais como o magistério, a

enfermagem, a nutrição e o serviço social. Paralelo a isso, alguns setores da economia demonstravam preferência pela mão-de-obra feminina em atividades que se assemelhavam às ocupações domésticas, como fabricação de alimentos e indústria têxtil. Muitas mulheres pobres se viam na contingência de entrar neste tipo de mercado (OSTOS, 2009: 70-71).

Em relação ao ensino superior, a autorização para o ingresso de mulheres brasileiras foi concedida por D. Pedro II em 1879 (BEZERRA, 2010). O número de mulheres nas faculdades ainda era muito restrito e isto se devia ao fato, também, de poucas meninas terem acesso a boas escolas de ensino secundário (GALVÃO, 2016: 188). Elisabeth Rago (2000: 225) chama a atenção para o fato de que as primeiras mulheres que se tornaram médicas no Brasil eram de famílias favorecidas. A classe permitia que uma mulher conseguisse penetrar em um espaço em que o poder masculino era ostensivamente presente. É preciso ressaltar que o ensino médico era restrito no Brasil além de, até 1897, existirem apenas duas faculdades de medicina: a do Rio de Janeiro e a da Bahia e, mesmo que estas faculdades aceitassem matrículas de mulheres, o número de mulheres que estudavam medicina era reduzido (MOTT, 2005: 46; 47). Em alguns casos, pioneiras na carreira médica de fins do século XIX e início do século XX primeiro se tornaram professoras para depois cursar Medicina e mudarem de profissão após os 30 anos (MOTT, 2000).

As mulheres negras e pobres, porém, ainda encontravam entraves insuperáveis para alcançar as universidades e as profissões liberais. Como Luzinete Simões Minella ressaltou (2013: 216-217), são poucos os estudos que relacionam questões étnicas, raciais e gênero com a história das ciências e da tecnologia. Não se problematiza, por exemplo, que as cientistas pioneiras são, em geral, brancas e de família de origem europeia.

Em 1934, ano em que Marialzira Perestrello entrou para a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, foram aprovados 183 estudantes para o curso, dentre os quais dez eram mulheres (*JORNAL DO COMMERCIO*, 02/03/1934).³⁴ Lobo confirma essa disparidade, apontando que na Faculdade havia uma “minoría quase invisível” composta de mulheres (LOBO, 1994: 21-22). Quando ele cita todas as

³⁴ As mulheres aprovadas para o curso de Medicina (ano de 1934) foram Wanda Castagnolli, Erotides Arruda do Nascimento, Julia de Oliveira Santos, Clarita de Hannequin Gomes, Maria Alzira C. Pontes de Miranda, Olga Hervovita, Maria de Almeida Pinto, Cherubina Ribas Marinho e Marianna M. de Brito Rodrigues (*JC*, 02/03/1934).

colegas de turma, então, chegamos, a saber, que eles foram contemporâneos na Faculdade. Marialzira Perestrello é lembrada por sua simpatia e vivacidade.

Procuramos informações sobre outras colegas dos tempos de faculdade de Marialzira. Ao analisar também outras mulheres do mesmo período e espaço social, podemos ter mais pistas sobre as possibilidades que existiam para as mulheres que estudavam e formavam-se em Medicina. A que mais encontramos dados a respeito foi Erotides Arruda do Nascimento. Lobo a descreve como uma pessoa muito gentil, capaz de desculpar o outro colega, Hélio Aguinaga, que perdeu seu caderno com todas as anotações de aula (LOBO, 1994: 22). Erotides Nascimento também integrou como Marialzira Perestrello, o Centro de Ciências, Artes e Letras, sendo responsável por sua publicidade, fazendo uma conferência no dia de fundação do Centro denominada “A mulher e a educação da criança no lar” (*CORREIO DA MANHÃ*, 02/06/1935: 6; *DIÁRIO DA NOITE*, 27/06/1935: 4).

Em jornais de época, encontramos reportagens sobre Erotides e chegamos a ter conhecimento dos caminhos que ela trilhou como médica, quando aparecia como sanitarista (*CM*, 08/12/1945: 2). Uma das especialidades da médica era o tratamento da tuberculose e ela, inclusive, trabalhou na Favela da Praia do Pinto (posto de calmetização Nossa Senhora Aparecida) (*JORNAL DO BRASIL*, 25/06/1950: 3). Em algumas reportagens, ela era solicitada para falar sobre tratamento de crianças com tuberculose (EVANGELISTA, 26/07/1953). Candidatou-se a um cargo no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários, mas desistiu durante o processo de seleção (FERNANDES, 11/03/1945: 5). Portanto, Erotides Nascimento exerceu o cargo de médica, alcançando algum êxito, já que podemos encontrá-la em reportagens jornalísticas, enquanto especialista em tratamento da tuberculose. Podemos fazer um paralelo com Marialzira Perestrello, já que ambas utilizaram o diploma de Medicina de maneira completamente diferente e as duas fizeram parte da inauguração do Centro de Ciências, Artes e Letras.

Erotides Arruda do Nascimento e Marialzira Perestrello não são casos isolados de mulheres que desejavam ingressar no ensino superior. Tal constatação pode ser comprovada em jornais de época, assim como podemos observar algumas resistências ao processo da entrada das mulheres nas universidades. Um artigo de *A Noite* ressaltava a melhora na educação feminina. O jornal argumentava que, no passado, o ensino superior era considerado nocivo às mulheres e que a elas, acreditava-se, bastavam leves conhecimentos sobre pintura, francês e piano. Segundo a reportagem, tal ideia não

correspondia mais com a realidade. De acordo com a notícia, nada seria mais natural do que uma mulher “cursar um curso superior e obter galhardamente, a golpes de inteligência e de tenacidade nos estudos, um diploma de cirurgião, engenheiro ou advogado” (*A NOITE*, 13/04/1932). Já o *Jornal do Brasil* classificava como algo do passado o fato das mulheres serem destinadas apenas a serem donas de casa. Segundo a reportagem, esse seria um destino “honroso, mas incompatível com uma sociedade moderna”. Tal mudança teria relação com um desejo de liberdade econômica e os exemplos da Europa e Estados Unidos. Também se comemorava o fato de muitas mulheres estarem estudando em escolas profissionalizantes e universidades, já que, segundo a notícia, a mulher formada em um curso universitário possuía o “espírito preparado para sua missão feminina” e para servir a um “Brasil forte e livre” (COSTA, 01/08/1937).

Em relação ao curso de medicina, fizemos uma pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional e encontramos notícias que ressaltam que mulheres estavam procurando o ensino superior, em especial para esse curso. Como em *O imparcial* (13/02/1936), que cita uma conferência do professor Alvaro de Carvalho na Associação Universitária, na qual afirmou que “a mulher, como a medicina, aflige para depois consolar”. Para a reportagem, não seria apenas por essa semelhança dita por Carvalho que as mulheres procuravam a medicina, mas por outros motivos, como a vocação (*O IMPARCIAL*, 13/02/1936). Em relação a isso, é noticiada em 1930 a primeira professora na Faculdade de Medicina da Bahia. Era professora doutora Lily Lages, que se submetera ao concurso para livre docência de otorrinolaringologia (*ESTADO DA BAHIA*, 02/06/1936). Lages pertencia a uma das famílias mais antigas de Alagoas e era deputada pela “Assembléia Legislativa de sua terra natal” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 10/06/1936).

No entanto, ainda persistia a ideia de que as mulheres, naturalmente, deveriam cuidar do lar e das crianças. É possível encontrar, principalmente em revistas femininas, discursos que ainda associavam as mulheres ao espaço privado. Em *Fon Fon*, um artigo assinado por Regina Rizieri afirmava que as mulheres preferiam renunciar a ambição ao amor, preferiam a submissão à renúncia do objetivo de sua vida, que seria a maternidade. Ainda completava que o maior perigo da participação feminina na vida pública seria, além dessa despertar ambições individuais, o possível afastamento dos homens (REZIERI, 02/01/1932: 4 e 5). Clara Maria opinou na revista *Vida Doméstica* que a mulher poderia até se dedicar à leitura, mas deveria aprender a bordar, coser,

cozinhar etc, considerados conhecimentos essenciais para qualquer mulher (MARIA, 01/1927: 7). No mesmo periódico, Elisabeth Chester alertava que a educação feminina deveria habilitar a mulher a ser uma dona de casa “competente e completa em todas as suas atribuições”. Se isto não ocorresse, a mesma correria o risco de se tornar “inapta e incapaz” (CHESTER, 09/1934).

As primeiras décadas do século XX foram, portanto, marcadas pelo debate em torno do direito à educação feminina, inclusive a de nível superior (ABRANTES, 2006). Ainda havia a mentalidade de que as mulheres deveriam se ocupar com a criação dos filhos e o casamento (o que iremos desenvolver mais no segundo capítulo); entretanto, neste mesmo período, algumas mulheres da classe média procuravam formação em profissões acadêmicas. Iole Macedo Vanin (2013) destaca o fato de que, em muitas reportagens dos jornais entre as décadas de 1870 e 1940, a medicina era tida como uma profissão masculina, embora em outras se defendesse a presença feminina em profissões liberais como medicina, farmácia e odontologia, e que o exercício da profissão não impediria que as mulheres exercessem o papel de mãe e de esposa. Tal como as reportagens que a autora pesquisou, as que encontramos não possuíam assinatura, o que, de acordo com Vanin (2013), pode ser um indício de que eram produzidas pelo corpo editorial das publicações (VANIN, 2013). Seguindo Vanin (2013), acreditamos que, se o corpo editorial dos jornais se posicionava em relação às mudanças de padrões de gêneros, é porque era um assunto relevante frente ao debate público entre os anos 1870 e 1940, período que abrange o momento em Marialzira Perestrello iniciou seu ensino universitário. Se os jornais demonstram que existiam diferentes opiniões sobre o papel social feminino, podemos compreender que os padrões de gêneros não eram rígidos nem definitivos. Também por este motivo, optamos por retratar às diferentes posições que Perestrello assumiu, enquanto mulher, ao decorrer de sua trajetória profissional.

1.6 CENTROS FEMININO DE CIENCIAS, ARTES E A UNIÃO UNIVERSITÁRIA FEMININA.

Outra questão a ser levantada é sobre os movimentos políticos que defendiam os interesses das mulheres na ciência e na universidade. A própria Marialzira Perestrello participou destes movimentos. Em 1935, um ano após entrar na universidade, fez parte da fundação do Centro Feminino de Ciências, Artes e Letras. Segundo o *Jornal do*

Commércio (27/06/1935: 12) e o *Diário da Noite* (27/06/1935: 4), o Centro tinha o objetivo de zelar pelos interesses da mulher brasileira e das estudantes dos estabelecimentos superiores.

Em entrevista, Marialzira Perestrello confirmou que foi integrante da União Universitária Feminina. Na União, ela participou como delegada do III Congresso Nacional Feminino, cuja cerimônia de abertura foi realizada no Automóvel Club do Brasil (*DN*, 01/12/1936: 3). O III Congresso aconteceu na capital, Rio de Janeiro, entre os dias 1º e 8 de outubro de 1936, e contou com a presença de ministros de Estado, governadores e associações femininas. A cerimônia de abertura do congresso teve como presidente de cerimônia a esposa de Getúlio Vargas, Darcy Vargas. Para compor a mesa de abertura, foram convidados dois homens, mostrando com clareza as contradições que o movimento feminino vivia: o ministro de Relações Exteriores, Macedo Soares, que representou o Presidente da República, e o prefeito do Distrito Federal, Olympio de Mello (*O IMPARCIAL*, 25/10/1936). O jornal *Diário de Notícias* também publicou a notícia sobre a inauguração do Congresso e entrevistou a engenheira Carmem Portinho, que era representante do Distrito Federal e a presidente da União Universitária Feminina durante o período. Algumas reivindicações não abrangiam apenas as mulheres, mas também a criação de uma Fundação Internacional para receber e hospedar estudantes de outros países e a possibilidade de que os diplomas conferidos pelo país fossem válidos em outros países da América (*DN*, 01/12/1936: 3). O congresso tinha como tema principal o Estatuto da Mulher e a reivindicação mínima era a aplicação do art. 113, n. 1 do estatuto, que afirmava que não deveria haver distinções nem privilégios baseados no sexo. Para isso, havia o objetivo de regulamentar dispositivos constitucionais no que se referia ao trabalho feminino, lar, maternidade, infância etc. Também se pretendia construir bases de colaboração com o Governo e o Congresso Nacional. Uma das propostas era criar um Departamento da Mulher.³⁵

Marialzira, junto com a também delegada Mariazita Velasco Kopp, apresentou propostas ao Estatuto da Mulher. Além de ressaltarem os artigos 106 e 108, que estabeleciam, respectivamente, igualdade de sexo ao direito à nacionalidade e ao voto, e o artigo 112, que proibia a diferença de salário por motivo de idade, sexo, nacionalidade e estado civil, afirmavam que, tal quais os homens eram obrigados ao serviço militar, as mulheres também deveriam servir à Pátria. Defendiam então que a mulher universitária

³⁵ ANTE-PROJECTO oficial do III Congresso Feminino. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, QO. ADM. EVE. CNG.TXT.

não queria apenas direitos, mas deveres. As mulheres, entre 18 e 21 anos, deveriam prestar serviços de assistência social em âmbito hospitalar (serviço de enfermagem) e educacional (alfabetização, orientação cívica etc.). Para Marialzira e Mariazita, enquanto “o homem destrói e mata na guerra”, “as mulheres podem construir e remediar”.³⁶ Outra estudante da União Universitária Feminina que discursou no III Congresso Nacional Feminino foi Lêda Boechat, que denunciou o fato da mulher brasileira ainda naquele período possuir uma posição inferior no Código Civil.³⁷ A mulher casada era considerada incapaz de exercer determinados atos legais (condição equiparada aos indígenas, pródigos e menores entre 16 e 21 anos) e não podiam trabalhar fora sem autorização do marido.

De acordo com Joan Scott, os movimentos feministas estiveram voltados para sublinhar a igualdade ou a diferença entre homens e mulheres, dependendo das questões e dos contextos históricos (SCOTT, 2002: 23-24). Na era das revoluções democráticas, as “mulheres” continuaram excluídas da política por conta do discurso da diferença sexual. O feminismo, contrário à exclusão feminina da política, tinha o objetivo de eliminar estas diferenças entre os sexos. As reivindicações, entretanto, tinham que ser feitas em nome das “mulheres” e, assim, as feministas acabavam alimentando as diferenças que queriam eliminar. Esse paradoxo, de rejeitar e aceitar a “diferença sexual” permeou toda a história do feminismo enquanto um movimento político (SCOTT, 2002: 26-27).

Com o apoio de Scott, é possível compreender as propostas levantadas por Perestrello no III Congresso, que, ao mesmo tempo em que reconheciam a igualdade, ressaltavam as diferenças entre os gêneros. E é considerando estes paradoxos e contradições que propomos observar a trajetória de Marialzira Perestrello. Ela participou da União Universitária Feminina, ligada à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Como delegada da União, participou do III Congresso Feminino, por meio do qual podemos analisar suas ideias sobre direitos e deveres das mulheres. É importante lembrar que Perestrello estava inserida em um contexto em que a mulher era chamada a contribuir para melhorar o país, mas que a restringia a determinados setores, como a educação dos filhos. Essas contradições reuniam na figura de Marialzira uma

³⁶ ANTE-PROJECTO oficial do III Congresso Feminino. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, QO. ADM. EVE. CNG.TXT.

³⁷ BOECHAT, Lêda. Sugestões apresentadas ao III Congresso Nacional Feminino pela Delegada da União Universitária Feminina, Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, QO. ADM. EVE. CNG.TXT.16.

mulher que estudava medicina, que participava dos movimentos emancipatórios, mas que supunha como sua missão central o casamento e a família. É o que passamos a considerar agora.

CAPÍTULO 2

ENTRE A MÃE DE FAMÍLIA E A PROFISSIONAL: DILEMAS DE UMA GERAÇÃO

Neste capítulo, analisamos a transição de Marialzira como estudante de medicina para o desempenho de outros papéis, nem sempre em harmonia uns com os outros, como aqueles que dizem respeito à sua identidade como filha, mulher, mãe e profissional. Neste percurso, retratamos sua ida para Colômbia, a fim de acompanhar a mudança de sua família, quando seu pai, Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda (1892-1979),³⁸ foi nomeado embaixador do Brasil (1939 a 1940). A seguir, tratamos do seu retorno ao Rio, depois de alguns meses em Bogotá, para se casar com seu colega de universidade, Danilo Perestrello. Em seguida, discutimos sua escolha pelo trabalho como tarefeira no Departamento de Compras do Instituto de Tecnologia, ao invés de seguir a carreira médica (de 1941 a 1943). A gravidez, em 1943, e seu papel de mãe e dona de casa vêm em seguida. Finalmente, abordamos sua retomada profissional em 1953, dessa vez dentro do campo da medicina e dos saberes *psi*, na Clínica de Orientação Infantil da Universidade do Brasil.

2.1 TRANSIÇÕES ENTRE A ESTUDANTE DE MEDICINA E AS PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO EM SUA IDA PARA BOGOTÁ

No segundo semestre do ano de 1939, Marialzira Perestrello formou-se em medicina. A descrição da formatura dos estudantes do ano de 1939 em vários jornais da época demonstra a importância de se adquirir um diploma de medicina naquele contexto. A votação para paraninfo, presidida pelo então diretor da Faculdade, professor Dr. Fróis da Fonseca, ocorreu em 31 de julho de 1939. (*JORNAL DO COMMERCIO*, 29/07/1939: 6).

³⁸ Francisco Pontes de Miranda nasceu em 23 de abril de 1892, em Maceió. Em 1911, com apenas 19 anos, formou-se em Direito na Faculdade de Recife. Case-se com Beatriz Albuquerque, em 1914. Aos 60 anos, casou-se, pela segunda vez, com Amnérís Cardilli. Em relação a sua obra,, destaque-se “Tratado de Direito Privado”, de sessenta volumes, em que Pontes de Miranda demorou quinze anos para escrever as 30.047 páginas. Em 1979, foi eleito para Academia Brasileira de Letras. JÚNIOR, Faustino da Rosa. Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda: biografia. Disponível em <https://docplayer.com.br/15874668-Francisco-cavalcanti-pontes-de-miranda-biografia.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

Os resultados foram os seguintes: para paraninfo foi escolhido o professor de fisiologia Dr. Oscar de Sousa (*JORNAL DO BRASIL*, 04/08/1939: 12). Sousa, inclusive, não dava aulas há anos na faculdade e aqueles que estavam se formando não haviam sido seus alunos, mas, mesmo assim, ele foi escolhido para ser o homenageado da turma. Segundo a *Gazeta de Notícias* (08/12/1939: 3), esta foi uma maneira de homenageá-lo enquanto “homem da ciência e professor”. O orador da turma foi Clementino Fraga (*JORNAL DO BRASIL*, 04/08/1939: 12). Em *A Noite* (14/11/1939: 5), o destaque foi para a homenagem feita ao professor Abdon Lins, descrito como “animador das pesquisas experimentais” no campo da microbiologia. O baile de formatura foi realizado nos salões do Fluminense F. C (*A NOITE*, 23/12/1939: 4) e a cerimônia no Teatro Municipal (*O MALHO*, 21/12/1939: 6).

Sem dúvida, formar-se em medicina era um feito muito valorizado na época, visto que os jornais noticiavam a cerimônia de formatura, fato igualmente observável pela sua realização em um local de destaque da cidade, como o Teatro Municipal. Como descreveu o colega de Marialzira, Bruno Lobo³⁹ em suas memórias, famílias, muitas vezes vindas de locais distantes, prestigiava o formando. Eram jovens sorridentes e cheios de esperança no futuro (LOBO, 1994: 1964).

Marialzira Perestrello também fazia planos. Logo após a formatura, em 1940, acompanhou a família, que fixou residência em Bogotá, por seu pai ter se tornado embaixador do Brasil na Colômbia (ARAÚJO, 2004:13). Em uma entrevista feita a Carlos Ponte e Begonha Bediaga (1992), Marialzira Perestrello disse que, quando chegou a Bogotá, não queria ser “apenas a filha do embaixador”, mas que ainda não sabia muito bem qual o caminho profissional que tomaria⁴⁰.

Tornou-se, então, monitora do curso de fisiologia da Faculdade de Medicina de Bogotá⁴¹ (Universidade Nacional da Colômbia). Segundo Marialzira, tal posto foi possível graças à rede de contatos do pai embaixador⁴², uma vez que ele era muito amigo do embaixador colombiano Domingo Esguerra, que a apresentou ao professor de Fisiologia, Afonso Esguerra Gómez (1897-.1967), seu sobrinho.

³⁹Bruno Alípio Lobo (1913-1995) se tornaria posteriormente titular da cadeira da histologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e decano do Centro das Ciências da Saúde da UFRJ (TOSTES, 2014: 345).

⁴⁰ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:33

⁴¹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:33

⁴² PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:33

Cheguei em Bogotá... Eu estava recém-formada e aí eu não queria fazer só vida social de filha de Embaixador. Eu queria estudar alguma coisa, então, indaguei o que havia. Papai era muito amigo do ex-Embaixador da Colômbia que... Que era Domingo Esguerra e que fez viagem conosco. O Embaixador Domingos Esguerra... Voltava da missão aqui e ia para Bogotá... Ia para a terra dele, quando o meu pai ia para a missão em Bogotá. Então, fizemos a viagem toda juntos. Uma amizade enorme, enorme, porque era uma viagem longa. Naquela época, tivemos que ir para o Panamá e tudo. Aí o embaixador Domingos Esguerra, parece que conversando sobre que eu gostaria de fazer alguma coisa na faculdade... E ele disse: “eu vou lhe apresentar os meus dois sobrinhos: um radiologista e outro professor de fisiologia, Alfonso Esguerra”. Um dos mestres da minha vida (PERESTRELLO, 1992: 32).

Sobre Esguerra, a entrevistada conta que, em vez de fazer experiências com animais, sempre que podia, ele “ensinava-a a manejar os aparelhos nos próprios estudantes”.⁴³ Esguerra havia ingressado na Universidade Nacional da Colômbia na década de 1920 com o título de médico cirurgião. Em 1922, tornou-se professor de anatomia patológica na mesma Universidade. Naquele mesmo ano, foi convidado a integrar o Instituto de Rádio do Laboratório de Pasteur na Universidade de Paris. Em 1928, já de volta à Colômbia, foi convidado a ocupar a cátedra de fisiologia da Universidade Nacional. Ele fazia diversos experimentos, como o de aplicar corrente elétrica diretamente no cérebro de animais em zonas motoras para observar a sua propagação até o músculo. Foi por meio de sua orientação que, pela primeira vez na Colômbia, os alunos puderam ter acesso a procedimentos e técnicas para determinar o metabolismo basal (PASTOR, 1982: 38).

Com este trabalho, Marialzira encaminhava-se para a experiência de fazer ciência básica, experiência profissional sobre a qual ela sonhava desde o tempo de estudante, podendo avaliar com mais clareza o caminho que vislumbrava dar para sua carreira desde quando participava das rodas de conversa com os cientistas em sua casa em Ipanema, ainda menina. Entretanto, como veremos a seguir, os caminhos percorridos a afastaram da medicina por uma década, pelo menos.

⁴³ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:33

2.2 A UNIÃO ENTRE DANILO E MARIALZIRA

Conforme Marialzira relatou em entrevista, ela foi para a Colômbia com a promessa de voltar ao Brasil para casar-se com Danilo,⁴⁴ velho conhecido desde os tempos de escola. De fato, embora seu pai tenha ficado na Colômbia até setembro de 1941, quando passou a ocupar lugar no Conselho Administrativo da Repartição Internacional do Trabalho em Montreal (*O JORNAL*, 12/09/1941: 6), Marialzira voltou com sua mãe para o Brasil para cumprir sua promessa. Em 02 de janeiro de 1941, Marialzira casou-se com Danilo Perestrello da Câmara (1916-1989) (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 08/01/1941: 12).

Os dois haviam se conhecido ainda no colégio Bennett e se reencontraram no curso pré-vestibular (ARAÚJO, 2004: 14). O pai dele, Emílio Perestrello da Câmara, um comerciante de perfumes, era descendente de portugueses, e a mãe descendente de italianos (PERESTRELLO, 1987: 72). Segundo Marialzira conta em suas entrevistas, a princípio, seu pai não foi a favor do casamento. Os pais “lutaram muito” para que desistisse do casamento, porque, diziam, o rapaz “não era nada”.⁴⁵ O pai, como jurista e desembargador, recebia a visita de vários advogados em seu escritório e tentou apresentar diversos jovens promissores para Marialzira, mas não obteve sucesso no seu intento de dissuadi-la da ideia de se casar com Danilo. Segundo confidenciou em entrevista, um destes era um promissor advogado que já havia feito concurso para ser juiz, e que chegou a pedi-la em namoro. Segundo Marialzira, esse jovem chegou a Presidente de Apelação da Corte.⁴⁶

Apesar de sua posição “pouco promissora”, Danilo Perestrello, segundo Marialzira, não poupou esforços para se firmar como médico. Quando estava no segundo ano da universidade, já era interno da Clínica de Pele e Sífilis, na Policlínica de Botafogo. No quinto e sexto ano, foi interino da cadeira de Clínica Propedêutica Médica da Faculdade Nacional de Medicina, sob orientação de Waldemar Berardinelli (PERESTRELLO, 1987: 72). A tese de Danilo Perestrello, denominada “A Psiquiatria atual como Psicobiologia”, defendia a noção do homem enquanto uma unidade psicossomática. Propunha que o doente deveria ser visto como “pessoa”, não apenas no

⁴⁴ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 33

⁴⁵ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:33;

⁴⁶ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:33: 34

presente, mas no passado, já que, seguindo o fisiologista William Maddock Bayliss (1860-1924), uma das características da matéria viva, “conquanto não lhe seja completamente peculiar, é que seu estado, em qualquer momento, está sempre, parcialmente, determinado pela própria história de sua vida”. (*apud* EKSTERMAN, 2002:303-304). Logo depois de formado, Danilo passou a trabalhar como clínico geral em uma clínica no centro da cidade. Nos anúncios que fazia para divulgar seus serviços, descrevia-se como assistente de Waldemar Berardinelli (*CORREIO DA MANHÃ*, 12/07/1940: 2). Posteriormente, é possível encontrar anúncios no qual ele informava sua especialidade de clínico geral, dizendo-se capaz de tratar seus pacientes por meio de uma nova especialidade: “psicoterapia pela análise profunda” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 19/04/1944: 2). Além disso, entre 1941 e 1944, foi médico contratado do Serviço Nacional de Educação Sanitária do Ministério de Educação e Saúde, psiquiatra do Sanatório de Nossa Senhora Aparecida, sócio da Sociedade de Psicologia Individual do Rio de Janeiro e membro da Liga Brasileira de Higiene Mental. Também na primeira metade da década de 1940, inseriu-se no ensino médico. Foi assistente extranumerário da cadeira de Patologia Geral na Faculdade de Ciências Médicas a convite de Waldemar Benardinelli; foi assistente extranumerário da cadeira de Clínica Propedêutica médica e assistente efetivo da quarta cadeira de Clínica Médica na Faculdade Nacional de Medicina (PERESTRELLO, 1987: 73).

Em 1944, passou para o primeiro concurso público do Serviço Nacional de Doenças Mentais, sendo nomeado psiquiatra do SNDM, o que o obrigou a deixar o cargo de assistente na Faculdade de Medicina (PERESTRELLO, 1987: 73). Foi com apoio financeiro desse Serviço que ele, juntamente com Marialzira e seu filho Sigmund, foi para a Argentina, quando os dois fizeram formação em Psicanálise. Na sua volta, já encontramos em anúncio a sua “clínica de nervosos”, adicionando uma nova informação relevante: nela, o médico aparece como membro da Associação Psicanalítica da Argentina (APA) (*CORREIO DA MANHÃ*, 24/04/1949: 1; *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 24/04/1949: 1).

Abram Josek Eksterman, que se tornou diretor do Centro de Medicina Psicossomática e Psicologia Médica do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro em 1962⁴⁷ e se diz discípulo de Danilo Perestrello, afirma que o

⁴⁷ ABRAM JOSEK EKSTERMAN. *Academia Nacional de Medicina*. Disponível em http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=2554&descricao=Abram+Josek+Eksterman. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

grande mérito do médico foi o de introduzir e integrar o conhecimento psicanalítico na prática e ensino médicos, não apenas como uma nova especialidade terapêutica, mas “como subsídio indispensável a uma autêntica medicina” (EKSTERMAN, 2012: 305). Segundo seu discípulo, Danilo teria sido capaz de construir uma ponte entre a medicina e a psicanálise ao incluir o conhecimento psicodinâmico no cotidiano médico (EKSTERMAN, 2012: 304).

Com apoio de Eksterman, ficamos sabendo que Danilo ministrou cursos equiparados de Psiquiatrias na Faculdade Nacional de Medicina entre 1951 e 1957 (EKSTERMAN, 2012: 304), além de um curso de extensão na mesma instituição, intitulado “A Psicanálise como terapêutica” e organizado pelo Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade do Brasil (*DIÁRIO CARIOCA*, 07/12/1949: 3).

Além disso, Danilo Perestrello desenvolveu trabalhos sobre Higiene Mental e aproximou-se de assuntos sobre educação e infância. Em seu livro *Almas Infantis*, por exemplo, chama atenção para a importância do papel do higienista na condução dos pais. Afirmava então que “Educação é uma Ciência e que os pais deveriam seguir as normas seguidas pela Higiene Mental Infantil” (*A CASA*, 04/1949: 77). Também ministrou cursos sobre psicanálise na Associação Brasileira de Educação (*O JORNAL*, 1º/07/1949: 4; *CORREIO DA MANHÃ*, 10/06/1949:14).

O fato dos pais de Marialzira Perestrello não ter aprovado o casamento pode ter influenciado todo esse esforço de Danilo Perestrello, ainda mais quando somos informados de que Francisco Pontes de Miranda tentou enviar uma quantia para apoio do casal em alguns momentos⁴⁸.

Lutamos muito, mas muito, muito, porque, como não era, assim, um casamento muito querido por papai e mamãe... Nós não quisemos nenhuma ajuda financeira de papai. Papai mandava mesada, mas... Eu depositava num banco... Não pegava a mesada. E, também, não quisemos nenhum pistolão dele para nomeação de médico. E como não surgiu nenhum concurso para eu fazer... O Danilo começou logo a fazer uma porção de plantões. Coitado! Fazia uma porção de plantões. E para mim, não surgiu nenhum concurso. Então, eu fui trabalhar fora da medicina, porque nós não queríamos usufruir do pistolão do nome do papai, para pedir uma nomeação ou coisa parecida (PERESTRELLO, 1992: 34).

⁴⁸ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:34

Marialzira Perestrello ainda ressaltou: “Hoje eu vejo que é bobagem, mas éramos, os dois, idealistas”.⁴⁹ É preciso ressaltar que, apesar de não ter aceitado a ajuda do pai, Marialzira aceitou, como veremos mais adiante, a ajuda de uma tia para conseguir um emprego como tarefaira.

O casal Perestrello “obedeceu” a certas praxes de um casamento, comuns àquele período, em que o homem honrado devia ser o provedor da família. É interessante perceber que a escolha por quem se casar estava condicionada a certos padrões sociais e que o próprio casamento também esteve ligado à conservação de modelos, principalmente os de gênero. A difusão do discurso científico, jurídico e popular de que as mulheres eram mais frágeis e delicadas, enquanto os homens eram fortes e racionais, mostrava que o casamento resolvia esse desequilíbrio pelos papéis complementares que cada um assumiria na família conjugal (VAITSMAN, 1994: 56). Tal padrão nunca se generalizou na sociedade, uma vez que havia conflitos com outros valores e práticas, mas se tornou o padrão ideal de comportamento (VAITSMAN, 1994: 59), ou seja, um modelo que, na prática, não era aplicado sem exceções. Com isso, podemos afirmar que a família se tornou lugar privilegiado da reprodução social e, evidentemente, da reprodução biológica (LEFAUCHER, 1991: 479).

Estes discursos normativos, muitas vezes, eram também encontrados em revistas femininas, como demonstrou Carla Bassanezi (1996). No período compreendido entre o final do pós-guerra até os anos de 1950, enquanto as meninas deveriam provar que eram “boas moças”, recatadas, fiéis e prendadas, os rapazes deveriam “provar” que eram honestos, responsáveis, respeitadores e trabalhadores. A mãe era responsável por preparar a menina para o casamento, vigiava os namoros e ajudava a escolher o noivo. O pai avaliava o pretendente e protegia a reputação da jovem (BASSANEZI, 1996: 72; 73). O namoro era considerado uma preparação para o noivado e casamento e, portanto, não devia ser tomado apenas por um passatempo ou uma satisfação imediata (BASSANEZI, 1996: 72; 75). Aos jovens mais esprevidados, os conselheiros de revistas femininas chamavam atenção para o fato de que o amor era importante, mas não era suficiente (CUPELLO, 2013). Para um bom casamento, era necessário considerar a questão financeira, as compatibilidades sociais e as afinidades (BASSANEZI, 1996: 72; 73). Como vimos, até o casamento, Danilo e Marialzira tiveram que se defrontar com estas regras mais tradicionais, embora fosse possível não as obedecer. Uma das

⁴⁹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:34

evidências é a de que o pai procurou escolher algum outro pretendente melhor, capaz de sustentá-la da maneira refinada, da mesma forma como tinha sido criada, mas não foi bem-sucedido. Marialzira pôde, afinal, escolher seu pretendente.

Para Bassanezi (1996), a opção por não se casar era algo quase que impensável, sobretudo para as mulheres. Inclusive, por questão de honra, as meninas deveriam sempre se apresentar como aptas ao casamento. Nas décadas de 1940 e 1960, revistas femininas, como *Jornal das Moças*, dividiam as solteiras entre “moças de famílias”, que eram aquelas com mais chance de se casar, ou seja, que eram respeitadas pelos rapazes por saberem “se respeitar”; e as “levianas”, com quem os homens namoravam, mas não queriam compromisso por não terem boa reputação (BASSANEZI, 1996: 60). Assim, é possível perceber que existiam aquelas que se comportavam de acordo com as normas e aquelas que as transgrediam.

Os comportamentos desviantes colocavam em dúvida o poder masculino. Embora na teoria esta divisão fosse simples, na prática, era incerto definir o grau de seriedade de uma mulher, o que provocava uma tensão com relação à sua confiabilidade (ZECHLINSKI, 2007: 408). Foi assim que os médicos passaram também a se imiscuir no assunto das relações amorosas. No início do século XX, a ordem era combater as paixões cegas, para que se reforçasse a instituição matrimonial que produzisse uma prole legítima (MALUF; MOTT, 1998: 388). Psiquiatras, como Antônio Austregésilo, que inclusive foi professor da Faculdade de Medicina e, inclusive, de Marialzira, reafirmavam o juízo da tradição cristã de que o casamento era a melhor via para a “domesticação das paixões e desejos pecaminosos” (MALUF; MOTT, 1998: 386). Em nome da família, estes “higienistas da alma” se sentiam à vontade para fiscalizar padrões de comportamentos (MALUF; MOTT, 1998: 386). Austregésilo (1916: 96) ressaltava que as ideias que faziam do amor “uma moléstia de ânimo, embriaguez indomável dos sentidos, galvanismo invencível” não seriam adequadas para a vida, mas apenas para textos literários. Para o autor, o amor deveria respeitar a moral e a honra. Amar impunha, igualmente, considerar o respeito aos “escrúpulos e deveres”. Quando isso não ocorria, seria o resultado não de amor, mas de uma psicopatologia: “obsessão, obnubilação do raciocínio e impulso psico-sexual” (AUSTREGÉSILO, 1916: 96).

No campo da prática sexual propriamente dita, a “ética sexual” estaria na procriação (AUSTREGÉSILO, 1916: 107-108). Assim, para o médico, amar seria também, neste sentido, “procriar, e todo o ato que termine na imortalidade da raça, é harmônico para a natureza, é moral para a sexualidade” (AUSTREGÉSILO, 1916: 108).

Ao dito “degenerado”, no entanto, o contrato sexual eugênico não se aplicava, pois “a procriação deste seria imoral” (AUSTREGÉSILO, 1916: 109). Se o casamento servia para a manutenção da normalidade, era preciso que ele seguisse os princípios eugênicos. Portanto, ao submeter o casal ao olhar clínico, através dos exames pré-nupciais, “o casamento se incrustou na encruzilhada entre os comportamentos sexuais dos indivíduos e a transformação da sociedade” (FACCHINETTI, 2013).

Tais princípios não são apenas adotados, mas também prescritos por Marialzira Perestrello, que escreveu um livro de divulgação científica chamado de *Exame Pré-Nupcial*. O livro foi encomendado ao marido, que trabalhava no Departamento de Propaganda Sanitária, mas Danilo a indicou para escrevê-lo (ARAÚJO, 2004: 15). Segundo Marialzira, o exame pré-nupcial deveria ser feito de modo a garantir a saúde do casal e dos filhos. Nesse exame, o médico iria indagar minuciosamente sobre doenças familiares, antecedentes hereditários e doenças pessoais progressivas, além de exigir exame de sangue e radiografia dos pulmões. As vantagens de fazer tais procedimentos seriam o esclarecimento do estado de saúde do casal, a proteção à prole e o auxílio a um lar feliz (PERESTRELLO, 1952:9). Perestrello também enumerou nessa obra alguns casais que não deveriam ter filhos: aqueles em que pelo menos um da parilha fosse epilético, alcoólatra crônico, coreico, portador da Doença de Friedriech, hemofílico ou filha de hemofílicos e sífilíticos (a não ser após a “negativação das reações no sangue” e sempre com o tratamento do cônjuge) (PERESTRELLO, 1952: 12). Além destes cuidados clínicos, os noivos deveriam fazer uma visita ao psiquiatra, preferencialmente psicanalista, para compreender seus problemas íntimos e corrigir as reações exageradas diante da vida, o que poderia influenciar na formação da mentalidade dos filhos (PERESTRELLO, 1952: 15).

A perspectiva dos padrões higiênicos era apreciada por Marialzira Perestrello, como podemos observar no informativo *Exame Nupcial* (1952). Afirmava que os futuros noivos deveriam se preocupar com a saúde para que, no futuro, não tivessem filhos doentes. Danilo e Marialzira, aparentemente saudáveis, pertenciam a uma classe média que se enquadravam nos parâmetros da higiene mental, e, portanto, poderiam se casar e constituir família. Aliás, vale dizer que com dois anos de casados, Marialzira e Danilo tiveram um filho e deram a ele o nome de Sigmund, em homenagem a Freud.

2.3 O TRABALHO COMO “TAREFEIRA”

Após retornar ao Brasil, Marialzira exerceu, no Departamento de Compras do Instituto de Tecnologia, o ofício de “tarefeira”, no qual examinava papéis e tecidos para o governo⁵⁰ e verificava, no microscópio, se as fibras eram de algodão ou linho. Os tecidos eram para as fardas da Aeronáutica, Marinha e Exército. Já os papéis eram para o funcionalismo público (PERESTRELLO, 2000b: 4). Este foi seu primeiro trabalho remunerado, conseguido por uma tia, que era secretária de um dos diretores do Departamento de Compras.

Apesar de silenciar sobre este assunto, é interessante apontar que, depois de formada em Medicina, Marialzira não exerceu a profissão imediatamente. Enquanto isso, seu marido Danilo ia construindo uma carreira abria consultório particular, lutava por maior espaço na Universidade e concorria ao serviço público de modo a ganhar um posto e estabilidade, como convinha ao chefe de família. Marialzira se manteve nesse trabalho temporário por pouco tempo, exonerando-se em 1943 para ter seu filho.

Uma pergunta inevitável: por que, enquanto casada, não perpetuou seu interesse pelos estudos, construindo uma carreira intelectual mais sólida junto com o seu companheiro, com quem vinha estudando desde tão jovem? Na dedicatória de Danilo a Marialzira, em sua tese de livre docência, ele afirma: “À minha colega dos bancos da faculdade, Marialzira Pontes de Miranda, hoje Perestrello, que despertou em mim o gosto pelo estudo e pelos prazeres do espírito, dedico esse trabalho” (PERESTRELLO, 1945). A pergunta fica ainda mais pertinente quando Danilo nos informa que foi ela que o despertou para os estudos. Ele, em contrapartida, depois do casamento, crescia intelectualmente a olhos vistos e ganhava cada vez mais notabilidade junto aos colegas.

Em diferentes entrevistas, no entanto, Marialzira sempre retorna à preocupação de que Danilo se sobressaísse a ela, como fica claro nessa passagem da entrevista, em que ela afirma:

Se eu vivia à sombra dele, como preferem alguns, era um prazer e uma satisfação muito grande para mim. Eu amava o Danilo e

⁵⁰ “Tarefeira” é denominado aquela pessoa que recebe remuneração por tarefa, por empreitada (TAREFEIRO. *Dicionário Priberam*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/tarefeira>. Acesso em 23 de outubro de 2018). Buscamos em Diários Oficiais na União e na Hemeroteca algo sobre a ocupação. De relevante, apenas o Decreto- Lei N° 6. 631, de 27 de junho de 1944, portanto, ano posterior da saída de Marialzira Perestrello, que regulamentou o direito de férias e licenças para tarefeiros e diaristas. Para gestantes, era dado o direito de uma licença maternidade de três meses com salário integral. Portanto, Perestrello não teria o direito, já que engravidou um ano antes que 1944.

queria que ele sobressaísse, para uma satisfação interna minha. Danilo tinha muita projeção em medicina psicossomática e eu me sentia tão feliz com isso. Nunca me senti abafada por ele. O que eu fazia por ele era por amor. (PERESTRELLO, 2000a: 5)

Em outra entrevista concedida à Ana Karina (2003), que na ocasião fazia pesquisa de mestrado sobre Marialzira, a entrevistada afirmou que quem deveria ser tema da sua dissertação era o Danilo e não ela.⁵¹ Finalmente, é de chamar atenção que nas biografias que retratam sua obra ou trajetória, não se questiona essa tomada de decisão de colocar seu marido na luz dos holofotes, ao mesmo tempo em que fugia para as sombras (c.f. ABRÃO, 2016; ARAÚJO, 2004; MURAT, 2012).

Essas perguntas podem ser mais bem compreendidas quando avançamos sobre a história de outras mulheres que viveram no mesmo período. Fani Averbuh Tesseler (2009), que entrevistou vinte e duas mulheres que foram universitárias em Porto Alegre entre as décadas de 1940 e 1950, afirma que, em todas as entrevistas, as mulheres diziam que resolveram fazer faculdade por influência do pai e que, depois, quando casadas, planejaram ou orientaram as próprias carreiras levando em consideração o marido e os filhos (TESSELER, 2009: 139). Inclusive, muitas delas, mesmo portando um diploma de ensino superior, ainda preferiam manter a tradição de papéis de gênero na família. Segundo Tesseler, por trás das “vozes das mulheres” que entrevistou, “havia a importância da voz dos homens em suas vidas”. Mesmo instruídas, primeiro o pai e depois o marido possuíam o poder de decisão na carreira delas (TESSELER, 2009: 141-142). De acordo com a pesquisadora, todas as mulheres dessa geração que entrevistou sublinhavam a cultura do pai e chamavam atenção para o fato de que este possuiria uma mentalidade avançada para a época, já que haviam permitido que as filhas fossem estudar em cidades grandes e distantes (TESSELER, 2009: 142). Entretanto, a posse do diploma não as fez ganhar espaços de poder no trabalho, mas, em geral, sua principal atividade manteve-se centrada no lar e na família. Até mesmo no caso daquelas que haviam abraçado a formação médica, suas escolhas e estratégias de trabalho permaneceram as mesmas que as de outras mulheres do período, mantendo-se de acordo com os padrões de gênero dos anos de 1950 e 1960 (TESSELER, 2009: 144).

Assim, pensando em Marialzira diante de tantas mulheres de seu tempo, é possível dizer que seus pais certamente também a influenciavam, uma vez que, mesmo já formada, acompanhou-os a Bogotá. Por outro lado, eles não tiveram total poder de

⁵¹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista. Entrevistadora Ana Karina Araújo (Transcrição na íntegra), 2003.

decisão na vida da filha, já que ela não abriu mão da sua aposta no amor romântico. Mas, certamente, Danilo era a figura destacada do casal. Depois de casada, Marialzira não deu continuidade aos investimentos para construir sua promissora carreira, pelo menos não inicialmente.

Vale ressaltar, por outro lado, que homens e mulheres sofriam de diferentes pressões sociais. No caso dos homens, era esperado que eles fossem capazes de serem os provedores da casa, tarefa mais difícil quando o indivíduo de classe média queria alcançar outros estratos sociais, como parece ter sido o caso de Danilo, casado com uma mulher de uma classe “superior” à sua. Conseguir ganhar bem, ter visibilidade em sua profissão parece, portanto, ter sido um modo de Danilo “chegar ao nível” da sua mulher, daí talvez esteja a razão do prazer sentido por Marialzira de que ele sobressaísse a ela. É esta concepção de renda, em que o homem sustenta a casa, enquanto a mulher tem um papel complementar no rendimento familiar, que possibilita a continuação da diferenciação entre o masculino e feminino. Isto também demonstra como as relações de gênero determinavam posições diferenciadas no acesso às posições de poder e de autonomia entre os dois membros do casal (TESSELER, 2009: 88).

Outro ponto nesse entrelaçamento entre profissão e casamento deve ser considerado: na relação entre intelectuais ou cientistas, parece que o risco de que o trabalho de uma das partes não fosse reconhecido sempre recaía sobre as mulheres. Segundo Sombrio (2014), isso já se enunciava pelo fato de que o casamento tornava a mulher dependente legal, econômica e socialmente de seu marido (SOMBRIIO, 2014: 55-56). Ainda que brancas e de classes mais abastadas, as mulheres cientistas tendiam a ocupar um papel secundário na vida profissional, muitas vezes se tornando assistentes (SOMBRIIO, 2014:202).

Devemos também considerar como era o mercado para as médicas durante as primeiras décadas do século XX. Ione Macedo Vanin (2013), que estudou médicas baianas entre as décadas de 1920 e 1940, afirma que a presença feminina na Faculdade de Medicina ainda era muito pequena, se comparada a dos homens. A autora analisou a quantidade de anúncios de atendimento médico e constatou que, dos 118.511 (cento e dezoito mil e quinhentos e onze) anúncios analisados, 112.158 (cento e doze mil e cento e cinquenta e oito) eram de médicos e apenas 6.353 (seis mil trezentos e cinquenta e três) de médicas. Vanin (2013) constata, assim, que a “pequena participação feminina no exercício profissional no mundo biomédico baiano” era direcionada para especialidades que atendiam crianças e senhoras, adequando-as aos papéis de mães e

esposas. Os textos das propagandas também eram direcionados para um público específico: mulheres e crianças. Ela encontrou duas exceções, entre as décadas de 1930 e 1940: Cleonice Alakija, que atuava como otorrinolaringologista, e Carmem Mesquita, especialista em doenças internas. O mesmo não acontecia com os homens, que atendiam todas as especialidades, desde a clínica geral, passando por doenças venéreas, até oftalmologia (VANIN, 2013).

2.4 O PAPEL DE MÃE

É evidente que nem todas as mulheres cientistas, após o casamento, preferiram colocar a carreira entre parênteses. Mas ao menos no caso da trajetória de Marialzira Perestrello, observamos que há uma diferença de postura entre os dois cônjuges em relação à realização profissional. Tal fato possui relevância, pois nos faz questionar se o casamento tem o mesmo impacto para homens e mulheres intelectuais. Em depoimento, Marialzira Perestrello afirma que deu tanta importância ao filho que só começou a trabalhar muitas horas ao dia depois que ele tinha mais de cinco anos. Ela acreditava que era importante a mãe permanecer o maior tempo possível ao lado dos filhos até eles completarem um ano e meio de idade (PERESTRELLO, 1997: 174).

Lembro-me de que há muitos anos fui entrevistada por uma revista, com mais duas ou três mulheres. Perguntaram sobre trabalhar fora, sobre profissão etc. Éramos a Fayga⁵², uma juíza e eu. Disse que para os filhos, até um ano e meio, quanto mais a mãe ficasse com eles, melhor. Então me perguntaram: ‘E a profissão?’ Eu respondi: ‘A profissão pode esperar’. Penso que aqueles dois primeiros anos que você tira do seu filho dificilmente são recuperados. Tem-se que dar o máximo aos filhos. A presença da mãe é indispensável nos primeiros anos. (PERESTRELLO, 1997: 174)

Marialzira Perestrello ressaltou a importância da mãe para o bebê em outras circunstâncias. Em uma reportagem do *Correio da Manhã* (1965), embora o foco aparente fosse retratar sua carreira e o fato de ela ser a primeira médica psicanalista, temas como psicanálise infantil, o seu filho Sigmund e a “vida no lar” foram retratados. Perestrello afirmava então que, se tivesse tempo, gostaria de se dedicar aos estudos da

⁵²Fayga Perla Ostrower (1920-2001) foi uma artista plástica brasileira nascida na Polônia. Atuou como gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora (ALMEIDA, 2006).

criança em seus primeiros anos de vida e às investigações na Medicina Psicossomática. Ressaltou que a presença física da mãe seria indispensável nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento psíquico da criança e que, por isso, a carreira poderia esperar. Para as que trabalhavam, porém, orientava passar um tempo com os filhos. Por fim, relatava o desejo de fazer um curso de culinária (*CORREIO DA MANHÃ*, 12/09/1965: 30).

Seguindo essas diretrizes, em 1943, ela engravidou de Sigmund e, com isso, parou de trabalhar⁵³ no Departamento de Compras do Instituto de Tecnologia. Aliás, ela conta que escolheram este nome por ela e seu marido estarem então muito interessados na obra de Freud. Danilo ainda mais do que ela, uma vez que ele começara a se dedicar ao tema no final da faculdade, enquanto ela procurou pela obra do psicanalista austríaco depois de formada em Medicina. Em entrevista posterior, Marialzira afirmou que se tivessem analisado melhor o peso de carregar o nome de Sigmund, não teriam dado este nome ao filho, mas que no momento da escolha apenas pensaram em homenagear Sigmund Freud.⁵⁴

Além de ela assumir que caberia às mães a responsabilidade por passar o maior tempo possível com os filhos, o que nos faz pensar que ela abandonou o emprego exatamente para cuidar melhor do filho Sigmund, Marialzira Perestrello apresentou outro motivo para ter largado o ofício de tarefaira.

Ao voltar ao Brasil, fui trabalhar, me casei, fiquei grávida e perdi uma menina. Quando estava grávida de Sigmund, mais ou menos com cinco meses, o Danilo disse-me: ‘Agora é melhor você não sair para trabalhar, para não perder, como o outro’. É que eu ia para o trabalho em pé, no ônibus. Foi na época do racionamento de gasolina, os ônibus iam superlotados. Grávida e em pé no ônibus trepidando... Assim perdi o primeiro bebê. (PERESTRELLO, 1997: 174)

Como já aventamos acima, o pouco investimento na carreira neste período da trajetória de Marialzira Perestrello não é citado pelos autores que se debruçaram sobre sua figura, porém é algo que merece ser melhor analisado. Além disso, isso comprova que, quando se estuda algum indivíduo, não devemos considerar sua trajetória como

⁵³PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992.

⁵⁴PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 35

tendo um início, meio e fim,⁵⁵ mas confrontar alguns paradoxos. Se no primeiro desenvolvemos sobre sua participação em movimentos como a União Universitária Feminina e demonstramos que ela foi uma das poucas mulheres a entrarem nesse período para a Faculdade de Medicina, além de chamarmos atenção para o papel da sua própria mãe como feminista, neste capítulo abordamos outra dimensão da trajetória dela. Demonstramos, assim, que um mesmo indivíduo pode apresentar diferentes problemáticas e devemos retratar as multiplicidades de um sujeito, com suas complexidades e contradições.

Na primeira metade do século XX, o meio urbano oferecia às mulheres possibilidades de conhecer outras formas de convivência para além do espaço doméstico, como diferentes locais de diversão, estabelecimentos de ensino e postos de trabalho (OSTOS, 2009: 70). À época, ainda cabia à mulher, principalmente aquela que era mãe, branca e de classe média, cuidar, primordialmente, da formação moral das crianças (OSTOS, 2012:326). Mesmo com as crescentes oportunidades de entrar no mercado de trabalho ou de possuírem maior qualificação, ainda vigorava o Código Civil de 1916, em que o marido era “chefe da sociedade conjugal”, responsabilizando o homem pela administração dos bens do casal, por fixar o domicílio familiar e por prover o sustento (OSTOS, 2009:72-73). Além disso, o Código de 1916 estipulava que a manutenção da família era responsabilidade dos cônjuges, atribuindo um aspecto essencial a cada representante social (MALUF; MOTT, 1998: 375-376). Ao homem, cabia prover o sustento familiar e à mulher cabiam os papéis de mãe e esposa (MALUF; MOTT, 1998: 379), tanto que, para a mulher trabalhar, precisava da autorização do marido (MALUF; MOTT, 1998: 375-376). O homem abriria mão do total comando familiar, ganhando tempo e energia para atuar mais na esfera pública. Enquanto isso, a mulher, enquanto responsável pela saúde física e psíquica dos filhos, centrar-se-ia mais na esfera privada (SOIHET, 1989:113).

Psiquiatras como Austregésilo e Porto-Carrero expressavam a relevância feminina para a construção da nação, ao mesmo tempo em que circunscreviam a mulher no lar, como se este fosse seu lugar ideal (OSTOS, 2012:326). A psique do homem e da mulher seria, segundo esses médicos, o reflexo de suas disposições físicas: “o primeiro domina, possui e penetra. A segunda atrai, abre-se e recebe” (AUSTREGÉSILO; PORTO-CARRERO *apud* MALUF; MOTT, 1998: 386). Austregésilo ressaltava a

⁵⁵ Ver Bourdieu, 2001.

função das mulheres na educação dos filhos e, conseqüentemente, na construção da moral dos homens. Lembrava que era na infância que ocorreria o início da formação do caráter, da fixação de muitos fatos e estímulos. Julio Pires Porto-Carrero (1887-1937) (1933: 8-10), outro professor da Faculdade de Medicina, citava evidências dessa concepção em “sociedades primitivas” e lembrava que todos os animais que vivem em rebanho, com exceção das abelhas, têm como chefe um macho. Além disso, segundo o autor, a observação de outros bandos de animais reafirmaria que, na sociedade humana primitiva, a fêmea seria aquela responsável por nutrir, agasalhar e defender os filhos. A defesa do grupo como todo, entretanto, seria assegurada pelo macho. O homem, portanto, nesta visão, deveria ser o chefe e formularia as regras morais e leis (PORTO-CARRERO, 1933: 65). As mulheres defenderiam mais a família e a vida sexual, enquanto o trabalho da civilização deveria ser o objeto do homem (PORTO-CARRERO, 1933: 69).

O professor Austregésilo publicou *Perfil da mulher brasileira: esboço acerca do feminismo no Brasil*, livro advindo de uma conferência ministrada por ele em 1918. A primeira edição foi publicada em 1923 e a segunda edição é de 1938. Na introdução da primeira edição, o autor explicita sua crença que a publicação poderia trazer benefício às famílias brasileiras. Sua tese principal era a de que a mulher, por exercer influência na formação das qualidades de homens e crianças, poderia contribuir para a organização do caráter. Nesse sentido, o pesquisador colocava a mulher como responsável pela formação dos brasileiros ao interferir no perfil moral dos homens desde a mais tenra infância (AUSTREGÉSILO, 1923: 7-8). Como o título indica, Austregésilo lembra que a ação do feminismo se espalhava naquele momento por todos os estados do Brasil. E, em nome de sua importância para a sociedade, ele esperava que vissem sua publicação como um voto de simpatia a causa delas (AUSTREGÉSILO, 1923: 8).

Por outro lado, ainda que esse olhar mais tradicional e biológico tenha permanecido ativo entre os anos de 1920 e de 1940, houve transformações nas relações e padrões de gênero. As mulheres, principalmente as que residiam nas cidades, vivenciavam tais transformações de maneira conflitante (OSTOS, 2009: 92). Ao analisar as relações de gênero durante as décadas de 1920 a 1940 através de revistas da época, Cristiana Facchinetti (2015) considera haver muitas mulheres que se constituíam como personagens ativas nas negociações de seus papéis sociais, demonstrando que os processos de mudanças que ocorriam no período viabilizavam uma multiplicidade de identidades femininas. Muitas vezes, tanto as revistas médicas quanto as de variedades

mobilizavam argumentos médicos e psicológicos, além de discursos provenientes da moral tradicional e religiosa e do evolucionismo darwinista, para respaldar a diferença entre os sexos e os papéis “naturais” de gênero. Em outras situações, baseavam-se no conhecimento científico para defender a igualdade entre homens e mulheres. Havia aquelas que consideravam que os princípios feministas funcionavam na teoria, mas não na prática, já que sabiam que a sociedade esperava que fossem “antes de tudo esposa[s] e mãe[s] adorada[s]” (Yara Maria, *VL*, 20/03/1941 *apud* FACCHINETTI, 2015). Por outro lado, outras afirmavam que o trabalho não impedia a construção de um lar nos padrões da sociedade e do Código Civil. Para essas, era possível, ao mesmo tempo, ser mãe, esposa e trabalhar (Maria Luiza *VL*, 03/04/1941:50 *apud* CARVALHO, 2017:832). Esses são apenas dois exemplos, mas que evidenciam a diversidade de experiências vividas no período e os conflitos entre mudanças e conservação dos papéis de gênero.

De fato, ao analisar jornais de época, também constatamos essa diversidade de experiências e discursos, durante o período. Em um artigo não assinado do *Jornal do Comércio*,⁵⁶ de 1932, exalta-se o número crescente, apesar de ainda reduzido, de moças que entravam para o Ensino Superior. Segundo o jornal, isso seria uma demonstração clara de que a cultura não era incompatível com o sexo feminino. O artigo ainda informava que, entre os bacharéis de 1932, havia duas mulheres formadas em Direito: Lilian da Silva e Maria Lourdes Pinto Ribeiros. A reportagem se referia também à União Universitária Feminina, já que ambas eram sócias da U.U.F.

Dentre os discursos a favor do processo de profissionalização das mulheres, o Dr. Antonio Austregésilo, por exemplo, assinalava a natureza da mulher e reconhecia os feitos de muitas mulheres célebres do Brasil. Para ele, no entanto, as brasileiras ainda não teriam atingido a sua maturidade social, como ocorreu na Inglaterra, França, Estados Unidos e Escandinávia (AUSTREGÉSILO, 1923: 28). Devido à índole mansa e bondosa da mulher, o número de empregadas públicas, datilógrafas, caixeiras, operárias, pequenas comerciantes, advogadas, dentistas, médicas e farmacêuticas era grande em relação à quantidade minoritária de mulheres nas artes e letras. E, em tentativa de elogio, Austregésilo completava: “são sempre eficientes e possuem ação quase igual à

⁵⁶A mulher brasileira nos cursos acadêmicos. *Jornal do Comercio*, 20/03/1932. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, QO. ADM. EOR. CDI.KJK.73.

do homem”. Mas a atividade da mulher era descrita como complementar (AUSTREGÉSILO, 1923: 61):

A energia social da mulher é complementar, até que surjam as necessidades da sua adjuvação directa, em partes equipolentes. À mulher estão reservados, naturalmente, dois papéis importantíssimos: o lar e a sociedade. Por enquanto, no momento hodierno da constituição das coletividades, aquele sobrepuja esse, porque o homem ainda dá conta dos maquinismos e entrosagens da vida industrial, intelectual, militar e marítima das grandes nações (AUSTREGÉSILO, 1923: 62).

Pode se dizer que, entre salvas e ataques, o processo de ensino feminino e de sua profissionalização se firmava.

2.5 O SEGUNDO EMPREGO DE MARIALZIRA PERESTRELLO NA FACULDADE DE MEDICINA

Após os anos de 1930, o Estado assumiu o papel de promover a industrialização do país, processo que contribuiu para o acesso das mulheres à educação. Aquelas que prosseguiram com os estudos para além do ensino primário, geralmente, concluíam cursos profissionalizantes (VAITSMAN, 1994: 56). À medida que se difundiam novas representações sobre o que era ser “dona-de-casa” e “mãe de família”,⁵⁷ promoviam-se também a escolarização e profissionalização de uma parcela da população feminina (AZEVEDO; FERREIRA, 2006:241). O mais comum é que se tornassem professoras secundárias ou exercessem atividades complementares no comércio ou na indústria (VAITSMAN, 1994: 56). Aos poucos, o modo com que ocupavam estes espaços afetou a divisão sexual do trabalho. Com o crescimento urbano, comercial e industrial, crescia uma classe média que exercia profissões liberais e, conseqüentemente, o nível o nível de instrução feminino aumentava (VAITSMAN, 1994: 56). É possível, então, verificar a

⁵⁷ Vale lembrar que Freire (2008:166) demonstra que médicos higienistas enfatizavam o papel da mulher para a “evolução” e “elevação” das raças. Apoiados nos preceitos higienistas, instrumentalizados pelos conhecimentos de eugenia e imbuídos pelos sentimentos nacionalistas, os médicos tinham a tarefa de preparar as mulheres para a maternidade a partir de uma racionalidade científica (Freire, 2008:160). Para Freire (2008:161), os médicos supunham o instinto maternal das mulheres, mas o considerava insuficiente. Por isso, a educação deveria incluir a puericultura, que as habilitaria a tratar os filhos a partir das regras de higiene. Os médicos ofereciam o instrumental técnico e moderno ao exercício da maternidade. Deslocavam-se os moldes tradicionais e os transformavam em atividade científica (FREIRE, 2008:168)

presença feminina em todos os níveis escolares, sobretudo no meio universitário (AZEVEDO; FERREIRA, 2006: 235). Por outro lado, o tipo de educação recebida nas escolas de formação profissional era, muitas vezes, voltado para se tornarem “educadoras sociais”, ou seja, para que fossem capazes de conduzir a administração doméstica, educação sanitária ou assistência social (AZEVEDO; FERREIRA, 2006: 141). Assim, o novo papel social atribuído às mulheres era uma espécie de associação entre a domesticidade e a vida pública, algumas vezes chamada de “maternidade científica” (APPLE, 1987; PERROT, s/d *apud* AZEVEDO; FERREIRA, 2006: 241) ou “maternidade social” (BESSE, 1999; VIDAL; RODRIGUES, 2004 *apud* AZEVEDO; FERREIRA, 2006: 241). Isso não constituía, entretanto, a reiteração de atributos “naturais” de mães e esposas, mas uma reinvenção das tarefas atribuídas às mulheres no sentido de constituir uma convenção de tipos de trabalhos específicos e, conseqüentemente, sua transformação em vários tipos de atividades profissionais (AZEVEDO; FERREIRA, 2006: 241). Além disso, a valorização social da maternidade proporcionou a entrada da mulher em campos acadêmicos e profissionais que exigiam habilidades maternais inatas, como enfermagem, magistério e assistência social (FREIRE, 2008: 167).

De certa maneira, no Brasil, o mercado de trabalho absorveu grande parte da mão-de-obra de mulheres em profissões liberais, tornando-se uma oportunidade para construírem uma carreira. Nas primeiras décadas do século XX, emergia a psicologia científica no Brasil e muitas mulheres que se dedicavam ao campo, inseriram-se, em grande maioria, na educação (MESSIAS; JACÓ-VILELA; ESPÍRITO SANTO, 2007).

O fato de mulheres trabalharem com crianças ou exercerem uma profissão tipicamente feminina não representa, simplesmente, uma forma de opressão. Marialzira Perestrello se dedicou, durante dez anos, na formulação de diagnósticos em crianças e no processo de observação infantil chamado de “hora de brinquedo”⁵⁸ (JACÓ-VILELA et tal, 2017:101), apesar de ter afirmado em entrevista que não tinha interesse em trabalhar com crianças.⁵⁹ Como afirma Michelle Perrot (1994: 503), mulheres do Ocidente, no século XIX, souberam se apoderar dos espaços que lhes eram dados para alargar suas influências. Saíram fisicamente, ou seja, andavam nas ruas, iam aos cafés e comícios e viajavam. Também saíram moralmente, ao se desprenderem dos papéis que

⁵⁸Atividade lúdica para observar as reações emocionais das crianças (JACÓ-VILELA et tal, 2017:101)

⁵⁹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992.

as eram atribuídas, ao terem opinião e ao se tornarem independência (PERROT, 1994: 503). Podemos interpretar o fato de Marialzira Perestrello ter conseguido os empregos como tarefaira e em psicanálise de crianças como o modo através do qual ela encontrou, naquele período, de “sair” física e moralmente. Se considerarmos os dias atuais, podemos ter a impressão que estes trabalhos não representavam mudanças significativas aos papéis femininos, porém as relações de gênero se apresentam, historicamente, em processos dinâmicos e através de diversas rupturas de importâncias desiguais (PERROT, 1994: 536)

Para Marialzira, o trabalho com crianças foi uma oportunidade que permitiu a ela entrar no campo da psicanálise. Como Perestrello afirmou, havia maior probabilidade de as mulheres atenderem crianças.⁶⁰ Com o crescimento da higiene mental, a partir do final dos anos de 1920, e a crença na importância central dos estudos e ações preventivas na infância para a construção de cidadãos saudáveis e trabalhadores,⁶¹ diversas instituições voltadas para a maternidade e para a infância foram criadas. Muitas mulheres podem ter se utilizado disto enquanto *interesse* para entrar no mercado de trabalho ou em instituições de ensino, e trabalhar com crianças representava mais uma oportunidade encontrada para construir sua carreira profissional. E a psicanálise pode ter sido uma oportunidade especial para isso. Na prática, talvez, elas não tivessem plena consciência de que sua escolha pela psicanálise infantil fosse a mais favorecedora profissionalmente.

Outro modo de verificar a forte ênfase social das políticas públicas e sociais que viabilizaram o crescimento do interesse na infância e oportunizaram novos espaços é na produção de leis de proteção à infância. E é justamente no corpo do Decreto-Lei n. 2.024, de 17 de fevereiro de 1940, que se criou o Departamento Nacional da Criança. No artigo 9º deste decreto, descreve-se que cada estado da federação e o Distrito Federal, deveriam, com recursos próprios e com auxílio federal, organizar um sistema de serviços destinados à proteção da maternidade, da infância e da adolescência.

Em 1946, inaugurou-se a Clínica de Orientação Juvenil (COJ), incorporada ao Departamento Nacional da Criança e organizada por Helena Antipoff (1892- 1974)⁶² e

⁶⁰ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:46; 47

⁶¹ Para mais informação sobre este assunto, ver, por ex: Wanderlei de Souza (2016), Rafael Castro (2014), Maria Martha de Luna Freire (2008), José Roberto Franco Reis (2000).

⁶² Helena Antipoff nasceu na Rússia em 1892. Em 1908, mudou-se para a França e, em 1910, no Laboratório de Psicologia da Universidade de Paris, participou da padronização de testes de nível mental de crianças, elaborados por Alfred Binet e Théodore Simon. Neste período, conheceu Edouard Claparède,

Mira y Lopes (1896-1964)⁶³. A psicóloga russa Helena Antipoff foi a primeira diretora do COJ, posto que ocupou até 1949 (JACÓ-VILELA et al., 2017: 94). Em relação às condutas das crianças, a Clínica orientava e recomendava ações à família, escola e outras pessoas de demais ambientes frequentados pela criança (RAFANTE; LOPES, 2010: 28). A primeira etapa consistia na inscrição da criança ou adolescente, ocasião em que uma assistente social entrevistava a mãe. Depois, a criança passava por diversos exames médicos, psiquiátricos e psicológicos para determinar o nível mental e as características de sua inteligência e personalidade. Se confirmada a necessidade de tratamento, o paciente era encaminhado para a psicoterapia semanal e a assistente social realizava entrevistas semanais com a mãe acerca das condutas das crianças. A equipe se reunia, a cada semana, para discutir os casos (RAFANTE; LOPES, 2010: 31-32).

Já a Clínica de Orientação da Infância, cujo endereço era na Avenida Pauster, nº 298, foi criada pela psiquiatra e psicanalista Maria Manhães (1917-2009),⁶⁴ no ano de 1956. Criada a partir do modelo assistencial higienista, a clínica atendia os filhos dos pacientes do Serviço Nacional de Doentes Mentais (JACÓ-VILELA et al., 2017:99).⁶⁵ A clínica foi pensada para atender uma grande quantidade de crianças e manter uma circulação intensa no seu entorno, pois contava com um pavilhão de internação.⁶⁶

que a convidou para fazer parte do Instituto Jean-Jacques Rousseau, na Suíça. Nesta instituição, concluiu o curso de Psicologia, com especialização em Psicologia da Educação. Em 1927, foi convidada pelo governo de Minas Gerais para auxiliar na Reforma de Ensino mineiro, implementada por Francisco Campo. Em 1929, chega ao Brasil e assume o cargo de professora de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. Em meados da década de 1940, foi convidada por Gustavo Lessa, então funcionário do Ministério da Educação e Saúde, a atuar junto ao Departamento Nacional da Criança, criado em 1940 (RAFANTE; LOPES, 2010: 25; 26)

⁶³Emilio Mira y López (1896-1964) nasceu na então colônia espanhola, Santiago de Cuba. Formou-se em medicina na Espanha e tornou-se o primeiro especialista da cadeira de psiquiatria. Foi filiado ao Partido Comunista da Catalunha e se alinhou aos republicanos na Guerra Civil Espanhola. Após ser obrigado a sair do país, passou por diversos países da Europa e América Latina. Em 1945, estabelece-se no Rio de Janeiro (RUSSO, 2002: 36).

⁶⁴ Maria Manhães, já no início da faculdade, era a única estudante lotada no Hospital Neuro-Psiquiatra Infantil no Engenho de Dentro. Durante o curso, ela também trabalhou na Clínica Médica com Pedro Nava e no Pronto-Socorro Sousa Aguiar. Após a formatura, dedicou-se à Sociedade Pestalozzi, que era dirigida por Helena Antipoff. Esta era uma instituição localizada no Leme e que atendia crianças com retardo mental. A esposa do Ministro da Saúde da época, Clarita Mariani, pediu-lhe para fazer uma clínica para crianças: Clínica de Orientação Infantil (COI-DINSAM). (RAMOS, 2012: 427)

⁶⁵ Nessa proposta, foi solicitada a verba de 5.000.000.000, 00 (cinco milhões de cruzeiros para o Distrito Federal para a conclusão da implementação do Pavilhão de Alcoolistas, na Colônia Juliano Moreira, e para as Clínicas Infanto-juvenil e Hospital da Praia Vermelha, ambos na zona sul. Além disso, foi solicitado mais 20.000 (Vinte mil cruzeiros) para o funcionamento da Clínica JUSTIFICAÇÃO da Proposta Orçamentária para o exercício de 1953. Fundo do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Arquivo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Caixa 642, envelope 5299.

⁶⁶ JUSTIFICAÇÃO da Proposta Orçamentária para o exercício de 1953. Fundo do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Arquivo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Caixa 642, envelope 5299.

Antes, a COI-SNDM chamava-se Clínica Infanto-Juvenil e caracterizava-se por ser “um Serviço Médico Pedagógico, diretamente subordinado à Seção de Cooperação, órgão Central” do Serviço Nacional de Doenças Mentais. A primeira reunião para definir o regimento interno da clínica ocorreu no dia 25 de outubro, com a presença Dr. Aduino Botelho (diretor do SNDM), Dr. Denis Malta Ferraz (Chefe de Seção de Cooperação), Dr. Edgar de Almeida, Dr. Alcyon Bahia (1911-1974) e das assistentes sociais D. Olympia Avelar Lopes, D. Neuza de P. Ebecken e Teresa Ávila.⁶⁷ A partir do relatório de 1956, descobrimos que a Clínica Infanto Juvenil passou a se chamar Clínica de Orientação da Infância (C.O.I) através da portaria nº 46 de 30/07/1956.⁶⁸

As Clínicas de Orientação à Infância foram inspiradas em serviços congêneres da Inglaterra (*Tavistock Clinic*, de Londres) e dos Estados Unidos (*Institute for Juvenile Research*, de Chicago) (ABRÃO, 2009). Essas clínicas eram voltadas à investigação, ao cuidado e ao atendimento de crianças, adolescentes e suas famílias. O objetivo era o melhor ajustamento ao meio social e embasava-se nos princípios da higiene mental. Como tais, as Clínicas possuíam um caráter preventivo e a infância tornara-se a fase propícia para recepção destes cuidados. De acordo com a leitura freudiana da época, a doença mental seria quase sempre resultado de um longo processo com origem na infância (JACÓ-VILELA et al., 2017: 91-92). Mas, apesar das grandes expectativas, havia críticas ao serviço. No relatório do SNDM do ano de 1954, por exemplo, afirmava-se que uma das críticas a este tipo de clínica, mesmo em relação às que existiam na América do Norte, era que ofereceriam um serviço muito caro. Os responsáveis pela clínica argumentavam que o tratamento, entretanto, não beneficiaria apenas o paciente, mas a família, e de certo modo, a comunidade.

O público do COI consistia em alguns pacientes que eram encaminhados aos ambulatórios de Higiene Mental e Psicanálise, pacientes com quadros de neurose e psicose que faziam acompanhamento semanal, tendo, em média, 15 sessões por mês.⁶⁹ Atendia-se também estudantes com dificuldade na escola. Havia na clínica um professor especializado que atendia “a criança isoladamente”, sendo importante, conforme

⁶⁷ MANHÃES, Maria. Clínica Psicológica Infanto Juvenil. Primeiro Relatório, 1952. Fundo do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Arquivo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Caixa 569, 4549.

⁶⁸ Clínica de Orientação da Infância. Relatório Anual, 1956. Fundo do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Arquivo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Caixa 366, envelope 2126.

⁶⁹ MANHÃES, Maria. Clínica Psicológica Infanto Juvenil. Relatório Anual, 1954. Fundo do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Arquivo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Caixa 306, envelope 2150.

aparece em relatório, porque o professor do colégio não possuiria a formação para desempenhar tal papel.⁷⁰ O relatório anual da COI-SNDM (1958), entretanto, expressa a impossibilidade de satisfazer o desejo da comunidade que procurava mais o tratamento para “desajustamento escolar”. Afirmava-se que não era “consentâneo com o espírito de formação do SNDM” rejeitar os pacientes portadores de doenças mentais e atender somente crianças com dificuldade na escola.⁷¹

Em 1953, Marialzira Perestrello participou da fundação da Clínica de Orientação à Infância do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (COI-IPUB). Apesar do nome muito parecido com aquela vinculada ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, comprovamos que se tratava de duas clínicas diferentes a partir de pesquisas em jornais de época. Em entrevista ao *Jornal do Brasil* (1958: 5), Mara Salvini de Souza, Diretora da COI-IPUB, lamentava que, no Rio de Janeiro, havia apenas duas Clínicas especializadas em Orientação Infantil: a vinculada ao Instituto de Psiquiatria e a outra do SNDM. Salvini também comentava acerca dos procedimentos adotados para o atendimento. Em um primeiro momento, a criança fazia exames físicos e psicológicos. A equipe reunia-se e debatia os rumos que um possível tratamento poderia tomar. Em seguida, os pais assistiam a uma palestra em que o diagnóstico e todo o processo do tratamento eram comunicados. Esta palestra se repetia uma vez ao mês (*JORNAL DO BRASIL*, 10/08/1958:5). Também no ano de 1953, no *Diário Carioca* (MEDEIROS, 15/10/1953: 4), Maurício de Medeiros enumerava as três clínicas destinadas ao “exame e tentativa de correções dos desajustamentos infantis”. Uma seria mantida pelo Serviço Nacional de Doenças Mentais, com sede na Avenida Pasteur; outra que funcionava na rua México, chamada de Clínica de Orientação Juvenil; e, finalmente, uma terceira, que ele próprio havia instalado junto ao Instituto de Psiquiatria na Universidade do Brasil. Essa é uma das reportagens em que o nome de Marialzira Perestrello surge como colaboradora da direção, que então era do Dr. Afonso Pena. Outra reportagem que a cita está em *A Noite* (12/09/1953: 2), quando se afirma que a clínica estava aos cuidados de Afonso Neto, Marialzira Perestrello e William Asmar. Segundo o *Jornal Correio da Manhã* (19/12/1957: 2-8), fundada pelo então diretor do Instituto de Psiquiatria, Maurício de Medeiros, a Clínica de Orientação a Infância, cujo diretor era então Décio

⁷⁰ MANHÃES, Maria. Clínica Psicológica Infante Juvenil. Relatório Anual, 1954 Fundo do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Arquivo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Caixa 306, envelope 2150.

⁷¹ MENDONÇA, Rosita Teixeira. Clínica de Orientação da Infância. Relatório Anual, 1958. Fundo do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Arquivo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Caixa 779, envelope 6501.

de Souza, atendia crianças “com problemas emocionais” de ambos os sexos, dos 3 aos 12 anos. A maioria dos pacientes era de nível social elevado e era, geralmente, de crianças encaminhadas por professores, médicos e outros serviços especializados. Os motivos para procurarem a clínica eram: por queda de rendimento escolar, fobias, “tiques nervosos” e desajustamento familiar ou escolar (desregulação causada por situações novas, injustiças, proteção excessiva dos pais ou instabilidade familiar). Segundo a reportagem, pelo fato de a clínica pertencer à Universidade do Brasil, ela estava ligada ao ensino e à pesquisa. Já segundo o *Diário de Notícias* (17/11/1955: 4), a inauguração dessa clínica correspondia à primeira fase de incorporar à Universidade a investigação terapêutica de psicanalistas, bem como a formação em pós-graduação de psiquiatria psicanalítica.

Em relação à atuação de Marialzira Perestrello, ela afirmou que fazia “hora do brinquedo”⁷² para o diagnóstico e, posteriormente, encontrava-se com os pais ou conversava com o clínico sobre o diagnóstico. Em alguns casos, ela afirma, não era necessário fazer tratamentos específicos com as crianças, uma vez que apenas a orientação dada aos pais ou à mãe era o suficiente para alcançar bons resultados. Nestes casos, Perestrello propunha modificações no ambiente da criança.⁷³

Tornando-se especialista nas inaptações infantis, não é de espantar que, em uma reportagem do *Jornal do Brasil* (06/07/1958:5;6), Perestrello seja solicitada para esclarecer sobre a questão de crianças abandonadas. Descrita como uma das melhores psicanalistas brasileiras, ela ressaltava no artigo que a personalidade dos seres humanos se formaria na infância e, portanto, era importante que a criança vivesse em um ambiente saudável e favorável. Por outro lado, Perestrello reconhecia a complexidade do problema das crianças abandonadas, pois os fatores sociais, políticos e econômicos se sobrepunham aos psicológicos. Sobre as “crianças de morro”, citava algumas dificuldades de aplicar as regras médicas ou psicológicas a elas. Por exemplo, como recomendar que o filho não durma com os pais se no barraco só existe um quarto? Estudando, entretanto, algumas crianças na Clínica de Orientação à Infância, ela afirmava ter percebido que “com um teto, pão e conforto, todas seriam orientáveis psicologicamente” (*JORNAL DO BRASIL*, 06/07/1958: 5-6).

⁷² Atividade lúdica para observar as reações emocionais das crianças (JACÓ-VILELA et al, 2017:101)

⁷³ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:48.

Marialzira Perestrello também escreveu uma resposta a indagações de uma mãe sobre o filho na *Revista Brasileira de Medicina*. A genitora reclamava que o filho estava muito agitado, dormia mal e sofria de “nervosismo e ansiedade”. Marialzira Perestrello indagou sobre o que a mãe entendia por tais termos, já que agitação poderia ser uma maneira saudável de querer brincar, como, entre outros exemplos, “querer correr em um apartamento apertado”. Do mesmo modo apontava que deveria se investigar o que a mãe chamava de “ansiedade” e “dormir mal”. Afirmou ainda que “grande mobilidade e certas atitudes agressivas ao brincar” seriam normais na evolução da criança (PERESTRELLO, 1959: 365-366). O fato de o menino ser filho único e ter baixo resultado na escola, entretanto, já eram um indicativo de que algo não estaria indo bem. Para Perestrello, uma criança única, “sobrando” em meio aos adultos e sendo o “centro” de um ambiente, resultará em um comportamento diferente na escola, já que existirão mais crianças nas quais a professora prestará (ou não) atenção. A escola deveria se tornar, nestas condições, um refúgio ou uma terrível prisão (PERESTRELLO, 1959: 366).

As clínicas dedicadas ao cuidado de crianças eram um lugar bastante propício para o trabalho feminino na época. Precisamente, foi a Clínica de Orientação à Infância do Instituto de Psiquiatria que permitiu Marialzira Perestrello trabalhar na área de formação que escolheu, ou seja, a Medicina Mental. Podemos indagar, entretanto, sobre essa escolha, ainda mais quando analisamos sua narrativa sobre a oportunidade de atuar na clínica. Marialzira Perestrello afirma que, durante sua formação em Buenos Aires, fez um curso com Arminda Aberastury, mas nunca se especializou em psicanálise infantil. Aberastury recomendou que tivesse a experiência de analisar crianças e, por isso, ele atendeu duas crianças, mas o que ela queria mesmo era ser psicanalista de adultos. Assim que voltou ao Brasil, após a formação em Psicanálise na Argentina, foi procurada para atender crianças. Uma das crianças veio da Bahia para Rio a fim de ser consultada por ela. Além disso, Olavo Rocha a indicou para atender uma menina. Perestrello afirmou que existia sim um preconceito. Os homens analisavam os adultos, e as mulheres as crianças.⁷⁴ Assim, mesmo não desejando trabalhar com crianças, Perestrello trabalhou nessa Clínica por anos, como ela mesma afirma:

Nunca quis ser psicanalista de criança. Quando nós dois chegamos aqui... Imediatamente todo mundo até por preconceito. O homem era

⁷⁴ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:46; 47

psicanalista de adulto. A Mulher tinha que ser psicanalista de crianças. Então já tinha gente me esperando. Eu tinha que dizer: eu não sou psicanalista de criança. Eu sou psicanalista de adulto. (PERESTRELLO, 1992: 46)

Maria Manhães também ressaltou que o trabalho com as crianças não era bem visto pelos colegas psiquiatras por ser uma conversa semanal com a criança sozinha. Os colegas achavam que os analistas não estavam trabalhando de verdade, e os pais queriam fazer valer a opinião deles sobre a do analista. (RAMOS, 2012: 429-430).

Os desencontros na trajetória de Marialzira Perestrello a fizeram estabelecer caminhos pouco lineares no que diz respeito à profissão de médica. Em um determinado período, vemos ela se dedicar também aos papéis de mãe e esposa e os caminhos que a levaram ao ofício de tarefa e ao trabalho na Clínica de Orientação à Infância. No próximo capítulo, iremos desenvolver sobre as circunstâncias que a possibilitaram a tornar-se psicanalista e atuar como tal.

CAPÍTULO 3

A FORMAÇÃO DE PSICANALISTAS PELA *INTERNATIONAL PSYCHOANALYTICAL ASSOCIATION - IPA* E O CASO DE MARIALZIRA PERESTRELLO

Este terceiro capítulo é dedicado ao processo que fez com que Marialzira Perestrello chegasse a se tornar uma psicanalista didata da IPA. Também buscamos compreender como era a formação em psicanálise nos anos de 1950 e no início da década 1960. Descobrimos que existiam disputas e debates acerca dos procedimentos adotados para selecionar futuros candidatos a psicanalistas. Ainda assim, os procedimentos impostos pela *International Psychoanalytical Association* (IPA) tornaram-se a grande referência para uma geração de psiquiatras que viam na psicanálise uma oportunidade de ampliar suas possibilidades profissionais. Marialzira Perestrello aproveitou a oportunidade de acompanhar o marido para fazer formação na Argentina e acabou por iniciar sua formação também, obtendo êxito nesta empreitada. Tornou-se uma psicanalista didata e reconhecida por seus pares.

3.1. A CONSOLIDAÇÃO DA *ASOCIACIÓN PSICOANALÍTICA ARGENTINA* (APA) E ARELAÇÃO ENTRE MÉDICOS BRASILEIROS E ARGENTINOS

Em 30 de março de 1910, o psiquiatra e psicanalista húngaro, Sandor Ferenczi (1873-1933) e o fundador da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939),⁷⁵ criaram a *International Psychoanalytische Vereinigung (IPV)* em um congresso realizado na cidade de Nuremberg (Alemanha). A partir de 1936, a IPV assumiu o nome de *International Psychoanalytical Association (IPA)* (ROUDINESCO; PLON, 1998: 533).⁷⁶ Esta Associação, entre 1910 e 1925, era apenas um “organismo de coordenação”

⁷⁵Com medo do anti-semitismo e de que a psicanálise fosse associada a uma “ciência judaica”, Freud e Ferenczi, em 1910, fundaram a *Internationale Psychoanalytische Vereinigung (IPV)* (ROUDINESCO; PLON, 1998:276).

⁷⁶Desde a sua chegada ao poder, Adolf Hitler (1889-1945) aplicou a doutrina nazista nas instancias do governo. Um de seus objetivos era eliminar os judeus da Europa, compreendidos então como portadores de uma “raça inferior”. Apesar dos esforços de Freud que era judeu, a psicanálise recebeu a qualificação de “ciência judaica” (ROUDINESCO; PLON, 1998: 533). Entre 1930 e 1940, quase todas as grandes sociedades psicanalíticas europeias desapareceram (ROUDINESCO; PLON, 1998: 304). Isso obrigou os psicanalistas, que eram também, em sua maioria, judeus, a se exilarem para a Grã-Bretanha e Estados Unidos (ROUDINESCO; PLON, 1998: 534). Inclusive Freud, que em 1938deixou a Áustria para viver em Londres (VILLARI, 2000). Como consequência, a língua inglesa passou a ganhar maior importância nos meios psicanalíticos.

de diferentes grupos locais e autônomos. Foi apenas no período compreendido entre 1925 (ano em que começou a obrigatoriedade da análise didática e da supervisão) e 1933 que se estabeleceu uma efetiva mudança na sua operação, que passou a se constituir como uma organização centralizada, com regras de formação e normatização das análises (ROUDINESCO; PLON, 1998:384-385). A partir desse processo, passou a ser proibido, por exemplo, que o analista atendesse membro da própria família e que mantivesse relação sexual com pacientes. Vale lembrar que Freud e seus discípulos não hesitavam em analisar pessoas próximas e até misturavam relações profissionais com as pessoais/afetivas até então (ROUDINESCO; PLON, 1998: 17-18). Além disso, em dezembro de 1921, o Comitê Secreto,⁷⁷ já havia decidido que os homossexuais não poderiam se tornar psicanalistas (ROUDINESCO; PLON, 1998:386).

A importância de conhecer o papel da IPA na formação em psicanálise está na sua interferência em grupos brasileiros que se interessavam pela teoria psicanalítica. Nesse sentido, sabe-se que em 1928, a convite da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) que havia sido inaugurada um ano antes, alguns psicanalistas cariocas, sob a presidência de Juliano Moreira (1873-1933),⁷⁸ fundaram um núcleo de estudos de psicanálise no Hospital Nacional de Psicopatas, em conexão com aquela sociedade (CASTRO; FACCHINETTI, 2015: 38). Durval Marcondes (1899-1981) e Porto-Carrero escreveram cada um, uma carta diferente para o próprio Freud a fim de comunicar os acontecimentos (CASTRO; FACCHINETTI, 2015: 39). Freud recomendou a ambos que, em conjunto, elaborassem uma “exposição” sobre os novos acontecimentos e a enviassem para a *Revista Internacional de Psicanálise* e ao presidente Dr. Eitingon (1881-1943),⁷⁹ para que o interesse pelo novo grupo brasileiro fosse despertado (Freud, [1928] 1994: 90 *apud* CASTRO; FACCHINETTI, 2015: 39). Em resposta ao contato com a estrutura burocrática da Internacional, foi recomendado que as duas instituições, consideradas então como *Study Groups*, se adequassem ao modelo sugerido pelo grupo de Berlim. A dificuldade de se ajustar às expectativas da IPA e o baixo interesse de institucionalização resultaram no fechamento dessa primeira instituição e a construção de meios para trazer um didata para o Brasil, o que atrasou o

⁷⁷Sândor Ferenczi manifestou a Jones o desejo de criar um pequeno grupo a fim de garantir a pureza da obra freudiana. Jones, então, adaptou a ideia e sugeriu a Freud a criação do Comitê Secreto ou Círculo Secreto. O Comitê foi composto por Karl Abraham, Hanns Sachs, Otto Rank, Anton Freund e Max Eitingon (SÉRIO, 1998:64).

⁷⁸Juliano Moreira (1873-1933) formou-se em medicina na Faculdade da Bahia e ocupou a direção do Hospício Nacional (CASTRO; FACCHINETTI, 2015: 38).

⁷⁹Entre os anos de 1927 e 1932, Max Eitingon (1881-1943) foi presidente da *International Psychoanalytical Association* (IPA) (ROUDINESCO; PLON, 1998:173).

processo de institucionalização dos grupos psicanalíticos (FACCHINETTI; PONTE, 2003).

No âmbito internacional, por outro lado, entre os anos de 1933 e 1965, a Associação precisou enfrentar a batalha contra o nazismo e as discussões acerca da *análise leiga* (ROUDINESCO; PLON, 1998:386). O próprio Freud (1926: 181) afirmou que não havia consenso sobre a permissão para que leigos em medicina se tornassem psicanalistas. Segundo ele, em alguns países, como a Alemanha e os Estados Unidos, o paciente poderia escolher o analista que julgasse apropriado, independentemente de ter formação em medicina. Já na Áustria e na França, uma lei governamental proibia os não-médicos praticarem a psicanálise. Freud então em seu texto sobre o assunto que as leis que proibiam a prática da psicanálise por leigos não se preocupavam com o fato de que muitos médicos poderiam não ter as qualidades que se esperava de um analista (FREUD, 1926: 182). Freud (1928: 183) pontuou, nesse sentido, que o mais importante era que o psicanalista estivesse “familiarizado com as peculiaridades de um tratamento analítico” (FREUD, 1926: 183). Assim, a relação entre medicina e psicanálise é desde sempre controversa. E apesar de Freud ter negado a necessidade de o psicanalista ser médico, não havia consenso no movimento psicanalítico internacional em relação à qualificação necessária para ingressar no processo de formação em psicanálise (PONTE, 1999:98). Ernest Jones (1879-1958),⁸⁰ por exemplo, buscou aproximar as duas áreas como uma maneira de legitimar e dar cientificidade à prática psicanalítica (RUSSO, 2002b: 16), mas essa orientação não foi seguida por todas as sociedades.

Na Argentina, onde a sociedade reconhecida pela IPA teve um rápido desenvolvimento na década de 1950, o ingresso de não-médicos não foi permitido (GALLI; PASCHERO; SOLVERY, 1984: 146). A *Asociación Psicanalítica Argentina* permitiu a entrada de psicólogos apenas a partir de 1984 (ESTÉVEZ; SHVARTZAPEL; BTESH, 1996). Ao dar uma entrevista aos historiadores Bediaga e Ponte, Marialzira considerou como um dos motivos dessa recusa a manutenção do monopólio da psicanálise na mão dos médicos, já que havia muitos psicólogos interessados em se tornarem psicanalistas.⁸¹

[Melanie Klein] não era médica e Anna Freud não era médica! As duas não eram médicas. É... Eu não sei por que esse princípio... Talvez porque houvesse uma pleora de psicólogos aqui... Talvez

⁸⁰ Ernest Jones (1879-1958) foi fundador da psicanálise na Grã-Bretanha, presidente da *International Psychoanalytical Association* (IPA) (1920-1924 e 1934-1949) (ROUDINESCO; PLON, 1998:415).

⁸¹PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 102.

houvesse tanto psicólogos aqui... Talvez houvesse tanto, tanto psicólogo querendo clinicar... Talvez tenha sido por isso, eu não sei (PERESTRELLO, 1992: 102).

No que diz respeito ao Brasil, quando a psicanálise começou a se institucionalizar, também não havia consenso quanto a esta questão, embora o *establishment* médico-psiquiátrico tenha se apropriado da teoria psicanalítica. No Rio de Janeiro ainda nos anos de 1920 e 1930, considerando-a um conhecimento “acessório” à medicina mental (RUSSO, 2002b: 19). No entanto, os anos que acompanharam o processo de institucionalização da psicanálise no Brasil aos moldes da IPA (de 1936 a 1959), também assistiram à oscilação em relação a essa decisão. Enquanto os estatutos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo permitiam que não-médicos se candidatassem para se tornarem psicanalistas, no Rio de Janeiro a primeira geração a obter formação ao molde da IPA era composta apenas por médicos. Em entrevista a Bediaga e Ponte, um dos fundadores da SBPRJ, o psicanalista Walderedo Oliveira, disse que ali “os psicólogos não podiam nem passar na porta”,⁸² apesar de reconhecer que Freud não queria que a psicanálise fosse feita apenas por médicos.⁸³ A própria Marialzira Perestrello, em entrevista, também afirmou que a SBPRJ aceitava apenas médicos, justificando essa posição ao afirmar que várias sociedades do mundo haviam tomado a decisão de manter tal restrição.⁸⁴

Carlos Ponte (1999:95) busca interpretar os interesses que se situam na base desse debate. Segundo ele, a psicanálise teria tido grande aceitação junto aos médicos psiquiatras locais por viabilizar um modelo de profissão liberal, ou seja, abria horizontes profissionais que permitiam aos médicos escapar dos constrangimentos e do trabalho assalariado característicos das instituições asilares, que representavam, na

⁸²As atribuições reconhecidas para psicólogos no Brasil eram o “diagnóstico psicológico”, a “orientação e seleção profissional” e a “orientação psicopedagógica” (RUSSO, 2002b: 44). Em 1947, foi criado por Mira y López o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), referência em Psicologia Aplicada e que formava “psicotécnicos” ou “psicologistas” (MANCEBO, 2004:53) aptos para selecionar e recrutar, de maneira racional, trabalhadores para diversos cargos, serviço público e indústria e, assim, conseguir homens mais adequados para os postos de trabalho (MANCEBO, 2004: 55). Em 1953, inicia-se o primeiro curso universitário em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (MANCEBO, 2004: 53). O curso funcionava na Santa Casa de Misericórdia e visava uma contraposição ao poder crescente da formação oferecida pelo ISOP (RUSSO, 2002: 37). Em 1956, o curso passou para a universidade, sob a coordenação do padre Paulo Benko, que era um “entusiasmado” em psicanálise e convidou “um psicanalista de São Paulo” e uma psicóloga que atendia crianças a partir da abordagem psicanalítica para fazerem parte do quadro de professores da instituição. (FIGUEIREDO, 2012:87). Mas a regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil ocorreu apenas em 1962, com a Lei nº 4119 (MANCEBO, 2004:53).

⁸³OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Entrevista V. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Fidélis da Ponte. Rio de Janeiro. (Transcrição). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 136.

⁸⁴PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 101.

época, a quase totalidade do mercado de trabalho para os psiquiatras. Considerando-se que o ideal daqueles que buscavam a medicina como profissão era o de possuir uma clínica particular, o que representava uma maior autonomia e melhores condições de trabalho, pode-se dizer que a psicanálise abriu esse novo espaço para os psiquiatras (PONTE, 1999: 95). Seguindo essa argumentação, garantir a exclusividade na formação psicanalítica através da exigência de um diploma de medicina, acabou, então, limitando, no Rio de Janeiro, os possíveis candidatos à formação psicanalítica.⁸⁵

Entre as décadas de 1940 e 1950 os psiquiatras cariocas passaram a se interessarem em conseguir uma formação nos moldes da *International Psychoanalytical Association* (IPA).⁸⁶ No Rio de Janeiro, existiam, a partir da segunda metade da década de 1940, dois grupos distintos: o primeiro constituiu o Centro de Estudos Juliano Moreira (CEJM), cujos integrantes tentaram trazer didatas e iniciar uma formação aos moldes do IPA (FACCHINETTI; PONTE, 2003:69). O segundo grupo formou o Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBP), liderado por Arruda Câmara, que também tentou iniciar uma formação na então capital do Brasil, buscando didatas interessados em emigrar (FACCHINETTI; PONTE 2003: 70). Marialzira Perestrello participou do CEJM.

O CEJM, criado em 1944 por jovens psiquiatras⁸⁷ (PERESTRELLO, 1987:35), era constituído majoritariamente por recém concursados do Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM). De acordo com Ponte (1999: 97), os institutos de psicanálise justificavam sua existência ao demonstrar a insuficiência do instrumental

⁸⁵ Nos estatutos da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, reconhecida pela IPA em 1955, no XIX Congresso Internacional de Genebra (SÉRIO, 1998: 227), pode-se constatar a possibilidade de não-médicos ingressarem na formação, sendo necessário, ainda assim, ser portador de diploma de escolas superiores (SÉRIO, 1998:228). De acordo com Sério (1998:230-231), entretanto, a possibilidade de portadores de diploma de ensino superior (leigos em medicina) formar-se em psicanálise na SPRJ não existia na prática uma vez que apenas os candidatos médicos ou estudantes de medicina eram aceitos. Tal quadro aconteceu na SPRJ até 1979, mesmo após a regulamentação da profissão de psicólogo e a legislação permitir o acesso da categoria, em 1962 (SÉRIO, 1998: 231).

⁸⁶ Na versão oficial da história da psicanálise, tal como produzida pelos fundadores das sociedades pertencentes à IPA no Rio de Janeiro, como a própria Perestrello, as primeiras tentativas de formação de um grupo de psicanálise, com formação psicanalítica sistemática, teriam ocorrido apenas em 1940, embora a historiografia posterior tenha demonstrado que a primeira instituição tenha sido ainda na década de 1920 (FACCHINETTI;PONTE 2003: 69). Um dos primeiros psicanalistas ligados à IPA a fazer uma história da Psicanálise no Rio de Janeiro foi Danilo Perestrello. É deste autor a clássica divisão entre precursores (aqueles primeiros divulgadores da obra de Freud) e os pioneiros (os que iniciam a formação analítica no país ao molde da IPA). Ambos valorizavam mais os pioneiros, que seriam mais importantes na definição do campo de atuação e pesquisa psicanalítica (CASTRO, 2014:21)

⁸⁷ Os fundadores do Centro de Estudos Juliano Moreira foram “José Affonso Netto, Danilo Perestrello, Elso Arruda, Julio Paternostro, Oswaldo Domingues de Moraes e Walderedo Ismael de Oliveira”. Posteriormente, vieram se juntar mais tarde, José Leme Lopes, Souza Vianna, Januário Bittencourt, Mário Pacheco de Almeida Prado e Marialzira Perestrello (PONTE, 1999: 80)

teórico-metodológico oferecido pelas escolas de neuropsiquiatria ou cursos de psicologia no conhecimento sobre personalidade (PONTE 1999: 97-98).

Descrito em jornais de grande circulação como uma sociedade de psiquiatria organizada por jovens especialistas, o objetivo do Centro de Estudos Juliano Moreira era estudar a ciência psiquiátrica e suas relações com demais ramos da atividade humana e da cultura. Na inauguração, realizada na Sociedade de Medicina e Cirurgia, na Avenida Mem de Sá, nº 197, foram apresentadas três conferências: sobre o histórico do Centro de Estudos Juliano Moreira (apresentado por Danilo Perestrello), sobre “Tendências atuais da Psiquiatria” (de José Lemes Lopes) e outra que retratava Juliano Moreira (do Dr. Heitor Carrilho) (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 20/03/1945: 5).

Com os jornais de época, podemos ter acesso aos temas das reuniões de grupo. Artur Ramos (1903-1949)⁸⁸ discutiu sobre “personalidade e cultura” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 11/05/1946: 6; *O JORNAL DO BRASIL*, 15/05/1946: 5); Austregésilo fez uma conferência sobre “análise mental em Clínica” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 18/12/1946: 8); Walderedo Ismael de Oliveira (1917-2005) apresentou sobre o “valor terapêutico da narco-análise” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 19/03/1947: 6); Elso Arruda, um dos fundadores do CEJM, fez uma conferência sobre “teoria fenomenológica da percepção” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 08/04/1947: 6); Othon Salleiro apresentou sobre “esquizofrenia enxertada” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 24/07/1947: 8; *CORREIO DA MANHÃ*, 24/07/1947:5); Nilton Campos (1898-1963)⁸⁹ proferiu sobre “o problema psicológico dos diversos planos de realidade” (*O JORNAL*, 18/11/1949: 3); e Aduino Botelho (1895-1963)⁹⁰ dissertou sobre “alguns aspectos da psiquiatria nos Estados

⁸⁸ Artur Ramos (1903-1949) nasceu em Alagoas. Quando morou em Salvador, participou de diversas sociedades profissionais, dentre quais se destaca a Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia (Ramos foi vinculada entre 1928 e 1931). Em 1949, Arthur Ramos propôs que essa sociedade “reservasse parte de suas atividades” para o estudo da psicanálise, “constituindo-se” um órgão autorizado da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP) de São Paulo. Em 1934, muda-se para o Rio de Janeiro a fim de chefiar a Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal. Em 1939, foi nomeado Professor Catedrático de Antropologia e Etnografia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (MENEZES, 2014: 91-93).

⁸⁹ O médico Nilton Campos (1898-1963) formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1924. Foi professor catedrático de Psicologia Educacional da Universidade do Distrito Federal (1938/1939), Professor catedrático de Psicologia Educacional da Faculdade Nacional de Filosofia (1939/1944), Professor catedrático de Psicologia Social da Faculdade Nacional de Filosofia e de Psicologia Social da Faculdade Nacional de Ciências Econômicas, ambas na Universidade do Brasil. NILTON QUADROS CAMPOS (CADEIRA NO. 59). *Academia Nacional de Medicina*. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=593&descricao=Nilton+Quadros+Campos+\(Cadeira+No.+59\)](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=593&descricao=Nilton+Quadros+Campos+(Cadeira+No.+59)). Acesso em 14 de maio de 2019.

⁹⁰ Aduino Botelho (1895-1963) foi psiquiatra e neurologista. Dentre as funções que exerceu destacamos que foi diretor da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal (1938-1941), Coordenador do Serviço Nacional de Doenças Mentais (1941-1954) e Diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (1956-1958). ADAUTO JUNQUEIRA BOTELHO. *Biblioteca Virtual em História do Patrimônio*

Unidos” (*A NOITE*, 28/08/1946:4). Em outro encontro, Leme Lopes (1904-1990)⁹¹ apresentou casos clínicos (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 13/08/1946: 8).

Além disso, especialistas em psiquiatria ou psicanálise visitaram o CEJM. O professor de Psicologia da *Chicago Medical School*, Rudolf Dreikurs (1897-1972), veio ao Brasil com patrocínio da CEJM e da Fundação Getúlio Vargas e ministrou uma palestra na Faculdade Nacional de Medicina sobre a “confusão de sexo” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 29/09/1946: 3; *O JORNAL*, 29/09/1946: 2; *CORREIO DA MANHÃ*, 28/09/1946:11). Emilio Mira y Lopez (1896-1964)⁹² esteve no Rio de Janeiro a convite do Departamento Nacional da Criança, com colaboração do Departamento Administrativo do Serviço Público e da Divisão de Ensino Industrial do Ministério da Educação e Saúde. O psiquiatra espanhol realizou conferências e esteve, dentre outros lugares, no Centro de Estudos Juliano Moreira (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 1º/06/1945: 6).

Arnoldo Rascovsky (1907-1995),⁹³ então presidente da *Asociación Psicoanalítica Argentina* (APA), veio ao Rio de Janeiro a convite do Centro de Estudos Juliano Moreira e do Serviço Nacional de Doenças Mentais (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 29/06/1945: 6). Em 1945, Rascovsky foi convidado para apresentar conferências e participar de “atividades científicas” no Rio de Janeiro e São Paulo (*ASOCIACIÓN*, 1982: 24).

Em entrevista, Walderedo Ismael de Oliveira faz um relato sobre a visita desses intelectuais ao Rio de Janeiro. Contou que Mira y Lopez recebeu homenagens da Associação Brasileira de Psiquiatria e outras Sociedades Médicas em sua chegada.

Cultural da Saúde Disponível em: <http://hpcs.bvsalud.org/wp-content/uploads/2018/07/Adauto-Junqueira-Botelho.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2019.

⁹¹ Leme Lopes (1904- 1990) foi um médico formado pela Faculdade Nacional de Medicina (1928). “Foi encarregado do Setor de Neuropsiquiatria Infantil do Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil, Professor Catedrático e depois Emérito de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, Diretor da Faculdade de Medicina da UFRJ Também foi membro da Liga Brasileira de Higiene Mental e, da Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Higiene Mental e “Membro Fundador e primeiro Presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP)”. JOSÉ LEME LOPES (CADEIRA Nº 46). *Academia Nacional de Medicina* Disponível em: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=487. Acesso em 15 de maio de 2019.

⁹² Emilio Mira y López (1896-1964) nasceu na então colônia espanhola, Santiago de Cuba. Formou-se em medicina na Espanha e tornou-se o primeiro especialista da cadeira de psiquiatria. Foi filiado ao Partido Comunista da Catalunha e se alinhou aos republicanos na Guerra Civil Espanhola. Após ser obrigado a sair do país, passou por diversos países da Europa e América Latina. Em 1945, estabeleceu-se no Rio de Janeiro (RUSSO, 2002b: 36).

⁹³ Arnoldo Rascovsky (1907-1995) nasceu em Córdoba em 1907. Os seus pais eram russos e de esquerda. Aos 7 anos, mudou para Buenos Aires com a família. Em 1926, entrou para o Hospital de Niños. Em 1932, começou a trabalhar no Serviço de Neuropsiquiatria e Endocrinologia. A leitura do livro *Problemas psicológicos atuais* de Jung o fez romper com a pediatria clássica e começar a tratar crianças através da hipnose. Em 1939, começou sua análise didata com Garma. Em 1960, teve papel importante para a fundação do *Consejo Coordinador de Organizaciones Psicoanalíticas de América Latina* (COPAL) (ASOCIACIÓN, 1982:15).

Oliveira narra que ele discursou em nome do Grupo Juliano Moreira. Como a visita foi feita na época da Guerra da Espanha⁹⁴ e ele era “entusiasmado a ser esquerdista e revolucionário”, fez uma “saudação bonita”.⁹⁵ Já Marialzira Perestrello também contou sobre o entusiasmo do CEJM em trazer estrangeiros ao Brasil como, além do citado Arnoldo Rascovsky, que não aceitou o convite para residir no Brasil, Angel Garma (1904-1993).⁹⁶ Marialzira Perestrello relatou também a vinda de Dreikus e o curso sobre crianças “excepcionais”, e também que ela e Danilo Perestrello assistiram a todas as aulas. Apenas seis pessoas se matricularam no curso, o que o tornou “ultraparticular”,⁹⁷ segundo a psicanalista.

Em 1946, todos os membros da APA viajaram ao Rio de Janeiro com financiamento do governo brasileiro para apresentar seus trabalhos no *Primeiro Congresso Interamericano de Medicina* (ASOCIACIÓN, 1982: 26). A procura pelas palestras dos psicanalistas foi tão grande que organizaram um congresso paralelo sobre psicanálise no Copacabana Palace Hotel (RASCOVSKY, 1994).

Este Congresso foi crucial para a aproximação de Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello e Walderedo Oliveira dos psicanalistas argentinos da APA (ROUDINESCO; PLON, 1998: 88-89). Walderedo Oliveira, por exemplo, lembrou que o evento, que ocorreu no Cassino Atlântico, foi determinante para ele decidir fazer formação na Argentina. Neste evento, ele pôde “visualizar” as “estrelas da psicanálise argentina” e ter uma convivência intensa com Angel Garma. Oliveira já o conhecia, pois o psicanalista argentino havia visitado o Rio de Janeiro meses antes. Naquela ocasião, Oliveira havia conversado com Garma sobre a possibilidade de viajar para Argentina e fazer análise com ele.⁹⁸ No Congresso, teve a oportunidade de conviver com outros psicanalistas ilustres. O entrevistado se descreve como “um garoto” que “chega a um

⁹⁴A Guerra Civil Espanhola ocorreu entre os anos de 1936 e 1939. Dois grupos disputaram o poder espanhol: os republicanos governistas (ligados ao comunismo) e os monarquistas direitistas (ALMEIDA, 1999: 35). As tropas conservadoras venceram a Guerra e o general Francisco Franco governou a Espanha por 36 anos (GRAHAM, 2013)

⁹⁵OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Entrevistas. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Fidélis da Ponte. Rio de Janeiro. (Transcrição). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 43.

⁹⁶AngelGarma (1904-1993) nasceu na Espanha em 1904, emigrou para Buenos Aires, aos 4 anos de idade. Aos 17 anos, viaja para Madri para cursar Medicina (ASOCIACIÓN, 1982: 12). Em 1927, viajou para Alemanha a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos na Clínica de Tübingen. Neste período, interessou-se pela psicanálise. Em 1931, aos 27 anos, tornou-se membro da Associação Psicanalítica da Alemanha. Em 1939, retornou para a Argentina (ASOCIACIÓN, 1982: 12).

⁹⁷PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 41.

⁹⁸OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Fidélis da Ponte. Rio de Janeiro. (Transcrição). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 41.

conselho de pessoas importantes” e vê pessoas “embasbacadas ouvindo e tal”.⁹⁹ Foi no Primeiro Congresso Interamericano de Medicina que conheceu Marie Langer (1910-1987),¹⁰⁰ que acabou por ser sua analista em Buenos Aires. Narra que quando viu a “turma toda reunida”, pensou: “vou me analisar com essa mulher”. Olga, esposa dele na época, ficou preocupada, mas ele procurou Garma e lhe pediu para cancelar a análise. Contou que havia mudado de ideia e estava à procura de outro analista.¹⁰¹

Vale lembrar, entretanto, que outro casal, desta vez da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Mário Martins (1908-1985) e Zaira Bittencourt (1911-1985), também foi para a Argentina, no final de 1944, para fazer formação na *Asociación Psicanalítica Argentina*. Martins foi analisado por Celes Cárcamo (1903-1990)¹⁰² e Bittencourt foi analisada por Arminda Aberastury (1910-1972).¹⁰³ Em 1947, constituíram a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), reconhecida, em 1963, pela IPA (ROUDINESCO; PLON, 1998: 88-89).

Marialzira Perestrello também se lembrou do Primeiro Congresso Interamericano de Medicina que aconteceu no Rio de Janeiro. Ela ressalta que todos os membros da Associação Psicanalítica Argentina participaram do Congresso e que “aquilo foi um trovão aqui”.¹⁰⁴ Marialzira Perestrello afirmou que foi naquela ocasião que Danilo Perestrello, Walderedo Ismael de Oliveira e ela resolveram a ida para Argentina, pedindo “hora para análise didática”. Alcyon Bahia foi o primeiro a ir, em 1945.¹⁰⁵ Em novembro ou dezembro de 1946¹⁰⁶, o casal Perestrello foi para Buenos

⁹⁹ OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Fidélis da Ponte. Rio de Janeiro. (Transcrição). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 41.

¹⁰⁰ Marie Langer (1910-1987) nasceu em Viena. Em 1933, iniciou sua análise didata com Richard Sterba. Em 1942, mudou-se para Buenos Aires, após um período no Uruguai (ASOCIACIÓN, 1982: 16)

¹⁰¹ OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Fidélis da Ponte. Rio de Janeiro. (Transcrição). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 48.

¹⁰² Celes Ernesto Cárcamo (1903-1990) nasceu em La Plata em 1903 (ASOCIACIÓN, 1982: 14). É em Paris que Cárcamo conheceu o psiquiatra espanhol Rof Carbalho, que o apresentou a Angel Garma. Deste encontro nasce uma amizade fecunda. Em 1939, retorna a Argentina (ASOCIACIÓN 1982: 14). e, em 1942, torna-se um dos fundadores da Asociación Psicanalítica Argentina (ASOCIACIÓN 1982: 19).

¹⁰³ Arminda Aberastury (1910-1972) nasceu em Buenos Aires, casou-se com Pichon-Rivière em 1937. Inspirada em Melanie Klein (de quem foi a primeira tradutora em língua espanhola) e em Sophie Morgenstern, dedicou-se a psicanálise de crianças. Aos 62 anos, ela suicidou-se (ROUDINESCO; PLON, 1998:1).

¹⁰⁴ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 42.

¹⁰⁵ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 42.

¹⁰⁶ É preciso considerar o contexto político brasileiro. No período em que o casal Perestrello viajou para a Argentina, existiam intensas disputas entre o modelo neoliberal e o modelo “desenvolvimentista-industrializante” (BRAGA, 1996:11). No ano anterior a viagem, em 1945, realizaram-se eleições para eleger o Presidente da República, deputados federais e senadores (FERREIRA, 2003:11). Pela primeira

Aires e, em fevereiro de 1947, foi a vez de Walderedo Oliveira viajar e fazer a formação¹⁰⁷ no Instituto da Associação Psicanalítica Argentina (APA).¹⁰⁸

Os psicanalistas argentinos vieram com trabalhos de psicossomática e de psicanálise aplicada... Medicina e etc. Aquilo foi um trovão aqui... Eram trabalhos só de psicanálise e de psicossomática, num Congresso de medicina. Então fez-se até um outro pequeno Congresso lá no Hotel Copacabana Palace de todas as pessoas que estavam interessados naquilo. Os argentinos todos vieram... Os psicanalistas argentinos com trabalhos... e foi aí, então, que nesse Congresso em 46, nós pedimos hora para análise didática, nós resolvemos nossa vida para ir para a Argentina. Meu marido, Walderedo e eu pedimos hora nesse Congresso. E Bahia já estava lá, já tinha ido para Buenos Aires (PERESTRELLO, 1992: 42).

Walderedo Ismael de Oliveira, Danilo Perestrello e Alcyon Bahia ganharam financiamento do Serviço Nacional de Doenças Mentais para se formarem em psicanálise na Argentina como médicos concursados do SNDM. Marialzira Perestrello foi apenas de acompanhante do marido, porém também fez sua formação em psicanálise.

Na narrativa oficial, o grupo tentou trazer algum didata para o Rio de Janeiro a fim de iniciar uma formação aos moldes da IPA, mas sem sucesso. A ida dos três membros à Argentina e a impossibilidade de se trazer um didata ao Brasil desorganizaram o CEJM. Enquanto isso, um grupo de médicos liderado por Arruda Câmara prosseguiu com as tentativas de iniciar uma formação psicanalítica no Rio de Janeiro (FACCHINETTI; PONTE, 2003: 69-70).

Durante os treze anos que esteve à frente do Serviço Nacional de Doenças Mentais (1941-1954), Adauto Botelho destinou verbas volumosas em comparação ao que era aplicado em outras especialidades ou por psiquiatras que não se interessavam pela psicanálise (MELLONI 2009). O valor dado pelo SNDM para o investimento em treinamento psicanalítico, que continuava sendo feito no exterior ou por psicanalistas

vez na história do país, fortaleceram-se partidos políticos com agendas definidas e identificadas pelos eleitores (FERREIRA, 2003:12)

¹⁰⁷ OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Entrevista III. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Fidélis da Ponte. Rio de Janeiro. (Transcrição). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992: 44.

¹⁰⁸ Fundada em 15 de Dezembro de 1942, por CelesCárcamo, Guilherme Ferrari Hardoy, Angel Gama, Maria Langer, Enrique Pichon Rivière e Arnaldo Rascovsky (ASOCIACIÓN, 1982: 19). De início, exigiu-se que cada candidato acompanhasse ao menos dois casos com um analista didata (ASOCIACIÓN, 1982: 22). No início de 1943, eram 11 membros: 4 membros didatas, 3 titulares e 4 candidatos (ASOCIACIÓN, 1982: 39). No final do mesmo ano, já eram 68 integrantes (7 membros didatas, 6 titulares, 22 adeptos, 6 ingressos no instituto, 5 candidatos para o primeiro ano, 11 candidatos para o segundo ano e mais 11 para o terceiro ano).

estrangeiros trazidos para o Brasil, era quase o dobro do que se aplicava à neurologia e mesmo à psiquiatria, atividade fim do SNDM (MELLONI 2009: 100).

De acordo com Marialzira Perestrello,¹⁰⁹ naquela ocasião a formação na Argentina já estava “adiantadíssima” e contava com vários analistas estrangeiros com formação na Europa, em oposição à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo,¹¹⁰ que tinha apenas Adelheid Koch (1896-1980)¹¹¹. O “grupo argentino”, aqueles que foram fazer formação na Argentina, acreditava que a sociedade de São Paulo “não estava em grande nível ainda”.¹¹² Perestrello justifica esse como o motivo principal para o “sacrifício” de sair do Brasil, tendo seu marido (Danilo) aberto mão de sua clínica e tendo passado por certa dificuldade financeira na Argentina.¹¹³

Alguns fundadores da Associação Psicanalítica da Argentina eram médicos que haviam feito formação em países europeus. Celes Ernesto Cárcamo (1903-1990) ingressou no Serviço de Medicina Geral, na Argentina, dirigido por Mariano Castex (ROUDINESCO; PLON, 1998: 103). Aplicou a hipnose no hospital, não conseguindo, porém, grandes resultados terapêuticos. Interessado pela psicanálise decidiu então ir, em 1936, para França para realizar sua formação em Psicanálise no Instituto Psicanalítico de Paris (*ASOCIACIÓN*, 1982: 11). Entre 1936 e 1939, Cárcamo realizou a análise didática com Paul Schiff (1891-1947), um médico e advogado criminalista (*ASOCIACIÓN*, 1982: 14). Outros dois dos fundadores, Enrique Pichòn-Rivière (1907-1977)¹¹⁴ e Arnoldo Rascovsky, interessaram-se pela teoria de Freud e a aplicaram,

¹⁰⁹PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 40.

¹¹⁰ Em 1927, foi criada, em São Paulo, a Sociedade Brasileira de Psicanálise (CASTRO, 2014:41). Esta sociedade foi criada em torno de escritores, jornalistas, artistas plásticos, médicos, professores, que buscavam novos modos de compreensão da realidade social (CASTRO, 2014:120). É importante ressaltar que, por conta da rigidez hierárquica da IPA e do início da Segunda Guerra Mundial, é apenas após 1945, quando terminou a Guerra, que o grupo de São Paulo conseguiu o reconhecimento provisório. A afiliação definitiva só veio em 1951, quando passou a ser chamada de Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (FACCHINETTI & PONTE, 2003: 69).

¹¹¹ Em 1936, Adelheid Koch chegou a São Paulo com a família. A partir de 1938, dava cursos teóricos, as supervisões e as análises pessoais. (FACCHINETTI & PONTE, 2003: 68). Formada pela Universidade de Berlim em 1924, Koch, entrou para a Sociedade Psicanalista de Berlim em 1929. Foi analisada por Otto Fenichel e supervisionada por Salomé Kempner. Como era judia, foi perseguida pelo nazismo e precisou emigrar (FACCHINETTI & PONTE, 2003: 67).

¹¹²PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 40.

¹¹³PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 40-44.

¹¹⁴Enrique Pichòn-Rivière (1907-1977) nasceu em 25 de Junho de 1907, em Genebra. Aos 19 anos, mudou-se para Buenos Aires para estudar Medicina. Iniciou sua prática psiquiátrica, no asilo de Torres, onde estudou os problemas sexuais de pacientes com debilidade mental (*ASOCIACIÓN*, 1982: 15). Formou-se em Medicina em 1936 e começou a trabalhar no Hospital de las Mercedes. Em 1940, começou a analisar-se com Angel Garma, com supervisão de Cárcamo (*ASOCIACIÓN*, 1982: 16).

respectivamente, no *Hospital de los Niños* e no *Hospício de las Mercedes*, ambos na Argentina. Em 1934, Enrique Pichon Rivière criou uma seção sobre psicanálise na revista “*Nervio*. Além deles, Angel Garma,¹¹⁵ que estava na Alemanha, e Celes Cárcamo, que estava na França, retornaram à Buenos Aires e entram em contato com os grupos de Pichon Rivière e Arnoldo Rascovsky (*ASOCIACIÓN*, 1982: 11). Tendo voltado como didatas,¹¹⁶ puseram-se imediatamente a organizar o grupo. No início do ano seguinte, um mês após seu retorno, Garma passou à análise didática de Arnoldo Rascovsky, e de Pichon Rivière. Em 1942, Maria Langer (1910-1987)¹¹⁷ chegou à Buenos Aires, depois de cinco anos no Uruguai (*ASOCIACIÓN*, 1982: 12). Em 15 de dezembro de 1942, em uma reunião Buenos Aires, funda-se a APA. Estavam presentes: Celes Cárcamo, Guillermo Hardoy,¹¹⁸ Angel Garma, Marie Langer, Enrique Pichon Rivière e Arnoldo Rascovsky (*ASOCIACIÓN*, 1982: 19).

Nos primeiros anos da sociedade, os cursos de formação e os seminários eram baseados na teoria de Freud e pós-freudianos. No final deste período, a obra de Melanie Klein começou a ganhar maior destaque na Associação. Além disso, predominava o tema da Medicina Psicossomática (*ASOCIACIÓN*, 1982: 39). Certamente, essa ênfase influenciou Danilo Perestrello a prosseguir os estudos nesta área, sendo importante dizer que a influência de Melanie Klein deixou marcas em todos os psicanalistas brasileiros em formação. As teorias de Melanie Klein já eram citadas no Brasil desde 1938, como é possível verificar no artigo “Psicanálise e higiene mental” de Uchôa (*apud* GOMES, 2018:128). O fato de que alguns desses analistas argentinos e depois brasileiros haviam feito sua análise em Londres, tendo participado também de

¹¹⁵ Em 1927, Angel Garma foi aperfeiçoar seus conhecimentos na Clínica de Tübingen, na Alemanha. Neste período conhece Max Eittingon, diretor do Instituto Psicanalítico de Berlim e interessou-se pela psicanálise. Iniciou sua análise didata com Theodor Reik. Em 1931, aos 27 anos, tornou-se membro da Associação Psicanalítica da Alemanha. Em 1939, retornou para a Argentina (*ASOCIACIÓN*, 1982: 12)

¹¹⁶ Tomamos conhecimento de que Angel Garma analisou Enrique Pichon-Rivière (ROUDINESCO; PLON, 1998:592) e Arnold Rascovsky (ROUDINESCO; PLON, 1998:644). Em relação à análise didática, Cárcamo supervisionou Enrique Pichon-Rivière (ROUDINESCO; PLON, 1998:592) e Garma foi analista didata de Arminda Aberastury (ROUDINESCO; PLON, 1998:1).

¹¹⁷ Nascida em Viena em 1910, Marie Langer se engajou nas ideias de Freud, marxismo e feminismo (ROUDINESCO; PLON, 1998:460). Durante uma primeira formação didática, foi analisada primeiro por Heinz Hartmann e, depois, Richard Sterba. Participou de algumas atividades *Wiener Psychoanalytische Vereinigung* (WPV), mas nunca foi membro em virtude de seu engajamento político (ROUDINESCO; PLON, 1998:461). Por conta do nazismo, foi obrigada a se exilar na Espanha. Com a derrota dos republicanos na Guerra Civil Espanhola, mudou-se para o Uruguai. Em 1942, chegou a Buenos Aires e logo fez contato com Angel Garma (ROUDINESCO; PLON, 1998:461).

¹¹⁸ Guillermo Hardoy contribuiu para a fundação da APA e exerceu cargos gerenciais na associação, mas poucos anos depois mudou-se para os Estados Unidos (*ASOCIACIÓN*, 1982: 16).

encontros, cursos, supervisões e formação no centro do kleinismo mundial¹¹⁹ certamente produziu impactos duradouros nas instituições ipeanas da América Latina (GOMES, 2018:127-132).

Entre 1949 e 1950, Walderedo Ismael de Oliveira, Danilo Perestrello e Alcyon Bahia retornam ao Brasil. Ao retornarem aos seus postos no SNDM, eles não foram aproveitados para o treinamento de novos psicanalistas inicialmente. Nem ao menos foram designados para serviços próprios de Psicanálise. De acordo com as exigências da *Internacional Psychoanalytical Association (IPA)*, o treinamento de novos psicanalistas continuou a cargo dos didatas estrangeiros¹²⁰ recomendados por ela, já que os brasileiros vindos da Argentina eram considerados analistas em formação, e não haviam ainda sido aceitos como didatas em seu processo de formação (MELLONI, 2009). Em 1949, o casal decidiu voltar, porque Danilo Perestrello não teve a sua licença renovada e ele não queria perder o lugar no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM).¹²¹ Ao contrário de Danilo, Marialzira ainda não havia sido qualificada como psicanalista, pois ainda faltava apresentar um último seminário. É apenas em 1952 que ela recebeu o título de psicanalista pela Associação Psicanalítica Argentina¹²².

¹¹⁹Melanie Klein (1882-1960) é considerada a criadora da psicanálise de crianças através da técnica do brincar, que consistia em considerar o brincar da criança, durante uma sessão, como equivalente a associação livre do adulto (BARROS; BARROS, 2007: 221). Membro da Sociedade de Budapeste, Klein, em 1920, foi apresentada ao psicanalista alemão Karl Abraham no congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), em Haia. Abraham elogiou muito sua psicanálise infantil. Esse encontro a estimulou a mudar para Berlim, em 1921 (MASSI, 2007: 246). O pensamento de Melanie Klein encontrou resistência na sociedade de Berlim, principalmente por parte de Anna Freud (MASSI, 2007: 249). Quando Klein apresentou, no Congresso Internacional em Salzburgo, em 1924, um trabalho sobre análise infantil, Ernest Jones, ficou impressionado. Em 1925, Melanie Klein foi convidada para realizar diversas conferências em Londres (MASSI, 2007:248). Após a Primeira Guerra Mundial, Klein foi convidada para residir em Londres. Em 1929, Klein tornou-se psicanalista didata e membro do Comitê de Formação da Sociedade Britânica. A partir desse período, a Sociedade Britânica “floresceu como um centro independente e ativo”, em que as contribuições de Melanie Klein tinham grande importância (MASSI, 2007: 250).

¹²⁰ A manutenção dos didatas estrangeiros, que atendia às condições impostas pela IPA para a formação local de psicanalistas, não seria possível se não fosse o aval de autoridades governamentais e acordos institucionais. Já que não havia respaldo legal para proceder ao pagamento de estrangeiros, alheios ao quadro de funcionários do SNDM, os recibos eram emitidos por entidades privadas, que foram criadas para esse fim (MELLONI, 2009).

¹²¹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 44.

¹²² PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 44.

3.2 CRITÉRIOS PARA UMA NOVA PROFISSÃO: DEBATES SOBRE A FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

Os padrões de formação estabelecidos pela *International Psychoanalytical Association* não deixaram de ser questionados. De acordo com Roudinesco e Plon (1998:18), a questão da formação marcou os debates entre os psicanalistas na segunda metade do século XX, o que ocasionou diversos conflitos dentro do movimento freudiano. Dentre estes conflitos estão desde os embates entre os kleinianos e annafreudianos até a cisão francesa, quando Lacan deixou a IPA (ROUDINESCO; PLON, 1998:18). Procuramos artigos publicados entre 1950 e 1960 sobre *Psicanálise* no acervo da Biblioteca da Sociedade Brasileira de Psicanálise no Rio de Janeiro. No que tange à formação de psicanalistas, percebemos que a discussão sobre análise didática era dominante.

A formação padronizada pela associação incluía o tripé constituído pela análise didática, pelos cursos teóricos e pelo trabalho clínico supervisionado (PONTE, 1999: 97). A IPA adotou o termo “análise didática” em 1922 e sua prática em 1925. O primeiro que teve a ideia de “tratar os alunos como pacientes” foi Carl Gustav Jung, mas Freud, em um artigo de 1912 (ROUDINESCO; PLON, 1998:17), já indicava que todos aqueles que desejassem ser psicanalista deveriam se submeter também à análise (FREUD, 1912 *apud* ROUDINESCO; PLON, 1998:17). Em 1919, no Congresso da IPA em Budapeste, Hermann Nunberg, sugeriu, pela primeira vez, que a análise didática fosse exigida na formação de um analista. Otto Rank, apoiado por Ferenczi, foi contrário à imposição. Em 1925, no Congresso de Bad-Homburg, na Alemanha, Max Eitingon a tornou obrigatória (ROUDINESCO; PLON, 1998:18).

A obrigação de todos os futuros psicanalistas de passarem pela análise didática possuía um objetivo prático. De acordo com Balint, à medida que a prática psicanalítica começou a ganhar reconhecimento, passou a ser necessário ingressar em processos de burocratização e de doutrinação para tornar-se psicanalista (BALINT, 1949 *apud* SZASZ, 1958: 599). Entre os anos de 1937 e 1939, a técnica psicanalítica se tornou mais usual e a análise pessoal havia se tornado um pré-requisito para a formação em psicanálise (BALINT, 1949 *apud* SZASZ, 1958: 599). A exigência da análise pessoal tinha como objetivo familiarizar o futuro analista com o próprio complexo de Édipo e com as repressões, mas também foi motivada, em grande parte, por elementos

relacionados ao poder, criando uma autoridade de estrutura que pode admitir alguns e excluir outros (SZASZ, 1958: 599).

Outros, entretanto, procuravam reforçar a necessidade do futuro psicanalista atender alguns critérios. Marie Langer¹²³ (1962: 272), que foi psicanalista de Marialzira Perestrello,¹²⁴ alertava que o futuro candidato a psicanalista precisava ter vocação. Langer também afirmou que, “desde a Segunda Guerra Mundial”, havia uma grande procura por formação em Institutos de Psicanálise. Assim, evidenciava-se que o prestígio da Psicanálise começara a crescer, tanto entre médicos quanto entre leigos, devido ao reconhecimento da eficácia da prática e ao sucesso econômico de seus praticantes. Por isso, de acordo com Langer, muitos estudantes poderiam desejar ser psicanalistas por razões neuróticas ou oportunistas. Para selecionar os candidatos, deveria haver, segundo a autora, uma entrevista para avaliar as qualidades gerais (inteligência, empatia, integridade moral etc.) e um processo de análise, para avaliar a habilidade para lidar com o processo analítico e a capacidade de se libertar dos “grilhões neuróticos”. Se a terapia prévia não fosse possível, poderia ser aplicada a terapia em grupo (LANGER, 1962: 276).

Como já afirmamos anteriormente, em 1929, a SBPSP foi reconhecida como “*Study Group*” pela *International Psychoanalytical Association* (IPA) e precisou se adequar às regras estabelecidas pelo Congresso de Bad-Homburg, de 1925. No ano seguinte, Eitingon escreveu uma carta ao grupo solicitando que o mesmo buscasse se organizar no modelo que havia sido definido pelo Congresso de Bad-Homburg (CASTRO; FACCHINETTI, 2015: 40).¹²⁵

Neste período, ocorriam grandes mudanças na estrutura política do Brasil e diferentes grupos políticos dominantes disputavam poder. As divergências políticas foram agravadas com a quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929. No campo da Assistência aos Psicopatas, a crise culminou na aposentadoria compulsória de Juliano Moreira, em 1930. Após a tomada de poder varguista, somaram-se sucessivas

¹²³ Nascida em Viena, a psicanalista Langer adotou o Freudismo, Marxismo e Feminismo. Foi uma das fundadoras da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). (ROUDINESCO; PLON, 1998: 461-462).

¹²⁴ Marialzira Perestrello fez análise com Marie Langer, nos anos de 1958, 1962, 1969 e 1970. Segundo Murat (2012: 328). essas reanálises foram resultado de um luto não elaborado em consequência do falecimento da mãe. Ainda segundo a autora, Como efeito do fim de análise, Marialzira passou a escrever poemas.

¹²⁵ No Congresso de Bad-Homburg de 1925, a Associação Psicanalítica Internacional tornou a formação do Instituto Psicanalítico de Berlim como modelo. O padrão compreendia a análise didática, o ensino teórico e o trabalho clínico supervisionado (PONTE, 1999: 62).

crises na assistência à saúde com impacto direto para o campo da medicina mental (CASTRO; FACCHINETTI, 2015: 40).

Os processos sociais e econômicos, a falta de direção nas duas seções da Sociedade¹²⁶, assim como a ampliação do poder da IPA, acabaram por fazer compreender aos interessados na psicanálise no Brasil que o reconhecimento da IPA era a única maneira do grupo continuar existindo. Durval Marcondes foi um dos primeiros a articular uma formação aos parâmetros internacionais. No Distrito Federal, não existiam discussões ou movimentações para “o reconhecimento de tal Sociedade” (CASTRO; FACCHINETTI, 2015: 40). Neste sentido, Carlos Ponte (1999) afirma que com a ausência de instituições e de pessoal qualificado para iniciar a formação no Rio de Janeiro, a IPA tornou-se a única referência para aqueles que pretendiam ser psicanalistas (PONTE, 1999: 95). A instituição representava a possibilidade de obterem os conhecimentos, a garantia de autoridade científica e cultural e um padrão de organização institucional (PONTE, 1999: 92).

No Brasil, os *study groups*¹²⁷ foram formados a partir do final da década de 1930 e tinham o objetivo de estabelecer meios para garantir o processo de institucionalização da psicanálise vinculando-se para tanto às orientações e normatizações da IPA, considerada então a “guardiã da verdadeira psicanálise” e da “legitimidade das teses de Freud” (GOMES, 2018:61). Tornou-se consenso que a profissão de psicanalista necessitava de uma formação específica e altamente qualificada, que só poderia ser adquirida em um instituto integrado a uma sociedade de origem ipeísta e que tivesse constante análise e supervisão (GOMES, 2018: 61). O crescimento da demanda pela institucionalização aos moldes da IPA ocorreu no Rio de Janeiro especialmente no final dos anos de 1950, após a institucionalização e o reconhecimento das sociedades ipeanas. Perestrello conta que, “assim que se formou”, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro sofreu grande demanda por parte de profissionais interessados em fazer a formação e de pacientes interessados em fazer análise. Era tanta demanda, segundo ela, que não era necessário fazer propaganda. O grupo, então, escolhia quais os pacientes gostariam de analisar e muitos candidatos foram reprovados em entrevista.¹²⁸

¹²⁶ Com o afastamento de Juliano no Rio e a morte de Franco da Rocha em São Paulo.

¹²⁷ Geralmente, *Study Group* é a primeira etapa para se conquistar o status de Sociedade. Um Comitê Patrocinador da IPA supervisiona cada “*Study Group*”. Ver em STUDY GROUPS. *International Psychoanalytical Association*. Disponível em <https://www.ipa.world/ipa/en/Societies/Europe/StudyGroups.aspx>. Acesso em 02 de julho de 2019.

¹²⁸ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 89 e 90.

Em relação aos psicanalistas brasileiros, também buscamos artigos no acervo da Biblioteca da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro sobre a temática da formação. Insistimos no recorte temporal entre a década de 1950 e início dos anos de 1960, que é o período em que Marialzira Perestrello formou-se e tornou-se psicanalista didata. A própria Marialzira Perestrello (1956), ao escrever sobre a formação em Psicanálise no período, afirmava que todos os institutos psicanalíticos do mundo obedeciam de maneira semelhante aos mesmos padrões de formação. O artigo é interessante, também por permitir o acesso ao que a autora distinguia entre a formação em psicanálise e as atribuições de um psicanalista didata, assim como os conflitos que poderiam surgir na relação entre o futuro psicanalista, o didata e a comunidade psicanalítica, que servia de testemunha e compartilhava o processo de formação. Para Perestrello (1956), muitos didatas possuíam a ambição de seu analisando construir uma carreira brilhante. Sobretudo em sociedades em que existiam diferentes teorias em circulação, isso provaria a qualidade do trabalho do didata, que desejava, muitas vezes, que seus candidatos fossem representantes de suas teorias.¹²⁹

Perestrello retomava, portanto, uma discussão levantada antes dela por Paula Heimann (1954:163), quando essa chamava atenção para o fato do analista didata ter poder de influenciar o candidato em relação aos ensinamentos teóricos e isto interferir, em certos momentos, no processo de análise (HEIMANN, 1954: 163). Além disso, devido a conflitos, amizades e animosidade entre os colegas, Heimann acreditava que o analista poderia ficar mais preocupado com a sua própria reputação do que com a análise do paciente (HEIMANN, 1954: 163-164). Como “a relação dos analistas com o saber e a psicanálise se realiza através da *transferência*”, o desejo do didata podia causar efeitos importantes como a identificação do analisando com o analista. Nesse caso, poderia acontecer que o futuro psicanalista se tornasse um mero repetidor do analista (BIRMAN, 2013: 152).

De acordo com entrevista concedida por Perestrello em 1992, naquele período existiram muitos conflitos na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Ela mesma se desentendeu com Décio Soares de Sousa (1907- 1970),¹³⁰ pois ele acreditava

¹²⁹ PERESTRELLO, Marialzira. “A finalidade Didática com Dificuldade no tratamento analítico”. In: *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 5, n. 3, 1956, pp. 259.

¹³⁰ Décio Sousa (1907- 1970), depois de concluir a formação psicanalítica em Londres, fixou residência no Rio de Janeiro. Em 1956, tornou-se diretor da Clínica de Orientação à Infância do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. Em 1959, tornou-se um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (PERESTRELLO, 1987: 84).

que Marialzira não podia analisar a filha de uma paciente dela.¹³¹ Segundo a mesma entrevista, houve épocas que Walderedo não se dava bem com Pacheco.¹³² Eram desavenças causadas até mesmo por questão de orientação analítica. Por exemplo, segundo Marialzira, Luiz Werneck¹³³ era contra psicoterapia de grupo e Walderedo Oliveira era defensor dessa técnica de análise.¹³⁴ Finalmente, depois da fundação, o “grupo argentino” se desfez, porque Alcyon Bahia se aproximou da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, enquanto Marialzira e Danilo Perestrello teriam feito questão de se manter independentes.¹³⁵

Pelo tratamento dado a este tipo de problemática nas revistas, pode-se considerar que a influência de psicanalistas didatas, de fato, gerava disputas dentro das sociedades e, portanto, a formação, mesmo aos moldes da *International Psychoanalytical Association*, acabava por ser criticada e/ou negociada entre os atores. Buscava-se uma negociação, não apenas da “base cognitiva” para a formação, mas também de um modelo de organização e prestígio institucional (PONTE, 1999: 93).

Inaura Carneiro Leão, em entrevista, mostrou-se extremamente crítica às diversas interferências do didata na formação do futuro analista. Para ela, ao candidato deveria ser permitido atender o primeiro paciente já no começo da formação. Segundo ela, isso impediria que o aluno ficasse muito influenciado pelas ideias e preferências teóricas de seu analista didata. Além disso, Leão acreditava que o didata também perdia liberdade, pois era obrigado a relatar sobre o candidato. Assim, afirma que não queria ser didata e que havia apenas “cedido” à pressão dos pares, já que era uma das fundadoras da SBPRJ.¹³⁶

Marialzira Perestrello também reconhecia a falta de neutralidade do psicanalista didata. Para a psicanalista, o didata tinha o papel de decidir se o analisando estava apto a ingressar nos seminários, se já podia receber pacientes, candidatar-se a membro etc.

¹³¹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 91.

¹³² Mário Pacheco Prado (1917-1991) iniciou a formação psicanalítica no Instituto Brasileiro de Psicanálise, com análise pessoal do Dr. Mark Burke (sociedade Britânica de Psicanálise). Em 1957, tornou-se membro fundador do Grupo de Estudos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e, em 1959, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (PERESTRELLO, 1987: 104; 105)

¹³³ Também foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (PERESTRELLO, 1987: 68).

¹³⁴ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista III. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992:151.

¹³⁵ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista III. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 153.

¹³⁶ LEÃO, Inaura Carneiro. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Fidélis da Ponte. Rio de Janeiro. (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992:16.

Este seria o modelo da Associação Psicanalítica Internacional e dos Institutos locais. Mas segundo Perestrello, o analista didata não é “um pai neutro e sim um juiz que decide” (PERESTRELLO, 1956: 258). Até porque, como ela afirmou em artigo, o didata acabava lidando com questões distintas daquelas de uma análise comum: as brigas e hostilidades entre colegas (PERESTRELLO, 1956: 259). Além disso, segundo ela,

Entre os candidatos, há os que fazem questão do título (em geral não fazem esforços reais para obtê-lo e procuram bolsas de estudos que custeiem sua formação); outros visam uma estabilidade financeira; e outros há que, competentes como psiquiatras, com situação firmada profissionalmente e economicamente, querem ser mais eficientes com seus clientes, conseguir com seus pacientes o que os livros não conseguem ensinar-lhes; são os que dizem: ‘é...tenho mesmo de me analisar’. (PERESTRELLO, 1956:257)

Apesar de valorizar tanto o trabalho do seu marido e mesmo tendo ele ganhado um apoio financeiro do governo para estudar Psicanálise na Argentina, neste trecho, ela parece fazer uma oposição entre aqueles que procuram bolsas de estudos aos que “fazem esforços reais para obter o título”. Mais uma vez, nos deparamos com fato de lidar com as contradições daqueles indivíduos que estudamos. Ao invés de escondê-las, acreditamos que, sempre que possível, devemos considerá-las e ressaltá-las. Além disso, apesar de Marialzira Perestrello e seus pares defenderem a formação aos moldes da IPA, percebemos que a posição de didata é de grande controvérsia e debate interno, por seu peso em termos de transmissão de aporte teórico para futuros analistas e de poder sobre eles.

Na biblioteca da SBPRJ, encontramos edições do *Jornal Internacional de Psicanálise* em que foi possível encontrar divergências em relação ao papel da análise didática. Encontramos alguns embates em relação à formação do analista, sendo notáveis as tentativas de criar critérios ou padrões para a formação psicanalítica neste caso, servindo a IPA de modelo. Podemos fazer uma aproximação com o que Freidson (1995) denomina de *profissionalismo*, definido por circunstâncias de tipo ideais que fornecem aos trabalhadores os recursos para controlar o próprio trabalho. O *profissionalismo* representa um método de organizar, logicamente, uma divisão de trabalho e as circunstâncias em que as ocupações negociam limites “jurisdicionais” (FREIDSON, 1995 *apud* Ponte, 1999). A psicanálise precisou negociar limites em relação a outros campos, como a medicina e a psicologia e estabelecer critérios de quem

seria apto ou não para fazer a formação. Neste processo, existiram restrições para aqueles que poderiam se candidatar.

3.3 SER MULHER E PSICANALISTA

Como já discutimos no primeiro capítulo, Marialzira Perestrello entrou para a Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil em 1934 e formou-se em 1939. Alguns dos seus professores, como Antônio Austregésilo (1876-1960) e Henrique Roxo (1877-1969) eram leitores de Freud, indicando uma aproximação à psicanálise desde a sua formação em Medicina. No entanto, ao longo da sua trajetória, Marialzira, indica reiteradamente como suas primeiras influências não tanto os catedráticos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – especialmente no que diz respeito à Roxo, afirmando em algumas entrevistas que ele não tinha boa leitura da psicanálise. A psicanalista fala mais da importância do acesso que teve, ainda no começo da faculdade, ao livro de Arthur Ramos sobre as religiões afro-brasileiras, que era todo atravessado pelas ideias psicanalíticas.¹³⁷ Foi inclusive a partir dessa obra, ainda segundo Perestrello, que ela teria deixado a religião católica. Notando seu interesse, o pai dela teria lhe comprado o livro com os *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade*, de Freud.¹³⁸ A vontade de ser psicanalista teria vindo a ela apenas depois de formada e casada, na época em que, com seu marido e outros jovens psiquiatras, fundaram o Centro de Estudos Juliano Moreira (PERESTRELLO, 2000b:4).¹³⁹

Ela não foi a única mulher no país a se interessar por se tornar psicanalista. Cabe ressaltar que algumas mulheres ajudaram na difusão e institucionalização da psicanálise no Brasil. Em São Paulo, destacam-se a didata Adelheid Koch,¹⁴⁰ Virgínia Bicudo

¹³⁷ Talvez Marialzira Perestrello tenha se referido ao livro *O negro brasileiro* (1912), pois, segundo Ulisses Rafael (2009: 494), Ramos assumiu a função de ogã no terreiro de Gantois. O livro retrata dois grupos religiosos de origem africana, sudaneses e bantus, que foram introduzidos, respectivamente, nos territórios da Bahia e Pernambuco (RAFAEL, 2009: 496).

¹³⁸ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 25 e 26.

¹³⁹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 37 e 38.

¹⁴⁰ Adelheid Koch (1896-1980) era judia berlinesa (ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel, 1997:435). Filha de um médico clínico, formou-se em Medicina em 1924 (HAUDENSCHILDA, 2015: 218). A formação didática dela foi com Otto Fenichel e a supervisão foi com Salomea Kempner. Chegou ao Brasil em 1936 e tornou-se a primeira psicanalista europeia a se instalar no continente latino-americano. Foi uma das figuras mais importantes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), contribuindo para que a SBPSP fosse reconhecida pela IPA. (MARCONDES, Durval, 1982 *apud* ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel, 1997:435). Uma das primeiras analisandas de Koch foi

(1910-2003),¹⁴¹ Lygia Amaral (1911-2003)¹⁴² e Judith Andreucci (1913-2001).¹⁴³ Estas três últimas foram professoras primárias e se tornaram educadoras sanitárias no Instituto de Higiene de São Paulo.¹⁴⁴ Durante este período, Durval Marcondes era psiquiatra escolar do Instituto de Higiene e ele convidava Adelheid Koch para proferir palestras sobre psicanálise no Instituto. Estas percorriam diversos bairros de diversas classes sociais para conversar com os pais sobre a importância, por exemplo, de se vacinar os filhos. Era assim que estas mulheres levavam conhecimentos sobre higiene e a escuta psicanalítica aos lares e escolas (HAUDENSCHILDA, 2015: 219-220). No Rio de Janeiro, destacam-se Zenaira Aranha,¹⁴⁵ Inaura Carneiro Leão (1924-2001),¹⁴⁶ a própria

Virgínia Bicudo. Posteriormente, outras mulheres que se analisaram com ela foram Lygia Amaral e Judith Andreucci (HAUDENSCHILDA, 2015: 218).

¹⁴¹ Em 1930, Virgínia Bicudo concluiu o curso secundário na Escola Normal Caetano de Campos. Bicudo foi chamada para dar aulas na escola rural de Maranduba, em Ubatuba. Ela, entretanto, resolveu seguir outro caminho, ingressando no curso de Educadores Sanitários do Instituto de Higiene de São Paulo (FARIA, 2007 *apud* MAO, 2010: 311). Ainda na década de 1930, ingressou no curso de graduação em Ciências Políticas e Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política (HAUDENSCHILDA, 2015: 222). Em 1938, foi a única mulher da turma a se formar em bacharel em Ciências Sociais e Políticas. Em 1937, tornou-se a primeira mulher a ser analisada por Adelheid Koch (MAO, 2010: 315).

¹⁴² Em 1929, Lygia Amaral torna-se professora. Foi aprovada para dar aulas em Presidente Prudente, mas permaneceu no cargo por apenas seis meses. Ao retornar para São Paulo, ela se inseriu no Instituto de Higiene, onde conheceu a psicanálise e Durval Marcondes (HAUDENSCHILDA, 2015: 226). Em 1959, Lygia Amaral se tornou psicanalista didata (HAUDENSCHILDA, 2015: 226).

¹⁴³ Aos 16 anos, Judith Andreucci tornou-se professora. Neste período, conseguiu ser aprovada em um concurso para trabalhar no interior de São Paulo. Como o pai dela não a autorizou a trabalhar no interior, ela foi estudar no Instituto de Higiene, como algumas de suas colegas (HAUDENSCHILDA, 2015: 229). Aos 19 anos, casou-se com o médico Newton Luiz Andreucci, e eles foram morar, por um ano, em Bebedouro, interior de São Paulo. Na década de 1940, após voltarem para a capital paulista, Judith Andreucci retornou ao Instituto de Higiene para estudar. Ao finalizar o curso, ela resolveu fazer um estágio no pavilhão de crianças com problemas mentais do Juqueri. Após o estágio, ela foi trabalhar como educadora sanitária, onde visitava crianças com problemas mentais, de acordo com as indicações das escolas onde estas crianças estudavam (HAUDENSCHILDA, 2015: 229). Em 1959, então, ela resolveu se tornar psicanalista e iniciou sua formação com Adelheid Koch (HAUDENSCHILDA, 2015: 230). Andreucci foi da quinta turma de formação da Sociedade Psicanalítica de São Paulo (HAUDENSCHILDA, 2015: 219).

¹⁴⁴ O curso de Educadores Sanitários, criado em 1925, era voltado para professores primários, devido à falta de profissionais na área e porque o curso de enfermagem era muito longo (MAO, 2010: 313).

¹⁴⁵ Na década de 1940, tornou-se médica. Trabalhou como psiquiatra no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM). Em 1949, iniciou análise didática com Werner Kemper. Aranha foi do Centro de Estudos Psicanalíticos do Rio de Janeiro, reconhecido pela IPA como StudyGroup em 1953. Ela ainda era um dos membros, quando o Centro se torna a Sociedade Psicanalítica de Rio de Janeiro, em 1955. Em 1958, ela se desligou da SPRJ e, em 1959, se tornou uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Além de analista didata, supervisora e diretora do Instituto de Educação SBPRJ, foi eleita presidente da SBPRJ em 1970. Vem em PISICANALISTAS NA AMÉRICA LATINA. *Psicanalistas. Dicionário Biográfico*. Disponível em https://www.psychoanalytikerinnen.de/lateinamerika_biografien.html. Acesso em 11 de julho de 2019.

¹⁴⁶ A médica e psicanalista Inaura Carneiro Leão nasceu em Recife, Pernambuco. Era filha do fiscal de consumo Adolpho Gouveia Carneiro Leão (PERESTRELLO, 1987: 91). Em 1945, a fim de aprimorar os estudos, que Inaura se mudou para o Rio de Janeiro. Neste ano, foi nomeada interna do Serviço Nacional de Doenças Mentais e designada como interna-residente do Hospital de Neuropsiquiatria Infantil, no Engenho de Dentro (PERESTRELLO, 1987: 91;92). Ela iniciou, em 1949, sua formação com o psicanalista didata Wener Kemper, no Instituto Brasileiro de Psicanálise. Nos fins da década de 1950, ela renunciou à SPRJ e permaneceu no Grupo de Estudos até que este, em 1959, foi reconhecido como a

Marialzira Perestrello, Anna Katrin Kemper (1905-1979)¹⁴⁷ e Maria Manhães (1917-2009).¹⁴⁸ Considerando as discussões sobre a formação em psicanálise, perguntamo-nos quais eram as similaridades entre as mulheres que se tornaram psicanalistas no Rio de Janeiro e concluímos que todas estas psicanalistas que atuavam no Rio eram médicas.

Para Jane Russo (2002b: 45-46), existia um quadro que se estende até início da década de 1970 que, pouco a pouco, produziu uma “divisão sexual do trabalho clínico”. As psicólogas, mulheres em sua maioria, ocupavam-se com o atendimento às crianças e se analisavam, geralmente, com psicanalistas homens. Estes psicanalistas, além de as analisarem, ofereciam cursos e “grupos de estudos”, supervisionando seus atendimentos e impedindo que parte delas ingressassem nas sociedades vinculadas à IPA (RUSSO, 2002b: 46). Um dos principais motivos para a diferenciação entre psicólogas e psicanalistas era o diploma de medicina, ainda mais comum entre os homens. Vale lembrar que nos anos de 1930, o número de mulheres formadas em medicina caiu para 19,10%. A queda também ocorreu nas décadas seguintes até que, em 1960, recuou para 12,99%, o menor índice registrado na história da medicina brasileira (SCHEFFER; CASSENOTE, 2013: 270).

Em relação à psicologia, percebemos um fenômeno diametralmente oposto. A profissão de psicólogo foi regulamentada no início da década de 1960 através da lei 4.119, de 27 de agosto de 1962. Neste período, foi comum associar a profissão a métodos de ensino e treinamentos para o campo educacional e profissional (SCARPARO et al., 2011: 337). Já na década seguinte ao da regulamentação da profissão, houve uma grande expansão dos números de curso de psicologia em todo o país. De 1971 a 1977, o número de cursos pulou de 28 para 51, graças, também, ao setor privado. Dos candidatos do vestibular da CESGRANRIO que optavam pelo curso de

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Ela, então, se tornou fundadora e membro associado da SBPRJ (PERESTRELLO, 1987: 94; 95).

¹⁴⁷ Nasceu em Berlim, na Alemanha. Em 1934, casou-se com Kemper. Era grafóloga e formou-se em psicanálise no Instituto Göring. Em 1948, emigrou para Brasil com o marido e os três filhos. No Rio de Janeiro, participou da fundação da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Em 1962, foi acusada de nunca ter sido analista, de acordo com os critérios da IPA. Nesta época, demitiu-se da SPRJ e separou-se de Werner Kemper. Em 1963, criou Círculo Psicanalítico da Guanabara (ROUDINESCO; PLON, 1988: 426).

¹⁴⁸ O pai de Manhães se formou em Medicina no Rio de Janeiro. Os professores a reconheciam como a filha do Dr. Manhães. Maria Manhães gostava, já que se sentia cuidada e querida. Com isso, sentia segurança, já que morava longe dos pais. (RAMOS, 2012: 426; 427). Já no início da faculdade, era a única estudante lotada no Hospital Neuro-Psiquiatria Infantil no Engenho de Dentro. Durante o curso, ela também trabalhou na Clínica Médica com Pedro Nava e no Pronto-Socorro Sousa Aguiar. Após a formatura, dedicou-se à Sociedade Pestalozzi, que era dirigida por Helena Antipoff. Esta era uma instituição localizada no Leme e que atendia crianças com retardo mental. A esposa do Ministro da Saúde da época, Clarita Mariani, pediu-lhe para fazer uma clínica para crianças: Clínica de Orientação Infantil (COI-DINSAM). (RAMOS, 2012: 427).

psicologia, a esmagadora maioria era composta por mulheres. A porcentagem de candidatas que escolhiam psicologia no vestibular da CESGRANRIO, por exemplo, em 1973 era de 80,5% para mulheres, contra 19,95% para homens. Em 1977, esse percentual havia subido para 86% de estudantes mulheres contra 14% de estudantes homens (ROSEMBERG, 1983: 33).

Mesmo que no início do século XX o nível educacional feminino tenha aumentado e que, a partir da década de 1940, as mulheres, principalmente as de classe média, tenham entrado em universidades, ainda assim, na área de Medicina elas se mantinham em número reduzido, se comparadas à presença masculina. Este é um dado a se considerar, pois, como vimos anteriormente, as sociedades da cidade do Rio de Janeiro, aceitavam apenas médicos, o que restringia as mulheres a se tornarem psicanalistas.

Diante dessa torrente de homens, nessa disputa pelo lugar de primeira didata, Marialzira Perestrello é lembrada como a primeira mulher a habilitar-se psicanalista didata no Rio de Janeiro (ARAÚJO 2004: 19-20), o que é verificado junto aos jornais diários do Rio de Janeiro da época, como o *Correio da Manhã* (12/09/1965: 30), que tratam Marialzira como a primeira médica brasileira a analisar. Devemos, entretanto, lembrar do caso de Ana Katrin Kemper, uma alemã e grafóloga que emigrou para o Brasil, em 1948, com o marido Werner Kemper (1899-1976).¹⁴⁹ De acordo com Roudinesco e Plon (1988: 426), ela fez formação em psicanálise no Instituto Göring, com Harald Schultz-Hencke. O fato de Katrin Kemper, Fábio Leite Lobo e Luís Guimarães Dahlheim terem se tornados psicanalistas didatas foi noticiado em *Diário de Notícias* (05/01/1958: 6). A notícia ressaltou que os nomeados eram “os primeiros psicanalistas didatas formados no Distrito Federal por uma sociedade competente da Associação Psicanalítica Internacional”. Katrin Kemper, entretanto, foi acusada de não ter sido analisada de acordo com os critérios da IPA. Segundo Roudinesco e Plon (1988: 426), o verdadeiro motivo para o impasse teria sido o fato de que Schultz-Hencke havia sido excluído da *International Psychoanalytical Association* após a Segunda Guerra Mundial por sua oposição às teses sobre sexualidade de Freud e por ter sido acusado de

¹⁴⁹Werner Kemper (1899-1976) também se envolveu em polêmicas. Os psicanalistas do Instituto Brasileiro de Psicanálise denunciaram Kemper pelo trabalho ilegal de médico. De acordo com a legislação federal, apenas médicos poderiam fazer trabalhos clínicos e terapêuticos. Kemper ficou preso por algumas horas. A reação do grupo de Kemper foi pressionar os poderes públicos à resolução dos entraves decorrentes da legislação. Obtiveram sucesso. Em 6 de junho de 1957 do Aviso Ministerial número 257 do Ministério da Saúde, que facultava aos “leigos” o exercício da psicanálise sob determinadas condições (PONTE, 1999: 122). Em 1967, Kemper voltou para a Alemanha (ROUDINESCO; PLON, 1988: 428).

colaborar com o nazismo, defendendo ideias fascistas e racistas (ROUDINESCO; PLON, 1988: 694).

Ecoando os embates entre judeus e alemães acusados de colaborarem com o nazismo, tais como esses que ocorreram no Rio de Janeiro (FACCHINETTI; PONTE, 2003), Marialzira Perestrello garantiu, em entrevista, que Katrin Kemper não possuía mesmo a formação e argumentou que, em nenhuma lista ou boletim existia o nome dela enquanto psicanalista. Também reforçou que ela possuía atitudes não recomendadas, como ter relações sociais com pacientes. Segundo ela, Kemper teria passado fins de semanas com pacientes em Teresópolis¹⁵⁰. A IPA, inclusive, segundo a entrevistada, havia intervindo, obrigando-a, tempos depois, a fazer supervisão em São Paulo e na Argentina.¹⁵¹

Além de Katrin, é bom que se diga em nome da problematização desse tipo de disputa interna ao campo, que estas afirmações são verdadeiras apenas se considerarmos como válidos os critérios de formação da IPA e excluirmos da análise, além de Katrin Kemper, Iracy Doyle.¹⁵² A última, também formada em medicina pela Universidade do Brasil, havia continuado seus estudos em psiquiatria na Universidade John Hopkins, nos Estados Unidos e realizou sua análise didata em Nova York, com Meyer Maskin, durante os anos de 1940 (no mesmo período em que a Marialzira Perestrello fez a sua na Argentina). Doyle, entretanto, recusava a ortodoxia da IPA e, por isso, nunca se tornou membro daquela instituição (ROUDINESCO; PLON, 1998: 161-162).

Outras psicanalistas também merecem destaque, como Maria Manhães, que fez análise pessoal com Walther Schindler, um analista judeu alemão, quando esteve na Inglaterra. Manhães ganhou uma bolsa de estudos integral do Conselho Britânico. Inicialmente passou dois meses em Leeds, na Clínica Infantil (MANHÃES, 1994:431). Como não lhe agradou a cidade, passou mais um ano na Tavistock Clinic, dirigida por Jonh Bowlby, em Londres (RAMOS, 2012: 430). Pouco antes de retornar ao Brasil, encontrou com Matilde Freund, cunhada de Adelheid Koch (fundadora da Sociedade

¹⁵⁰ Curiosamente, seria uma queixa semelhante que caracterizou a ruptura entre Marialzira e Décio de Souza, por causa de ela analisar a filha de uma paciente. PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 91.

¹⁵¹ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 55 e 56.

¹⁵² Em 1953, Doyle fundou o Instituto de Medicina Psicológica, que privilegiava o pluralismo e dava ênfase à determinação sociocultural sobre o psiquismo. Tornou-se psicanalista de crianças e se especializou em homossexualidade. Doyle morreu em 18 de agosto de 1956, antes que a primeira turma se formasse (RUDGE, 2011: 428 e 429).

Psicanalítica de São Paula). Matilde recomendou que Manhães procurasse Werner Kemper ao retornar ao Brasil (MANHÃES, 1994: 431). Em 1955, Manhães iniciou sua formação psicanalítica com Werner Kemper e, posteriormente, com Luiz Guimarães Dalheim. Ela fez parte da segunda turma do Centro de Estudos Psicanalíticos, que logo se transformou na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). De 1969 a 1971, foi presidente da SPRJ (RAMOS, 2012: 430-431).

Em 1949, Inaura Leão Carneiro iniciou sua formação com o psicanalista didata Wener Kemper, no Instituto Brasileiro de Psicanálise. Em 1958, solicitou o ingresso no Grupo de Estudos da atual Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Inaura Leão queria fazer curso teórico, seminários clínicos e supervisões individuais e coletivos com a Dra. Paula Heimann. Segundo a recomendação da *International Psychoanalytical Association* (IPA), o ingresso em um *Study Group* era imprescindível para pertencer a uma sociedade. Nos fins de 1958, o professor Kemper exigiu que ela optasse entre a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e o Grupo de Estudos. Ela renunciou à SPRJ e permaneceu no Grupo de Estudos até que este, em 1959, foi reconhecido como a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Ela, então, tornou-se fundadora e membro associado da SBPRJ (PERESTRELLO, 1987: 94-95) e, em 1965, psicanalista didata.¹⁵³

3.4. MARIALZIRA PERESTRELLO TORNA-SE ANALISTA

Em fins de 1946, Marialzira e Danilo Perestrello chegam a Buenos Aires. Sobre a formação na Argentina, Perestrello afirma que ela e o marido fizeram um curso intensivo de dois anos, pois Danilo não conseguiu licença para continuar por mais tempo. Segundo lembra em sua entrevista, eles estudavam tanto que tiveram que buscar sua empregada doméstica do Brasil, para que cuidasse do filho do casal.¹⁵⁴ Danilo foi analisado por Celes E. Cárcamo e seus supervisores foram Enrique Pichòn Rivière e Maria Langer. Marialzira teve como analista Pichòn e, como supervisores, Garma e Cárcamo. Walderedo foi analisado por Marie Langer e seus supervisores foram Garma e Arnaldo Rascovsky. Alcyon Bahia, que chegou à Argentina em 1945, antes do casal e

¹⁵³ Leão, Inaura Carneiro. Fórum de análise didata. Fórum Permanente de Debates. Realizado em 22 de abril de 1991. Biblioteca Marialzira Perestrello da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

¹⁵⁴ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 44.

de Oliveira, iniciou a análise com Garma, interrompeu-a e continuou com Cárcamo (PERESTRELLO, 2012: 131).

De acordo com Marialzira (2012: 131), as aulas de Psiquiatria Psicanalítica, ministradas por Pichon Rivière, eram realizadas em um “hospício”¹⁵⁵ e, depois, na clínica de Copérnico¹⁵⁶. Além dos seminários obrigatórios,¹⁵⁷ o casal frequentou o Departamento de Adolescentes¹⁵⁸ do Hospício de Las Mercedes e tiveram aulas com Pichon Rivière. Danilo chegou a ser convidado para dirigir um setor do *Servicio de la Edad Juvenil*. No Hospital de los Niños, Bahia foi assistente no serviço de psicossomática do professor Eduardo Krapf (PERESTRELLO, 2012: 131).

Marialzira Perestrello tornou-se didata, embora seja difícil encontrar informações mais detalhadas sobre as circunstâncias de sua formação. Em 1952, foi qualificada como membro associado da Associação Psicanalítica Argentina (MURAT, 2012: 326) e, de acordo com Ana Karina Araújo (2004: 20), recebeu finalmente o título de analista didata em 1962. Em 1959, quando a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro foi reconhecida pela Associação Psicanalítica Internacional, havia 14 analistas: Alcyon Bahia, Danilo Perestrello, Décio Souza, Edgar Almeida, Henrique Mendes, Inaura Carneiro Leão, João Barros, Luiz Werneck, Manoel Thomaz Lyra, Marialzira Perestrello, Mario Prado, Pedro Ferreira, Walderedo Oliveira e Zenaira Aranha. A Comissão de Ensino era composta por Décio Soares de Souza e Walderedo Ismael de Oliveira (os didatas) e Alcyon Bahia e Danilo Perestrello (como titulares) (PERESTRELLO, 2012: 157). Em entrevista, Marialzira afirmou que, logo após a fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, em 1959, Décio Souza a convidou para apresentar um trabalho e receber o título de didata. Como, entretanto, Souza e Danilo Perestrello não se davam muito bem, ela recusou o convite,

¹⁵⁵ M. Perestrello (2012:131) não especificou em qual Hospício as aulas eram realizadas.

¹⁵⁶ A entrevistada também não deu maiores explicações sobre o Hospital.

¹⁵⁷ Os quatro brasileiros assistiram os seguintes seminários na IPA: Interpretação dos sonhos e metapsicologia (AngelGarma), Teoria das neuroses (Arnaldo Rascovsky), Teoria especial das neuroses (Pichon-Rivière), Casos Clínicos de Freud (Marie Langer), Seminário técnico (Luiz Rascovsky), Técnica psicanalítica: mecanismos de defesa do ego (Celes Cárcamo), Psiquiatria psicanalítica (Pichon-Rivière). Depois: História da psicologia médica e introdução à psicanálise (Pichon-Rivière), Seminários técnicos e Supervisão coletiva (Cárcamo, Luiz Rascovsky e Garma), Seminário sobre um caso clínico continuado (Arnoldo Rascovsky), Teoria da técnica (Cárcamo), Teoria e casos clínicos de perversão e psicopatia (Marie Langer), Introdução à teoria da libido e das relações de objeto (Rascovsky), Teoria da Técnica da análise em crianças e Melaine Klein e outros autores (Arminda Pichon-Rivière), Teoria da técnica das psicoses (Pichon-Rivière), Seminário adiantados sobre artigos psicanalíticos (Angel Garma), Sexologia (Luisa Alvarez de Toledo, Alberto Talliaferro e Teodoro Schlossberg), Psiquiatria psicanalítica (Pichon-Rivière). A partir de 1949: antropologia psicanalítica (Racker) (PERESTRELLO, 2012: 131).

¹⁵⁸ PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 45.

alegando que não se sentia preparada. Na entrevista, entretanto, não soube explicar o motivo dos dois não se darem muito bem. Contou apenas que muitos ex-burkeanos fizeram supervisão com Décio de Souza, o que o tornou muito valorizado no início da sociedade.¹⁵⁹

Mas o Décio me convidou depois de eu trabalhar para titular, ele me convidou: você não quer ser didata? Eu fui e disse: não, não me acho merecedora (risos). Eu disse mesmo, não me acho merecedora. “Olha, se vocês quiserem você proponha no Conselho”. Eu só queria, talvez, ter funções didáticas, para um analisando meu poder ser candidato, mas eu não queria ser didata. Depois não sei se foi proposto... E ele me disse: “ah! Nesse conselho não pudemos propor”, e não sei o que, não sei o que... Ficou por isso mesmo. E depois, então, me candidatei, mas já era titular há um ano mais ou menos. Aí, é que eu me candidatei para ser didata. Antes eu não queria ser didata... (PERESTRELLO, 1992: 89).

Com o objetivo de compreendermos como Marialzira Perestrello se tornou psicanalista, desenvolvemos, ao longo deste capítulo, uma investigação sobre a sua participação no Grupo de Estudos Juliano Moreira e sobre a aproximação dela, de Danilo Perestrello, de Alcyon Bahia e de Walderedo Oliveira com os psicanalistas argentinos, assim como discorreremos acerca de sua formação na *Asociación Psicoanalítica Argentina*. Preocupamo-nos em demonstrar que existiam discussões e divergências sobre os requisitos necessários para se inserir no campo psicanalítico. Se, no Rio de Janeiro, ainda era necessário ter o diploma de medicina, Perestrello, por ser médica, pôde alcançar seus objetivos de se tornar uma psicanalista, ainda que seu percurso tenha sido muito mais cheio de curvas do que o do seu marido.

¹⁵⁹PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista II. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). Projeto Memória da SBPRJ, 1992: 91.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“... e nesta varanda
Surge em mim a artista
Intromete-se a filósofa.
Sou outra, aqui
Ou justamente eu-mesma?”
Marialzira Perestrello (2007:25)

Ao longo dessa dissertação, buscamos ressaltar a importância do percurso de Marialzira Perestrello desde a entrada no tão valorizado curso de Medicina até a formação em Psicanálise nos moldes izeanos, passando por sua trajetória como tarefaira, pelas atividades que exerceu na Clínica de Orientação Infantil e por seu papel de esposa e mãe. Buscando desenvolver aspectos não muito explorados por outros autores que trataram de sua biografia, como Jorge Abrão (2016), Regina Murat (2012) e Ana Karina Araújo (2004), analisamos igualmente o processo de modernização que a sociedade brasileira passava no início do século XX, ampliando as oportunidades de educação para mulheres, principalmente as de classe média e alta, o que permitiu a algumas delas entrar no mercado de trabalho qualificado.

Por compreender a complexidade daquele período, ressaltamos as limitações dessa educação para chegar a produzir mudanças nas posições sociais que a grande parte das mulheres – mesmo aquelas que chegaram ao ensino superior - continuaram a ocupar: a de ter como seu principal papel a criação dos filhos e do lar. Destacamos, assim, o fato de Marialzira ser uma mulher do seu próprio tempo, contextualizando seus discursos conservadores, ao mesmo tempo em que ressaltando suas ousadias, como a exploração de espaços que só a posse de diploma superior poderia oferecer. Nesse sentido, também, sublinhamos a disparidade no percurso das carreiras de Danilo e Marialzira, uma vez que ela, muitas vezes, ocupava uma posição de coadjuvante voluntária. Marialzira Perestrello, aliás, chegou a afirmar em entrevista que, se ela viveu às sombras do marido, foi “um prazer e uma satisfação muito grande” (PERESTRELLO, 2000a: 5).

Por sua própria decisão, Marialzira não exerceu a profissão de médica logo após se formar. Foi também por sua decisão que foi para a Argentina como acompanhante do marido. Sua opção por empregos menores e por pouca dedicação à carreira na primeira década de seu casamento contrasta com a memória construída em torno da figura “*pioneira*” dela como a primeira psicanalista didata médica do Rio de Janeiro. Ao longo da pesquisa, por outro lado, foi possível sublinhar outros paradoxos da sua

trajetória, ao se observara sua participação ativa em grupos em prol dos direitos femininos, como a União Universitária Feminina, assim como suas escolhas universitárias e seu enfrentamento contra as escolhas de seu pai com relação ao seu matrimônio. Assim, consideramos ao final do percurso desta dissertação que a análise da formação e da trajetória profissional de Marialzira Perestrello, além de espelhar seu destino particular, trouxe maior concretude para questões mais gerais acerca dos primórdios da institucionalização da medicina para mulheres daquela geração, assim como promoveu nova aproximação para a história da psicanálise ipeana no Rio de Janeiro, permitindo, ainda, relacionar as condições sociais da nossa investigada com os caminhos seguidos pelas demais psicanalistas de sua geração, que possuíam origens sócio-econômicas similares. Em outras palavras, estudar um indivíduo é relevante para a História, pois este pode trazer à tona questões que eram comuns a outros indivíduos de sua época. Como afirma Koselleck (2014: 36-37), a estruturação de experiências geracionais permite considerar que homens e mulheres de um mesmo tempo acumulam experiências singulares e que estas geram histórias em comum. Esta perspectiva enriquece o saber histórico precisamente por considerar experiências vividas por mulheres e homens através do convívio com pessoas que integram uma mesma classe social, que possuem determinada(s) crença(s) religiosa(s)/política(s) etc. em comum, o que permite a consolidação de uma vivência coletiva. Experiências geracionais institucionalizadas e consolidadas, portanto, estabelecem uma história comum, que perduram ou são alteradas conforme as unidades geracionais surgem e desaparecem (KOSELLECK, 2014: 34-35). Cabe ressaltar, de acordo com Mannheim (1993: 216), para se pertencer à mesma geração é necessário o compartilhamento das mesmas possibilidades de participação em eventos sociais e de experimentação das mesmas influências tanto em relação à cultura intelectual como à situação político-social (MANNHEIM *apud* Weller, 2010: 208). Neste sentido, ao longo desta pesquisa interessou-nos, sobretudo, chamar atenção para as experiências de formação e profissionais de mulheres que foram compartilhadas pela geração de Perestrello, enfocando especialmente naquelas que desejaram seguir a carreira de médica e de psicanalista. Ao tornar relevantes aspectos corriqueiros, como o casamento e a entrada na universidade, pudemos tanto retratar as experiências vividas pelos atores históricos quanto entender a geração do período estudado.

Por outro lado, se tivemos acesso a experiências comuns e vividas por sua geração no período, não esquecemos as particularidades da trajetória de Marialzira

Perestrello. Esperamos ter produzido um percurso de modo crítico e não linear, o que, ao utilizarmos a noção de geração, parece uma contradição. No entanto, considerar as experiências comuns e as especificidades de uma trajetória são perspectivas complementares e não antagônicas. Geovani Levi (2001), em sua discussão sobre biografia, contribui nesta questão ao propor que a maioria das questões metodológicas da historiografia em relação à biografia tem a ver com os problemas de escalas, a relação entre regras e práticas, bem como os limites entre liberdade e racionalidade. Como a liberdade de escolha não é absoluta, uma vez que nenhum sistema é estruturado para eliminar toda e qualquer de escolha, a biografia é um campo ideal para verificar a liberdade que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais são isentos de contradição (LEVI, 2001: 179; 180). Além disso, como afirma Rachel Soihet (2003), deve-se exercer um “perpétuo vai-e-vem entre o dado e vivido, o objetivo e o subjetivo, as determinações e as margens de manobra” etc. (SOIHET, 2003). Deve-se situar, portanto, as possíveis experiências comuns entre as mulheres, sem recorrer a uma essência feminina, a fim de melhor criticar os “ciclos de vida” e os papéis e funções sociais naturalizados dos gêneros (SOIHET, 2003).

Com o desenvolvimento desta dissertação, esperamos ter iluminado que um indivíduo é multifacetado e que a análise de seu percurso permite-nos deparar com as complexidades experimentadas por ele. Em outras palavras, uma pessoa pode ser retratada por inúmeros pontos de vistas ou a partir da análise de suas diversas áreas de atuação durante a trajetória de sua vida, como a atuação profissional, política, intelectual etc. Nesse sentido, apesar das várias opções de análise, uma vez que ela foi uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, psicanalista didata, poetisa e historiadora da psicanálise, além de mãe e esposa, para retratarmos Marialzira Perestrello, ressaltamos a sua formação e o início de sua carreira profissional. Mesmo focando na sua trajetória, esperamos não ter reduzido seu percurso a qualquer uma de suas atividades. Inspiramo-nos, assim, no que Sabina Loriga (1998:245) chama de *biografia coral*, uma tentativa de retratar a multiplicidade do eu do sujeito. Procuramos abordar Marialzira Perestrello em sua multiplicidade e complexidade, tentando compreendê-la como médica, psicanalista e mulher.

Apesar de Bourdieu (2001:183) ter criticado a biografia, ao defini-la como um contrabando do senso comum e que reduz o sujeito com início, meio e fim, nesta dissertação, buscamos evitar tomar a trajetória de Marialzira Perestrello como uma linha

reta, da qual, desde o início, pode-se vislumbrar um destino certo. Por outro lado, como afirmou Figuerôa (2007: 4), é um desafio juntar peças variadas, que, aparentemente, são desconexas, em uma narrativa que confira algum sentido. É ainda mais difícil quando a proposta é analisar diferentes tipos de atuação, principalmente se considerarmos diferentes dimensões do sujeito, como a pessoal e profissional. Demonstramos, assim, que um mesmo indivíduo pode apresentar diferentes problemáticas e tomar posições aparentemente contraditórias ao longo de sua vida. Tais contradições são, na realidade, um aspecto orgânico inerente a muitos sujeitos. Apreender, articular e problematizar essas tomadas de decisão paradoxais constituem numa escolha teórico-metodológica que enriquece os estudos históricos sobre trajetórias – nosso objetivo aqui. Ademais, procuramos demonstrar que existem desvios na vida daquela que estudamos e que isto exige de nossos personagens certas estratégias ou mudanças de conduta, nem sempre conscientes. É preciso reconhecer que muitos fatores fazem de Marialzira Perestrello um agente com múltiplas e complexas maneiras pelas quais se constituiu como ator histórico.

A partir do desenvolvimento desta dissertação, através da formação e trajetória profissional de Marialzira Perestrello, pudemos refletir sobre alguns requisitos para a escolha na análise destes aspectos de sua vida. A trajetória profissional, enquanto objeto de análise, torna possível construir uma narrativa que não reduza o indivíduo ao seu contexto e/ou que enxergue um fim definido desde o início para a mesma. Em outras palavras, a análise da carreira profissional de um indivíduo dá relevo à parte de sua vida, em que os contratemplos e desvios provenientes de sua vida pessoal são mais bem percebidos e, portanto, conforma-se em um objeto de estudos pertinente para aqueles que estudam biografias e trajetórias. Este foi o caso de Marialzira Perestrello, que ingressou na faculdade de Medicina, ficou um período sem exercer a profissão de médica, trabalhou como tarefaira e, depois, tornou-se psicanalista. Desde o início, essa sua trajetória é indeterminada, uma vez que, por exemplo, ela poderia ter seguido por diversos caminhos na medicina, sua formação inicial. Um dos motivos que contribuiu para o desvio dela da pesquisa científica, como era seu desejo primeiro, para persistir em psicanálise, foram as suas relações sociais com psiquiatras do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Foram eles, inclusive seu marido, que ganharam o financiamento para fazer formação na Argentina, abrindo a oportunidade para ela iniciar a sua formação, já que ela foi acompanhando ao marido. Nesse sentido, o estudo da trajetória profissional de Marialzira Perestrello também nos permitiu perceber a impossibilidade de análise

isolada de suas escolhas profissionais. Pelo contrário, diversos fatores interferem nas decisões tomadas, como as possibilidades de sucesso em uma determinada carreira, assim como a possível influência de outras dimensões, como a pessoal.

Tivemos igualmente que fazer escolhas para a construção de cada capítulo a fim de alcançarmos nossos objetivos de pesquisa. Nesse sentido, no primeiro capítulo, desenvolvemos o período em que Marialzira Perestrello entrou para a Universidade, na década de 1930, pois foi um momento em que o *establishment* psiquiátrico se interessava pela doutrina psicanalítica, incluindo alguns de seus professores, como Antônio Austregésilo e Henrique Roxo, que eram leitores de Freud. Estes, certamente, ajudaram a atribuir à teoria psicanalítica uma imagem de bem público, facilitando sua legitimação, o que contribuiu para que a geração subsequente, da qual Marialzira Perestrello fez parte, tivesse interesse em uma formação mais sistemática. A valorização social dada à Psicanálise por psiquiatras das décadas de 1920 e 1930 colaborou, portanto, para que a prática passasse a ser vista como promissora (PONTE, 1991:91).

No segundo capítulo, expomos os caminhos traçados por ela após a formatura de medicina para discutirmos as possibilidades que as mulheres, em especial as de classe média, encontravam no mercado de trabalho mais qualificado. A análise sobre as relações de gênero foi articulada com outras interseções sociais, como a de classe, por exemplo. Ressaltamos que Marialzira Perestrello era uma mulher das classes altas, o que torna o fato de ter entrado para a faculdade de medicina um fenômeno não tão excepcional, pois sua condição social contribuiu para ela ter uma boa instrução. Os maiores intelectuais da cidade frequentavam a casa da família, como ela mesma afirmou. Sua mãe era uma enfermeira simpatizante do movimento sufragista liderado por Bertha Lutz, o que provavelmente colaborou para que, mais tarde, se envolvesse na União Universitária Feminina. Não podemos esquecer, também, da oportunidade de mudar-se para Bogotá e associar-se a Universidade da Colômbia, graças aos contatos que o pai mantinha enquanto embaixador. Queremos ressaltar isto, pois ela teve oportunidades que, se fosse de uma família menos abastada, provavelmente, não teria.

Marialzira Perestrello estava circunscrita em uma sociedade em transformação lenta e parcial de mudanças em relação aos padrões de gênero. Procuramos demonstrar que seu caso não é isolado, mas está inserido em um campo de embate e de amplo debate sobre novas posições em que as mulheres alcançavam na sociedade brasileira na primeira metade do século XX. Vimos em jornais e revistas de épocas como a entrada das mulheres para a Universidade ainda era controverso. Em algumas reportagens e

artigos, pudemos observar a comemoração da entrada das mulheres no mercado de trabalho, enquanto em outras, ao contrário, havia certa hostilidade ou desconfiança àquelas mudanças observadas no comportamento das mulheres brancas e de classe média/ alta com relação à demonstração de uma vontade/necessidade de trabalhar. As negras e pobres não possuíam muitas escolhas. A própria trajetória de Perestrello expõe as disputas e contradições existentes na sociedade. Ao mesmo tempo em que entra para a universidade, estava atrelada a um segmento profissional mais tradicional feminino: o cuidado com crianças. Isto demonstra uma complexidade nas relações de gênero, uma vez que pode existir, por parte de uma mulher, o rompimento de alguns padrões e a permanência de outros. Nesse sentido, as mulheres foram analisadas como “arena”, ou seja, não foram consideradas como heroínas, mas foi preciso “reconhecer os muitos fatores que fizeram dela[s] um agente, bem como as múltiplas e complexas maneiras pelas quais ela se construí[íram] como ator[es] histórico[s].” (SCOTT, 2002: 45).

Concluimos que, neste sentido, a gravidez influenciou para que Marialzira parasse de trabalhar. A partir dos estudos da trajetória de diversas mulheres, pudemos ter uma dimensão mais concreta de como as relações de gênero se davam na vida prática das mulheres daquele período, mesmo daqueles de classe alta, com uma profissão e formação superior. Danilo Perestrello, ao contrário, não parou de trabalhar após o nascimento do filho. Ele tinha seu consultório no centro da cidade e mantinha relações com a Faculdade de Medicina. Devemos considerar, por outro lado, que Marialzira e Danilo possuíam uma origem familiar bem diferente. Enquanto ela era filha de um jurista e embaixador, Danilo era filho de um comerciante de perfumes. É possível que o desejo dela em ver o marido sobressair era, na verdade, uma tentativa de amenizar a distancia cultural e econômica entre os dois. Além disso, poderia ser uma maneira de provar aos pais dela, que, inicialmente, não aprovaram o casamento, que o homem que ela escolheu era capaz de oferecer boas condições econômicas à família que construíram juntos. Um questionamento, que não coube nesta dissertação, refere-se ao período após morte do marido de Perestrello e ao crescimento do filho Sigmund, se lhe conferiram maior liberdade para construir uma carreira ou para criar autonomia em relação aos estudos que desejava realizar, algo para uma próxima pesquisa.

Quisemos chamar atenção para o fato de que não seria suficiente estudá-la sem considerar essas questões de gênero, comprovando como determinadas inserções sociais podem interferir na construção de trajetórias profissionais. Ela fez parte de uma geração de mulheres que começaram a investir em carreiras acadêmicas no início do século XX.

Ela cursou medicina em um período que poucas mulheres o faziam. Na universidade, participou de movimentos, como a União Universitária Feminina. Casada, resolveu trilhar outros caminhos e escolheu se dedicar mais ao casamento e ao filho. Admiradora de Danilo, que, ao contrário dela, nunca deixou de persistir na Medicina, não via a dedicação ao marido e ao filho como uma obrigação, mas uma satisfação. Mais tarde, tornou-se psicanalista, uma das poucas no Rio de Janeiro, trabalhando com crianças, mesmo sem ter este desejo. Não que isso significasse, necessariamente, uma opressão, mas até uma oportunidade para sua entrada no mercado de trabalho. Acreditamos que isto deva ser considerado, pois influenciou as escolhas e estratégias profissionais de mulheres que desejaram tornarem-se psicanalistas no início da década de 1950, além da necessidade de ultrapassarem a barreira do ingresso na faculdade de medicina e, depois, fazerem o curso de formação. Isto comprova que o caso de Marialzira Perestrello não é isolado, mas comum a tantas outras mulheres que viveram no mesmo período. Podemos questionar se esta escolha pela psicanálise de crianças que, aparentemente, era tão individual, não tinha, na verdade, grande relação com o momento histórico em que ela estava inserida.

Nossa trajetória termina na Marialzira psicanalista, ou seja, nas articulações para a sua formação na Argentina e nos requisitos necessários que a permitiram se inserir no campo da psicanálise. Marialzira Perestrello integrou grupos de estudos em psicanálise como o Centro de Estudos Juliano Moreira e foi uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise, o que certamente a ajudou na sua participação no campo da psicanálise. Sobre a história da psicanálise, Marialzira Perestrello foi contemporânea a uma geração de psiquiatras que, como afirmou Ponte (1999: 94 e 95), queria fugir dos constrangimentos do trabalho nos hospícios e buscavam na *International Psychoanalytical Association* uma maneira de legitimar a formação em psicanálise. Além disso, podemos considerar a existência de uma valorização da psicanálise no período, o que permitiu melhor compreender as motivações para que Alcyon Bahia, Walderedo Oliveira e o casal Perestrello fossem para na Argentina e que, no Rio de Janeiro, seguissem persistindo e criassem um *study group* e, depois uma sociedade, para que conseguissem organizar uma formação sistemática em psicanálise aos moldes da IPA.

Para a conquista de espaço para a psicanálise, o movimento psicanalítico carioca impôs que a sociedade fosse fundada apenas com médicos. Se considerarmos que a maioria dos estudantes de medicina era de homens no período em que Marialzira

Perestrello entrou para a faculdade, é possível apontar que tal delimitação profissional contribuiu para se formar uma elite de psicanalistas homens em oposição à profissão de psicologia, formada, em sua maioria, por mulheres que não puderam, até a década de 1980, participar da formação da SBPRJ e da SPRJ. Além disso, o fato de Marialzira ter conhecido Danilo na faculdade de medicina foi importante para que ela tivesse acesso à rede de sociabilidade dos psiquiatras do Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM). Vale lembrar que os médicos psiquiatras do SNDM foram contemplados para fazerem formação na Argentina. Sem este auxílio, muitos não teriam as condições para arcar com as despesas, já que, como Marialzira nos contou, não poderiam abrir um consultório médico no exterior. Dessa forma, foi graças a esta rede de sociabilidade que Marialzira Perestrello teve a oportunidade de ir à Argentina para fazer formação psicanalítica, pois um destes bolsistas era seu marido. Ainda sobre a relação entre a medicina e psicanálise, foi no Congresso de Medicina, realizado no Rio de Janeiro, que Marialzira Perestrello, Alcyon Bahia, Walderedo Oliveira e Danilo Perestrello viabilizaram detalhes para a ida à Argentina, como a decisão sobre os futuros didatas. A respeito desse Congresso, que contou com a participação de todos os integrantes da *Asociación Psicoanalítica Argentina* (APA), cabe ainda ressaltar que os membros da APA eram também médicos e que aplicavam a teoria psicanalítica em hospitais.

Durante as pesquisas para esta dissertação, evidenciou-se que, naquele momento, era necessário fazer articulações para que os psicanalistas se diferenciassem de outras áreas e que, ao mesmo tempo, alcançassem autoridade necessária para se impor no campo de saúde mental. Podemos perceber que, nos anos de 1950 e 1960, existiam discussões sobre a formação em psicanálise. O psicanalista didata, figura chave da formação, era fonte de disputas dentro da sociedade e, por isso mesmo, eram questionados alguns de seus papéis e funções, como o fato dele poder ou não julgar a aptidão de um candidato para se tornar psicanalista. Ser candidato também era algo que não estava dado, uma vez que havia critérios para se candidatar. Neste aspecto, talvez pela grande procura, era preciso uma seleção, não apenas para buscar os mais aptos, mas, evidentemente, para restringir o número de “profissionais”. Também havia uma preocupação de diferenciação sobre demais profissionais da área da saúde, como psicólogos e psiquiatras. De qualquer maneira, o ser “psicanalista” ainda estava em construção, sendo discutidos os próprios requisitos de formação, principalmente ao se pautarem no padrão instituído pela *International Psychoanalytical Association*. Por outro lado, não houve aproximação, a princípio, com a Sociedade Brasileira de

Psicanálise de São Paulo, que, diferentemente da do Rio, não era composta exclusivamente por médicos. A partir do caso da Marialzira Perestrello, foi possível analisar a construção de argumentos para a legitimação do conhecimento psicanalítico. Perestrello fez parte de uma geração de psicanalistas que fundaram e ocuparam posições estratégicas em sociedades psicanalíticas, tornando-se, mais tarde, o chamado “grupo argentino”. Ao retornarem ao Brasil, formaram um *study group* e, mais tarde, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. A IPA constituiu-se na autoridade para oferecer a legitimidade de que necessitavam. Os critérios de formação estavam em disputas e, justamente por isso, buscaram a autoridade da IPA para serem os legitimadores da “verdadeira” psicanálise, em detrimento dos “apenas leitores” de Freud da geração passada. Todas estas questões são importantes para pensarmos que os sujeitos históricos encontraram possibilidades de mudanças e utilizam estratégias. Neste caso, a escolha pela formação em psicanálise na Argentina e a restrição de quem estaria apto ou não para fazer a formação são exemplos de escolhas feitas pelo grupo de Marialzira Perestrello. Evidencia-se também que a análise da trajetória de Marialzira Perestrello traz questões mais gerais da história da psicanálise.

O final dessa dissertação se abre para novas perguntas. Seria interessante pesquisar a trajetória de Marialzira Perestrello após a morte do marido Danilo ou como Marialzira se constituiu como a historiadora oficial da SBPRJ. Inevitavelmente, escolhas sempre nos obrigam a deixar de considerar outras questões pertinentes, mas esperamos que esta dissertação possa contribuir para futuras pesquisas sobre outras médicas e psicanalistas, assim como debates acerca de trajetórias profissionais e da história da psicanálise, tendo em consideração as questões de gênero como importante foco de investigação.

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

Arquivos:

- ALBUQUERQUE, Beatriz Cavalcanti. Carta para Bertha Lutz. 14 de junho de 1948. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, Q0. ADM. COR. A9448.3.
- _____. Bilhete para Bertha Lutz. S.d. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, Q0. BLZ, COR. TXT, A935.16.
- ALMEIDA. Exmo. Sr. Diretor da Faculdade Nacional de Medicina. Arquivo Capanema, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Fundação Getulio Vargas. Código de referência: GCg 1935.07.02.
- ANTE-PROJECTO oficial do III Congresso Feminino. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, QO. ADM. EVE. CNG.TXT.
- BOECHAT, Lêda. Sugestões apresentadas ao III Congresso Nacional Feminino pela Delegada da União Universitária Feminina, Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, QO. ADM. EVE. CNG.TXT.16.
- CLÍNICA de Orientação da Infância. Relatório Anual, 1956. Arquivo da Colônia Juliano Moreira. Caixa 366, envelope 2126.
- EXM^o Snr. Ministro de Justiça e Negócio Interiores, 1948. Fundo SECOM (VV), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA, RIO VV.O.O 1948023505,
- HAMANN *et al.* Carta para Bertha Lutz. S.d. Fundo Federação Feminina para o Progresso Feminino (Q.0), Arquivo Nacional. Código de referência: BR NA RIO, Q0. ADM. COR. A935.36.
- JUSTIFICAÇÃO da Proposta Orçamentária para o exercício de 1953. Arquivo da Colônia Juliano Moreira. Caixa 642, envelope 5299.
- LEÃO, Inaura Carneiro. Fórum de análise didata. Fórum Permanente de Debates. Realizado em 22 de abril 1991. Biblioteca Marialzira Perestrello da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- MANHÃES, Maria. Clínica Psicológica Infante Juvenil. Primeiro Relatório, 1952. Arquivo da Colônia Juliano Moreira. Caixa 569, envelope 4549
- MANHÃES, Maria. Clínica Psicológica Infante Juvenil. Relatório Anual, 1954. Arquivo da Colônia Juliano Moreira. Caixa 306, envelope 2150.
- MENDONÇA, Rosita Teixeira. Clínica de Orientação da Infância. Relatório Anual, 1958. Localizado no Arquivo da Colônia Juliano Moreira. Caixa 779, envelope 6501.

- REITOR (1934-1945). Arquivo Francisco Bruno Lobo, Fórum da Ciência e Cultura (FCC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- REITORIA, 23 de Maio de 1938. Arquivo Capanema, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Fundação Getulio Vargas. Código de referência: GCg 1935.07.02.
- ROXO, Henrique. Carta para Sr. Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. 06 de Out. 1938. Arquivo Capanema, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)- Fundação Getulio Vargas. Código de referência: GCg 1935.07.02.
- UMA Universidade no Rio de Janeiro. A reforma de 1937. Arquivo Francisco Bruno Lobo, Biblioteca do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Diário Oficial:

Diário Oficial da União de 29 de junho de 1944.

Entrevistas e Depoimento:

- LEÃO, Inaura Carneiro. Entrevista I. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Fidélis da Ponte. Rio de Janeiro. (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992.
- OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Entrevistas II, III e V. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Fidélis da Ponte. Rio de Janeiro. (Transcrição). *Projeto Memória da SBPRJ*, 1992
- PERESTRELLO, Marialzira. Entrevista. Entrevistadora Ana Karina Araújo (Transcrição na íntegra), 2003.
- _____. Entrevistas I, II e III. Entrevistadores Begonha Bediaga e Carlos Ponte (Transcrição na íntegra). *Projeto Memória da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: SBPRJ, 1992.
- _____. Entrevista. Entrevistadora Eva, Sônia. *Notícias- Órgão da Associação Brasileira de Psicanálise*. Ano III, Nº 2, agosto, 2000b.
- _____. Entrevista. Entrevistadores José Francisco da Gama Silva e Altamirando Andrade. *Boletim do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*, n. 9, 2000a, pp. 1-8.
- _____. Depoimento. Organizadora Zélia Goldfeld. *Encontros da Vida: trinta e quatro depoimentos de pessoas com mais de sessenta anos apaixonadas pela vida*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Informativos:

PERESTRELLO, Marialzira. *Exame Pré-Nupcial*. Serviço Nacional de Educação Sanitária: Rio de Janeiro, 4ª Ed., 1952.

Jornais e revistas:

- A CASA*. A educação psicológica da Infância. 04/1949:77
- CHESTER, Elisabeth. Cosinha para todos os paladares. *Vida Doméstica*, 09/1934.
- CORREIO DA MANHÃ (CM)*. Academias e Escolas. 05//01/1935:10.
- _____. Brasil não pode ajudar a infância desajustada. 19/12/1957: 2;8
- _____. Conferências. 24/07/1947:5
- _____. Conferências de Psicologia patrocinadas pela Fundação Getúlio Vargas. 28/09/1946:11.
- _____. Curso de Psicanálise. 10/06/1949:14
- _____. Decretos assinados em diversas pastas. 08/12/1945: 2.
- _____. Dr. Danilo Perestrello. Clínica Médica. 12/07/1940: 2
- _____. Dr. Danilo Perestrello. 24/04/1949: 1
- _____. Marialzira. Primeira a analisar. 12/09/1965: 30.
- _____. Noticiário odontológico. 29/08/1961: 3.
- _____. Noticiário odontológico. 30/08/1962: 7.
- COSTA, Iolanda Martins. A universitária brasileira. *Jornal do Brasil*, 1º/08/1937.
- DIÁRIO CARIOCA (DC)*. A Psicanálise como terapêutica. 07/12/1949: 3
- DIÁRIO DA NOITE (DN)*. Centro Feminino de Ciências, Artes e Letras. 27/06/1935: 4.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS(DN)*. Associações culturais e científicas. 05/01/1958: 6
- _____. Maria Beatriz Cavalcanti de Albuquerque (falecimento). 16/06/1959: 14.
- _____. Centro de Estudos Juliano Moreira. 18/12/1946:8
- _____. Centro de Estudos Juliano Moreira. 13/08/1946:8
- _____. Centro de Estudos Juliano Moreira. 19/03/1947:6
- _____. Centro de Estudos Juliano Moreira. 08/04/1947:6
- _____. Centro de Estudos Juliano Moreira. 24/07/1947:8
- _____. Chegará amanhã ao Rio o professor Mira y Lopez. 1º/06/1945:6
- _____. Clínica de Orientação da Infância, 12/08/1956.
- _____. Conferências sobre psicanálise. 29/06/1945: 6.
- _____. Conferências de Psicologia patrocinadas pela Fundação Getúlio Vargas. 29/09/1946:3
- _____. Dr. Danilo Perestrello. 19/04/1944: 2
- _____. Dr. Danilo Perestrello. 24/04/1949: 1
- _____. Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. 31/08/1950: 4.
- _____. É mais uma vitória da inteligência feminina no Brasil. 10/06/1936.
- _____. Inauguração do Terceiro Congresso Nacional Feminino. 01/12/1936: 3.
- _____. Instituto de Psiquiatria. 17/11/1955: 4
- _____. Proclamadas. 08/05/1954.
- _____. Sociedade Brasileira de Antropologia e etnologia. 11/05/1946:6
- ESTADO DA BAHIA*. As bellas vitórias do feminismo. 02/06/1936.
- EVANGELISTA, Darcy. Mesa redonda sobre a tuberculose. *Diário de Notícias*, 26/07/1953.

FERNANDES, Nelson. Presidente. Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários. *O Jornal*, 11/03/1945: 5.

GAZETA DE NOTÍCIAS. CASAMENTOS. 8/01/1941:12

_____. Prof. Oscar de Souza. 08/12/1939: 3

O IMPARCIAL. A mulher bahiana e a medicina. 13/02/1936.

_____. O III Congresso Nacional Feminino. 25/10/1936.

O JORNAL. Associação Brasileira de Educação. 1/07/1949:4

_____. Centro de Estudos Juliano Moreira. 18/11/1949:3.

_____. Conferências de psicologia patrocinadas pela Fundação Getúlio Vargas. 29/09/1946:2.

_____. Foi nomeado para novas funções. 12/09/1941: 6

_____. Notícias. 27/11/1963:2

JORNAL DO BRASIL (JB). Agenda JB. 02/06/1965: 14.

_____. Associações. 15/05/1946: 5

_____. Clínica de orientação Infantil. 10/08/1958: 5

_____. Entre estudantes. 04/08/1939: 12.

_____. Policlínica do Rio de Janeiro. 11/02/1930: 22.

_____. Verdadeiro sacerdócio. 25/06/1950: 3.

JORNAL DO COMMERCIO (JC). Pelas escolas. 02/03/1934.

_____. Centro Feminino de Ciências, Artes e Letras. 27/06/1935: 12.

_____. Doutorandos de 1939. 29/07/1939: 6

_____. Os médicos na Academia Brasileira de Letras. 11/11/1934: 6

_____. A mulher brasileira nos cursos acadêmicos. 20/03/1932

_____. A Polyclínica geral do Rio de Janeiro. 29/11/1931:8

_____. Várias notícias. 10/03/1957: 8.

LIMA, Gen. Oswaldo Palma. O soberano da planície. *Revista da Cruz Vermelha*, 04, 05 e 06/1960: 16.

O MALHO. Doutorandos de 1939. 21/12/1939: 6

MARIA, Clara. Educação da mulher. *Vida Doméstica*, 01/1927: 7.

MEDEIROS, Maurício. Crianças e desajustamentos. *Diário Carioca*. 15/10/1953: 4

A NOITE. Clínica de orientação Infantil. 12/09/1953: 2.

_____. Conferências. 28/08/1946: 4.

_____. Em homenagem ao professor Abdon Lins. 14/11/1939: 5

_____. Festas. 23/12/1939: 4

_____. O contingente feminino. 13/04/1932.

PACHECO, Alvaro. Continua sem solução o problema da criança (abandonada ou não). *Jornal do Brasil*. 06/07/1958:5;6.

REVISTA DA CRUZ VERMELHA. XI Congresso Internacional de Enfermagem. Jan.-mar. 1957: 70.

REZIERI, Regina. *A mulher e o voto*. *Fon Fon*, 02/01/1932.

VENTURA, Mary. O adulto se faz no primeiro ano de vida. *Jornal do Brasil*. 27/02/1972: 4

Livros:

- AUSTREGÉSILO, Antonio. *Pequenos Males*. Rio de Janeiro: Editor Jacintho Ribeiro dos Santos, 1916.
- _____. *Perfil da mulher brasileira: esboço acerca do feminismo no Brasil*. Paris: Aflaud e Bertrand, 1923.
- CUNHA, Raul Leitão da. *Relatório do ano escolar de 1935*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936
- LOBO, Bruno Alípio. *A faculdade dos meus dias*. Rio de Janeiro: Access, 1994.
- PERESTRELLO, Marialzira. (Ed.). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- PORTO-CARRERO, Julio Pires. *Psicanálise de uma civilização*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1933.
- ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. Rio de Janeiro: F. Alves. 1921. 712p.
- ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. 2. ed. Rio de Janeiro : F. Alves, 1925. 778p.
- ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. 4. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1946. 566p.
- ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1947.

Periódicos:

- AUSTREGÉSILO, Antonio. Debilidade Nervosa. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, ano 10, n. 1-2, 1914, pp. 3-20.
- _____. Novas concepções sobre a histeria. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, ano 4, n.1-2, 1908, pp. 52-66.
- HEIMANN, Paula. Problems of the training analysis. *The International Journal of Psycho-analysis*, v. XXXV, 1954, pp. 163–168.
- LANGER, Marie. Symposium: selection criteria for the training of psycho-analytic students. *The International Journal of Psycho-analysis*, v. XLIII, 1962, pp. 272–276.
- “MEDICINA”. Órgão Oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, 1938. Localiza no arquivo do Centro de Memória Fluminense (CEMEF)- Universidade Federal Fluminense (UFF).
- PERESTRELLO, Marialzira. A finalidade Didática como dificuldade no Tratamento Analítico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 5, n.3, jul.-set, 1956, pp. 253-261.
- _____. Questões de psicologia infantil. *Rev. Bras. De Medicina*, v. XV, n.5, 1959.
- SZASZ, Thomas. Psycho-analytic training. A socio-psychological analysis of its History and present status. *The International Journal of Psycho-analysis*, v. XXXIX, 1958.

Teses:

PERESTRELLO, Danilo. *A Psiquiatria atual como Psicobiologia*. Tese (Doutoramento em Medicina). Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (UB), Rio de Janeiro, 1945.

FONTES SECUNDÁRIAS

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. As origens da psicanálise de crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. *Psicol. estud.*, v.14, n.3, 2009, pp.423-432.

_____. Marialzira Perestrello: mulher de vanguarda e pioneira da psicanálise. *Memorandum*, n. 30, 2016.

ABRAM JOSEK EKSTERMAN. *Academia Nacional de Medicina*. Disponível em http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=2554&descricao=Abram+Josek+Eks+terman. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

ABRANTES, Elisabeth Sousa. “Mãe civilizadora”: a educação da mulher nos discursos feministas e antifeministas na Primeira República. *Anais XII Encontro Regional de História- ANPUH. Usos do passado*. Rio de Janeiro, 2006.

ASOCIACIÓN, Psicoanalítica Argentina. Departamento de Historia Del Psicoanalysis. *Asociación Psicoanalítica Argentina*. Buenos Aires, [s.n.], 1982.

ADAUTO JUNQUEIRA BOTELHO. *Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde* Disponível em: <http://hpcs.bvsalud.org/wp-content/uploads/2018/07/Adauto-Junqueira-Botelho.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2019.

ALMEIDA, Carla. Fayga Ostrower, uma vida aberta à sensibilidade e ao intelecto. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.13, (suplemento), 2006, pp. 269-289.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: combatentes na luta contra o fascismo. *Revista de Sociologia e Política*, n. 12, 1999, pp. 35-66.

ARANGO, Diana Elvira Soto. Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. *Revista Historia de La Educación Latinoamericana*, v. 18, n. 26, 2016.

ARAÚJO, Ana Karina. *Marialzira Perestrello: um pouco da vida e obra de uma pioneira da psicanálise no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu*, n. 27, jul. 2006.

BASSANEZI, CARLA Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996

- BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. Para onde vai a classe média. Um novo profissionalismo no Brasil? *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, v. 10, n. 1, Maio, 1998, pp. 129-142.
- BARROS, Elias Mallet da Rocha; BARROS, Elizabeth Lima da Rocha. Significado de Melanie Klein. In PINTO, Manuel da Costa (org). *Livro de ouro da psicanálise*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- BRAGA, Sergio Soares. A Constituinte de 1946 e a nova ordem econômica e social do Pós- Segunda Guerra Mundial. *Revista de Sociologia e Política*, nº6/7, 1996.
- BEZERRA, Nathalia. Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. *Conferência Internacional sobre os Sete Saberes*, 2010, Fortaleza. Anais. Fortaleza: UECE, 2010, pp. 1-8. Disponível em <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf>. Acesso em: 10 março de 2017
- BIRMAN, Joel. Os paradigmas em psicanálise são comparáveis? Sobre o mal-estar, a biopolítica e os jogos de verdade. *Tempo psicanalítico*, v. 45, n. I, 2013, pp. 147–178.
- BONATO, Nailda Marinho da Costa. A educação das mulheres no pensamento da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino (1922-1931). In: *Anais VI Vongresso luso-brasileiro de história da educação. Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de história da educação*. Urbelândia, Minas Gerais, a 20 de Abril de 2006
- BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão biográfica” In FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2001, pp. 183-191.
- _____. É possível um ato desinteressado? In *Razões praticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996, pp. 137–156.
- BULCÃO, Lúcia Grando; EL-KAREH, Almir Chaiban; SAYD, Jane Dutra. Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950). *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 14, n. 2, abril-junho, 2007, pp. 469-487.
- CARVALHO, Carolina da Costa de. Uma leitura de gênero: representações de normalidade na revista *Vamos Ler!*, 1936-1948. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 24, 2017, pp. 827-834.
- CASTRO, Rafael Dias de. A recepção da psicanálise no Rio de Janeiro: subsídios para os debates sobre histeria, nervosismo e sexualidade, 1908- 1919. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.24, supl., nov. 2017, pp.171-177.
- CASTRO, Rafael. *A sublimação do Id Primitivo em Ego Civilizado: O projeto dos Psiquiatras-Psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e Saúde). Fundação Oswaldo Cruz. Casa Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.
- CASTRO, Rafael ; FACCHINETTI, Cristiana. “A Psicanálise como saber auxiliar da Psiquiatria no início do século XX: o papel de Juliano Moreira”. *Revista Culturas Psi/PsyCultures*, n. 4, março, 2015, pp. 24–52.

- CCS-BRUNO ALÍPIO LOBO 1975-1981. *Museu Virtual. Faculdade de Medicina UFRJ*. Disponível em: http://www.museuvirtual.medicina.ufrj.br/detalha_obra.php?id_obra=35. Acesso em 23 de janeiro de 2019.
- CUPELLO, Priscila Céspedes. *A mulher (a) normal: representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do Rio de Janeiro (1925-1933)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.
- DEGANI-CARNEIRO, Felipe; JACÓ-VILELA, Ana Maria. O cuidado com a infância e sua importância para a constituição da Psicologia no Brasil. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, v. 46, n. 1, 2012, pp. 159-170.
- EKSTERMAN, Abram. Danilo Perestrello: além de seu tempo. In: MARCHON, Paulo. (Ed.). *A Psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- ESTÉVEZ, Alicia Neer De; SHVARTZAPEL, Mônica; BTESH, Norma Soued De. Consideraciones sobre La formacion em el Instituto de Psicoanalysis de La Asociación Psicoanalítica Argentina. *Anais XXI Congreso Latino americano de Psicoanálisis*, Monterrey, 31 agosto de 1996.
- FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: história da digestão do discurso psicanalítico no Brasil 1920-1940*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- _____. A doença do prazer. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 93, 2013, pp. 32-34.
- _____. Normal anormal e patológico: representações de gênero no Distrito Federal (1930-1945). Relatório científico (APQ1 – E26/110.713/2013). Rio de Janeiro: Faperj, 2015.
- _____. Psicanálise para brasileiros: História de sua circulação e apropriação no entre - guerras. *Culturas Psi*, v. 0, 2012, pp. 45- 62.
- _____. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) – 1959- (JACÓ-VILELA, Ana Maria Ed.). *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. Brasília: Imago, 2011.
- FACCHINETTI, Cristiana; CASTRO, Rafael. The historiography of psychoanalysis in Brazil: the case of Rio de Janeiro. *Dynamis*, 2015, pp. 13–34.
- FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, v. VII, n. 11, jun. 2003.
- FACCHINETTI, Cristiana; VENACIO, Ana Teresa A. Entre a Psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil. *Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental*, v. 9, n. 1, jan-mar. 2006 pp. 151- 161.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (orgs.). *O Brasil Republicano 3. O tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

- FIGUEIREDO, Ana Cristina. A psicanálise dos psicólogos no Rio de Janeiro dos anos 1970. *Culturas Psi*, v. 0, 2012, pp. 84–99.
- FIGUEIRÔA, Silvia. A propósito dos estudos biográficos na história das ciências e das tecnologias. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, n. 3, 2007.
- FREIDSON, Eliot. A emergência da Medicina como profissão de consulta. *Profissão médica: um estudo de sociologia do conhecimento aplicado*. São Paulo: Editora UNESP; Porto Alegre, RS: Sindicato dos médicos, 2009
- FREIDSON, Eliot. *La Profesión Médica*. Barcelona: Ediciones Península, 1978.
- FREIDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões. A institucionalização do discurso e dos conhecimentos formais. *19º Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, 19 de Outubro de 1995.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. Ser mãe é uma ciência: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, v. 15, 2008, pp. 153–171.
- FREUD, Sigmund. “A Questão da Análise Leiga”. In *Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos (1925-1926)*. Rio de Janeiro: Imago, 1926.
- GALLI, Vicente; PASCHERO, Lucia Martinto De; SOLVERY, Pablo. Instituto de Psicoanálisis de La Asociación Psicoanalítica Argentina. Un cambio estructural diez años después. *Anais XV Congresso Psicoanalítico de America Latina. X Precongresso Didactico*. Buenos Aires, Argentina, 1984.
- GALVÃO, Laila Maia. Os entrecruzamentos das lutas feministas pelo voto feminino e por educação na década de 1920. *Direito & Práxis*, v. 07, n.13, 2016, pp. 176-203.
- GALVÃO, Luiz de Almeida Prado. Reflexões da Análise Didática na vida científica de sociedades de Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 1, n. 3, 1967, pp. 365–389
- GOMES, Marleide da Mota; VARGAS, Sylvia da Silveira Mello; FRANCO, Talita Romero (Org.) *1808-2008*. - Faculdade de Medicina da UFRJ: Transformações Sociais, Política, Tecnológica e Evolução. São Paulo: Editora Atheneu, 2008.
- GOMES, Roger Marcelo Martins. *Revista Brasileira de Psicanálise: representações de ciência, profissão e história no movimento psicanalítico brasileiro (1967 a 1986)*. 2018. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo, 2018.
- GRAHAM, Helen. *Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: L&PM Pocket, 2013.
- HAUDENSCHILD, Teresa Rocha Leite. Modernismo, mulher e psicanálise. Adelheid Koch, Virgínia Bicudo, Lygia Amaral e Judith Andreucci: pioneiras da psicanálise em São Paulo. *Ide.*, v. 38, n. 60, out. 2015, pp. 215-235.
- HOCHMAN, Gilberto; FONSECA, Cristina. O que há de novo? Políticas de saúde pública e previdência, 1937-1945. PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

- HOCHMAN, Gilberto. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). *Educar*, n. 25, 2005, pp. 127-141.
- JACÓ-VILELA, Ana. Maria. et al. Clínicas de Orientação: Cuidado Infanto-Juvenil e Participação Feminina na Constituição do Campo Psi. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 9, n. 2, p. 91–105, maio/agosto 2017.
- JOÃO OLAVO DA ROCHA e SILVA. *Biblioteca Virtual em Saúde- História e Patrimônio Cultural das Ciências e Saúde (BVS- HPCS)*. Disponível em https://www.google.com/search?ei=a1duXfjhH63Y5OUP-JOhwAg&q=Olavo+Rocha+m%C3%A9dico&oq=Olavo+Rocha+m%C3%A9dico&gs_l=psy-ab.3...3672.5928..6457...0.0..0.0.0.....0....1..gws-wiz.axYXfBTEaB8&ved=0ahUKEwi4w7HrzrTkAhUtLLkGHfhJCIgQ4dUDCAs&uact=5. Acesso em 03 de setembro de 2019.
- JOSÉ LEME LOPES (CADEIRA Nº 46). *Academia Nacional de Medicina*. Disponível em: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=487. Acesso em 15 de maio de 2019.
- JÚNIOR, Faustino da Rosa. Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda: biografia. Disponível em <https://docplayer.com.br/15874668-Francisco-cavalcanti-pontes-de-miranda-biografia.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. “Mudança de experiência e mudança de método. Um esboço histórico-antropológico”. In *Estratos do Tempo- Estudos sobre História*; Rio Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, pp. 27-72.
- LACQUER, Thomas. Cap. 5 A Descoberta dos Sexos. *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001. pp. 189–240.
- LEFAUCHEUR, Nadine. Maternidade, Família, Estado. DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente- O SeculoXX*,. São Paulo: EBRADIL, v. 5, 1991.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Eds.). *Usos & Abusos da História Oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- LIMA, Thaísa Gois; BAPTISTA, Suely de Souza. Circunstâncias de Criação das escolas de enfermagem do estado do Rio de Janeiro. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 4, n. 2, agosto, 2000, pp. 197-208
- LORIGA, Sabina. A biografia como um problema. In: REVEL, Jacques. (Ed.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução Dora ROCHA. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. Recôndito do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da Vida Privada no Brasil República: da Belle époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998, pp. 368- 421.
- MANCEBO, Deise. Formação em psicologia: gênese e primeiros desenvolvimentos. *Mnemosine*, v. 1, n. 0, 2004, pp. 53–72.

- MANHÃES, Maria da Paz. Colheita de Frutos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. XXVIII, n. 3, 1994, pp. 425–443.
- MAO, Marcos Chor. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Bicudo. *Cadernos Pagu*, n. 35, jul.-dez. 2010, pp. 309-355.
- MASSI, Marina. Klein versus Freud. In PINTO, Manuel da Costa (org). *Livro de ouro da psicanálise*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- MATHIAS, Cátia Maria. *O Pavilhão de Observação na psiquiatria do Distrito Federal: a gestão de Henrique Roxo (1921-1945)*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.
- MELLONI, Maria Teresa. *O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Casa Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.
- MELO, Hildete Pereira de; CASEMIRO, Maria Carolina Pereira. A Ciência no Feminino: uma análise da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Ciência. *Revista Rio de Janeiro*, n. 11, set.-dez 2003.
- MENEZES, Maria Odete de Siqueira. Arthur Ramos e a psicanálise na Bahia. *Analytica*, v.3, n.4, 2014, pp. 88-116.
- MINELLA, Luzinete Simões. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/atnia, uma lacuna? *Cadernos Pagu*, 40, jan/jun2013, pp. 95-140.
- MOTA, André; SCHRAIBER, Lilia Blima. Mudanças corporativas e tecnológicas da medicina paulista em 1930. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.16, n.2, 2009.
- MOTT, Maria Lúcia. Gênero, medicina e filantropia: Maria Rennotte e as mulheres na construção da nação. *Cadernos Pagu*, n. 24, 2005, pp. 41-67
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. Maria Rennotte, uma médica paulista no início do século. In *Médicis: cultura, ciência e saúde*, Ano 2, n. 7, 2000.
- MURAT, Regina. Marialzira Perestrello: encontros psicanalíticos. In MARCHON, P. (Ed.). *A Psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. pp. 322–341.
- NILTON QUADROS CAMPOS (CADEIRA Nº 59). *Academia Nacional de Medicina*. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=593&descricao=Nilton+Quadros+Campos+\(Cadeira+No.+59\)](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=593&descricao=Nilton+Quadros+Campos+(Cadeira+No.+59)). Acesso em 14 de maio de 2019.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, 10, dez, 1993.
- OSTOS, Nathascha Stefania Carvalho de. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). *Cadernos Pagu*, n. 39, jul. 2012, pp. 13–343.
- OSTOS, Nathascha Stefania Carvalho de. *Terra adorada, mãe gentil: representações do feminino e da natureza no Brasil da Era Vargas (1930-*

- 1945). Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.
- PASTOR, Alfonso Agusti. Alfonso Esguerra Gómez: Supersobriedade e sua obra. *Medicina*, 4(1), Junho- 1982,, pp.38-40. Disponível em <http://revistamedicina.net/ojsanm/index.php/Medicina/article/view/5-5> Acesso em 03 de fevereiro de 2019
- PERESTRELLO, Marialzira. Brasileiros na Asociación Psicoanalítica Argentina. In: MARCHON, PAULO (Org.). *A Psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- _____. (ED.). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*: Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- PERROT, Michelle. “Sair”. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (orgs). *História das Mulheres no Ocidente*. Lisboa: Edições Afrontamentos., v.4, 1994, pp.503-540.
- PLOTKIN, Mariano Ben. Psicoanálisis y política: La recepción que tuvo El psicoanálisis en Buenos Aires (1910-1943). *REDES*, v. III, n. 8, 1996, pp. 163–198.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992.
- PONTE, Carlos. *Médicos, Psicanalistas e Loucos* : uma contribuição à história da psicanálise no Brasil. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1999.
- PORTELLI. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, v. 1, n. 2, Dezembro, 1996.
- PISICANALISTAS NA AMÉRICA LATINA. *Psicanalistas. Dicionário Biográfico*. Disponível em https://www.psychanalytikerinnen.de/lateinamerika_biografien.html Acesso em 11 de julho de 2019.
- RAFAEL, Ulisses Neves. O não dito na obra de Arthur Ramos. *Sociedade e Estado*, v. 24, n. 2, mai-ago. 2009, pp. 491-507.
- RAFANTE, Heulalia Chavado; LOPES, Roseli Esquerdo. Helena Antipoff no Departamento Nacional da Criança: a Psicologia no Centro de Orientação Juvenil (1946-1956). *Psic. da Ed.*; São Paulo, 30, 1º sem. 2010, pp. 25-42.
- RAGO, Elisabeth Juliska. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. *Cadernos Pagu*, n. 15, 2000.
- RAMOS, Vera. Manhães da Psicanálise. In: MARCHON, Paulo. (Ed.). *A Psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- RASCOVSKY, Arnaldo. Vigenciadel Movimento Psicoanalítico Argentino enel Movimento Psicoanalítico Latinoamericano. *Asociación Psicoanalítica Argentina*. [S.l: s.n.], 1994.
- REIS, José Roberto Franco. “‘De pequenino é que se torce o pepino’: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 1, n. VII, jun. 2000, pp. 135–157.

- REVEL, Jacques. Micro-História, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, set.-dez 2010, pp. 434–590.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Psicologia, profissão feminina. *Cad. Pesq.*, n. 47, Nov. 1983, pp. 32-37.
- RUDGE, Ana Maria. Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID) – 1984- Instituto de Medicina Psicológica (IMP) – 1953-1984. *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. Brasília, DF: Imago, 2011.
- RUSSO, Jane. A difusão da Psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – da vanguarda modernista à radio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia- UERJ*, n. Ano 2, N° 1, 2002a.
- _____. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002b.
- SÁ, Dominich Miranda de. Capítulo 1 Os intelectuais e polêmicas. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger; PIZZINATO, Adolfo; ACCORSSI, Aline. Contextos, processos e memória: narrativas sobre saúde mental nas décadas de sessenta a oitenta no Brasil. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, v. 11, n.1, 2011, pp. 333-352.
- SCHEFFER, Mário César; CASSENOTE, Alex Jones Flores. A feminização da Medicina no Brasil. *Rer. Bioét*, v. 21, n. 2, 2013, pp.268-277
- SCHUMA, Schumacher (Org.). *Dicionário de Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.
- SCOTT, Joan. Introdução. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2002.
- SÉRIO, Nádia Maria Ferreira. *Reconstruindo “Farrapos”. A trajetória histórica da SBPRJ: instituição e poder*. 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 1998.
- SHAPIN, Steven. Review: Personal development and intellectual biography: the case of Robert Boyle the early essays and ethics of Robert Boyle by Robert Boyle; John T. Harwood. *The British Journal for the History of Science* 26(3), 1993, pp. 335-345.
- SILVA, Marcus Vinícius Neto; ESPÍRITTO SANTO, Érica Silvia. “A História das primeiras mulheres psicanalistas do início do Século XX”, *história, histórias*, vol. 3, n. 6, 2015.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Ed.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 231–70.
- SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência*. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Editora das Mulheres/EDUNISC, 2006.

- SOIHET. “Mulheres e Biografia. Significados para a História” In *LOCUS: revista de história*. Juiz de Fora, SP: EDUF JF, v.9, 2003, p.33-48.
- SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. *Em busca pelo campo: Ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX*. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 2014.
- STUDY GROUPS. *International Psychoanalytical Association*. Disponível em <https://www.ipa.world/ipa/en/Societies/Europe/StudyGroups.aspx>. Acesso em 02 de Julho de 2019.
- TAREFEIRO. *Dicionário Priberam*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/tarefeira>. Acesso em 23 de outubro de 2018
- TESSELER, Fani Averbuh. *Vozes de mulheres: educação, universidade e trabalho nos anos 40 e 50 do Século XX*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Porto Alegre, RS, 2009.
- TOSTES, Maurício de Assis (Org.). *(Des)encontro do médico com o paciente: o que pensam os médicos?* 1ª ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2014.
- VAITSMAN, Jeni. *Fexíveis e plurais: identidades, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- VANIN, Iole Macedo. Formação, atuação e produção intelectual das médicas da Faculdade de Medicina da Bahia (1879-1949). *Revista Feminismos*, v. 1, n. 2, 2013.
- VENÂNCIO, Ana. Juliano Moreira. (CAMPOS, Regina Helena Ed.). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- VELLOSO, Monica Pimenta. *O mito da originalidade brasileira: a trajetória intelectual de Cassiano Ricardo* (dos anos 20 ao Estado Novo). Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.
- VILLARI, Rafael Andrés. Entre Viena e Londres: uma visita à casa Sigmund Freud. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 20, n. 3, 2000.
- WADI, Yonissa Marmit; DE BONA CASAGRANDE, Attiliana. Políticas de saúde assistência psiquiátrica no Brasil: o ideário dos hospitais-colônia e a construção do Adauto Botelho no Paraná, anos 1950. *Trashumante. Revista Americana de Historia Social*, núm. 5, enero-junio, 2015, pp. 174-199.
- WAGNER, Robert.; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia “negativa”, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 20, n. 1, mar. 2013, pp. 263–288.
- WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, Maio- Agosto 2010, pp. 205–224

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. A vida como ela é...: imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues. *Cad. Pagu*, n.29, 2007, pp.399-428.